

A QUEDA DO ÚLTIMO XÁ
DO IRÃ, QUE PRETENDIA
TRANSFORMAR SEU PAÍS
NUMA SUPERPOTÊNCIA

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

RYSZARD
KAPUŚCIŃSKI

DOOS XÁS

RYSZARD KAPUŚCIŃSKI

O xá dos xás

Tradução do polonês
Tomasz Barcinski

Posfácio
Dorrit Harazim

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DE BOLSO

Sumário

Baralhos, rostos, campos floridos

Daguerreótipos

A chama morta

Posfácio — *Dorrit Harazim*

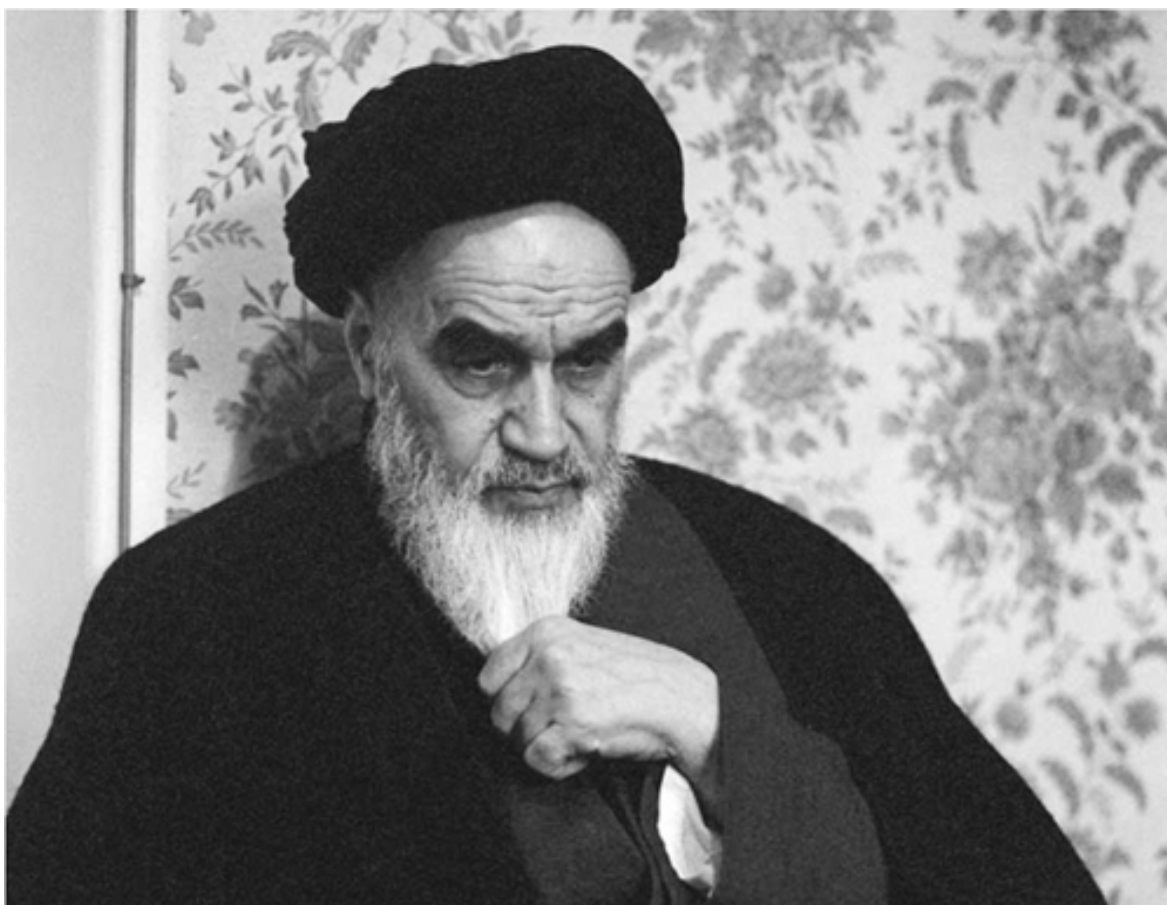
Créditos das imagens



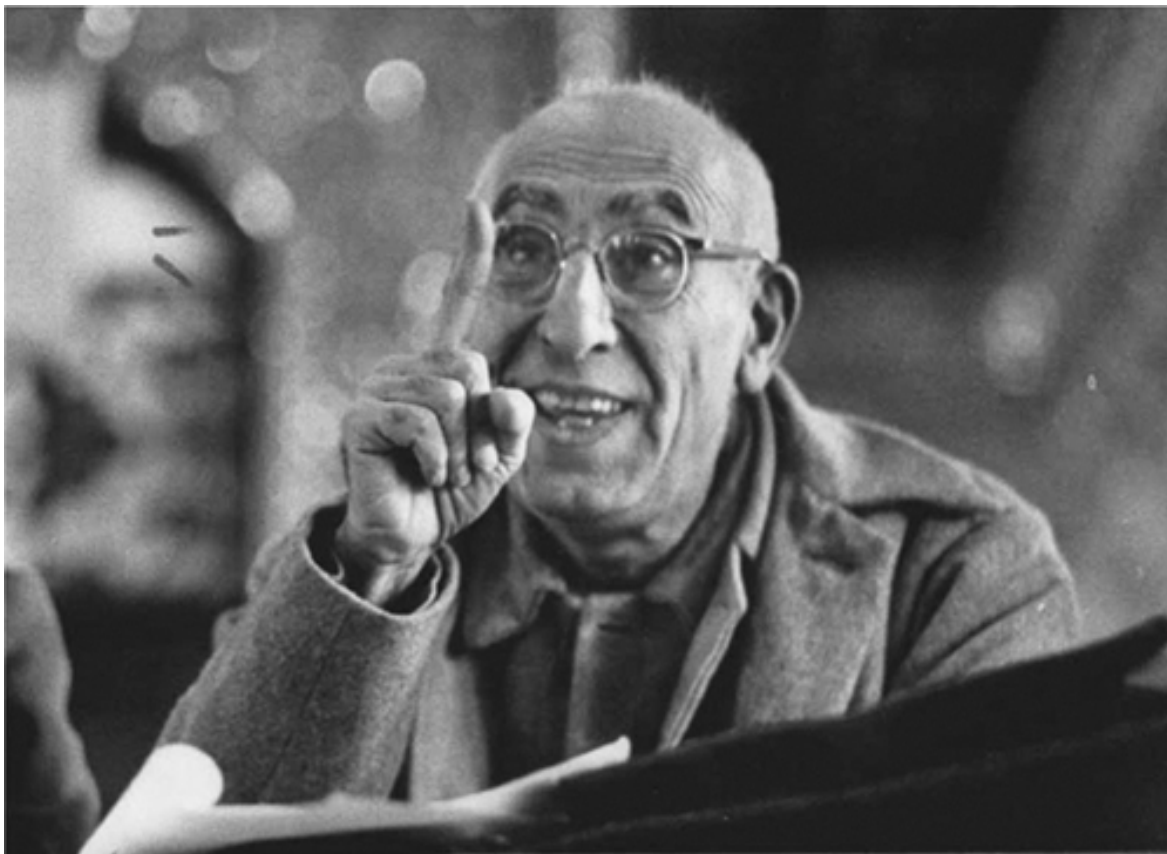
O futuro xá Mohammed Reza Pahlevi e seu pai, o xá Reza Pahlevi.



O xá Mohammed Reza Pahlevi.



O aiatolá Khomeini.



O primeiro-ministro Mohammed Mossadegh.

Baralhos, rostos, campos floridos

Meu bom Deus,

Eu gostaria que não houvesse coisas ruins.

Debbie, *Listy dzieci do Pana Boga*

[Cartas de crianças a Deus], ed. Pax, 1978

A bagunça é tamanha que o lugar parece ter passado por uma violenta e nervosa batida policial. Por toda parte jazem papéis atirados a esmo, pilhas de jornais estrangeiros e locais, edições especiais, manchetes que saltam aos olhos informando que

ELE PARTIU

e grandes fotografias de um rosto magro e alongado, no qual é visível o concentrado esforço para não demonstrar nem nervosismo nem derrota — um rosto com traços tão bem-compostos que, na realidade, não demonstrava mais nada. E, junto das fotos, exemplares de outras edições especiais, com data posterior, anunciando de modo febril e triunfal que

ELE RETORNOU

e logo abaixo, preenchendo a página toda, a foto do rosto patriarcal, severo e fechado em si mesmo, sem desejo de expressar coisa nenhuma.

(E entre a partida e o retorno quantas emoções, quantos nervos expostos, quanta fúria e quanto horror, quantos incêndios!)

A cada passo — no chão, sobre as cadeiras, em cima de mesas e escrivaninhas —, folhas soltas de papel, anotações feitas às pressas e de forma tão atabalhoada que preciso fazer um esforço para me lembrar quando foi que anotei a frase “Ele vai iludi-los e prometer-lhes mundos e

fundos, mas não se deixem enganar”. (Quem dissera aquilo? Quando, e para quem?)

Ou, então, escrito com lápis vermelho e ocupando quase todo o papel: “Telefonar sem falta para 64-12-18” (mas já se passara tanto tempo que não consigo mais me lembrar de quem era aquele número de telefone e por que teria sido tão importante).

Cartas inacabadas e não enviadas. Eu poderia falar por muito tempo sobre o que vi e sofri aqui por estes lados. Mas é difícil organizar minhas impressões...

É sobre uma grande mesa redonda que reina a maior desordem: fotografias dos mais diversos tamanhos, cassetes com fitas magnéticas, fitas amadoras de 8 mm, boletins, cópias de folhetos — tudo empilhado e misturado como num mercado de pulgas, uma confusão total e sem nenhum sentido. E, ainda por cima, cartazes, álbuns, discos, livros comprados ou recebidos de presente, toda a documentação de um tempo que passou há pouco, mas que ainda pode ser visto e ouvido, porque ficou registrado aqui — num filme: multidões de pessoas fluindo como um rio; numa fita magnética: lamentos dos muezins, gritos de comando, conversas, monólogos; nas fotos: rostos extasiados, em estado de elevação.

Agora, ao me dar conta de que deveria começar a arrumar as coisas (pois o dia da minha partida se aproxima), sou tomado por um surto de falta de vontade e irresistível cansaço. Devo admitir que sempre que estou num hotel — o que acontece com frequência — gosto de manter um quê de bagunça no quarto, pois cria a impressão de alguma forma de vida; é um sucedâneo da intimidade e do calor; é uma comprovação (na verdade errônea, mas ainda assim uma comprovação) de que um lugar tão estrangeiro e pouco acolhedor quanto um quarto de hotel acabou sendo conquistado e suavizado, mesmo que apenas parcialmente. Ao me encontrar num quarto arrumado com pedantismo, sinto-me entorpecido e solitário; incomodam-me as linhas retas, os cantos dos móveis, a uniformidade das paredes, a indiferente e inflexível geometria — uma arrumação forçada e meticulosa que parece existir apenas para si mesma, sem nenhum vestígio da nossa

presença. Felizmente, logo após algumas horas de permanência, toda essa ordem se desfaz e desaparece sob a influência das minhas ações (na verdade, inconscientes e resultantes de pressa ou de preguiça). Todos os objetos adquirem vida própria, começam a se deslocar de um lugar a outro, entrando em mutáveis configurações e alianças. O ambiente começa a ficar apertado e com um aspecto barroco, e, com isso, torna-se mais amigável e familiar. Então, posso relaxar e respirar mais livremente.

Como por enquanto não consigo juntar forças suficientes para tocar em qualquer coisa nesse quarto, desço as escadas para um soturno hall onde quatro homens bebem chá e jogam cartas. Entregam-se a um intrincado jogo, cujas regras não consigo entender. Não é bridge, nem pôquer, nem vinte e um, nem sueca. Eles jogam com dois baralhos e em total silêncio, até que em determinado momento um deles, com um sorriso de satisfação no rosto, recolhe todas as cartas da mesa. Em seguida, distribuem as cartas, colocam dezenas delas sobre a mesinha, refletem, fazem algumas contas e discutem calorosamente enquanto calculam.

Esses quatro homens (funcionários da recepção) vivem às minhas custas, já que, sendo eu o único hóspede do hotel, represento o sustento deles. Além dos quatro, sustento ainda arrumadeiras, cozinheiros, garçons, lavadores de roupa, vigias e um jardineiro, e provavelmente mais algumas pessoas e suas respectivas famílias. Não quero dizer com isso que se eu atrasasse o pagamento da conta essa gente toda morreria de fome, mas, por via das dúvidas, esforço-me para pagá-la em dia. Ainda alguns meses atrás, a conquista de um quarto de hotel teria sido um grande feito, comparável a ganhar na loteria. Apesar da vasta quantidade de hotéis, havia tal avalanche de pessoas que os recém-chegados tinham que alugar camas em hospitais particulares a fim de dispor de um teto. Mas agora tudo mudou; os negócios cessaram, não há mais transações mirabolantes nem dinheiro fácil; os empresários locais trataram de esconder suas cabeças astutas, enquanto seus sócios estrangeiros não demoraram a bater em retirada, deixando tudo para trás. Morreu o turismo, cessou toda a movimentação internacional. Alguns hotéis foram incendiados, enquanto outros estão fechados ou vazios; num

deles, os guerrilheiros estabeleceram seu quartel-general. Hoje, a cidade está às voltas apenas consigo mesma — não precisa de estrangeiros; não precisa do mundo.

Os carteadores interrompem o jogo e convidam-me para um chá. Aqui as pessoas bebem somente chá ou iogurte; nada de café nem álcool. Quem consome álcool está sujeito a receber quarenta ou até sessenta chicotadas; e, se o castigo for aplicado por um desses tipos musculosos (em regra, são eles que se revelam os maiores entusiastas da tarefa), ele deixará nossas costas severamente lanhadas. E, assim, bebericamos um chá quente, olhando para a outra extremidade do hall onde, debaixo da janela, está ligado um televisor.

Na tela do televisor surge o rosto de Khomeini.

Khomeini discursa sentado numa poltrona simples de madeira colocada sobre um estrado de tábuas numa das praças de (a julgar pela altura de suas edificações) um bairro pobre de Qom — uma cidade pequena, cinzenta, plana e sem nenhum charme, situada a 150 km de Teerã, numa região desértica, exaustiva e infernalmente quente. Seria de supor que nesse clima assassino nada pudesse favorecer uma tendência à reflexão ou à contemplação, no entanto Qom é uma cidade de fervor religioso, de uma ortodoxia radical, uma cidade mística e repleta de militantes da fé. Essa pobre cidadezinha conta com quinhentas mesquitas e os maiores seminários espirituais; é ali que se travam discussões entre os especialistas no Alcorão e os zelosos defensores da tradição; é ali que deliberam os idosos aiatolás, e é dali que Khomeini comanda o país. Ele jamais sai de Qom; não vai à capital. A bem da verdade, não vai a lugar nenhum e não faz visitas sociais a ninguém. No passado, viveu com a esposa e cinco filhos numa casa pequenina em Qom, numa ruazinha de terra batida, estreita, poeirenta e abafada, no centro da qual o esgoto escorria a céu aberto. Agora se mudou para a não muito distante casa de uma de suas filhas, que dispõe de um balcão com vista para a rua. É desse balcão que ele se mostra à multidão de pessoas que chega (a maioria formada por zelosos peregrinos que vêm visitar as mesquitas da cidade sagrada e, acima de tudo, o túmulo da

Imaculada Fátima, a irmã do oitavo imã Reza, inacessível aos hereges). Khomeini leva a vida de um asceta: alimenta-se com arroz, iogurte e frutas, e vive num quarto com paredes nuas e sem móveis, exceto um leito e uma pilha de livros. É nesse quarto que ele recebe as visitas (inclusive as mais altas delegações estrangeiras), sentado num cobertor estendido no chão e com as costas apoiadas na parede. De sua janela, tem uma visão das cúpulas das mesquitas e do extenso pátio do madraçal — um cerrado mundo de mosaicos turquesa, de minaretes azul-esverdeados, de frescor e sombra. A torrente de visitantes e peticionários flui o dia todo e, caso se interrompa, Khomeini vai rezar ou fica meditando, ou então — o que é mais do que compreensível para um ancião na casa dos oitenta anos — tira uma soneca. A única pessoa com acesso irrestrito ao aposento é seu filho mais moço, Ahmed, um clérigo, assim como o pai. O outro filho — o primogênito e a esperança de seu pai — morreu em circunstâncias misteriosas. Segundo dizem, foi emboscado e assassinado pela polícia secreta do xá.

A câmera mostra a praça totalmente ocupada, ombro com ombro. Mostra rostos interessados e sérios. Num lugar mais afastado, separadas dos homens por um significativo espaço vazio, estão as mulheres, envoltas em xadores. O dia não está ensolarado, o ambiente é acinzentado, a cor da multidão é escura e, onde as mulheres estão, negra. Khomeini, como sempre, está vestido com trajes escuros e folgados e um turbante negro na cabeça. Tem o rosto imóvel e pálido e uma barba grisalha. Quando fala, seus braços continuam apoiados nos braços da poltrona — ele não gesticula. Não inclina o corpo nem a cabeça, permanecendo sentado duro como uma pedra. Por vezes enruga a testa larga e ergue as sobrancelhas; além disso, nenhum músculo se move nesse rosto determinado — o inabalável rosto de um homem obstinado e dono de uma firme e inexorável força de vontade, que desconhece qualquer forma de recuo e, até, de hesitação. Nesse rosto, que parece ter se formado de uma só pincelada, inatingível por qualquer tipo de emoção ou humor, incapaz de demonstrar um só estado de espírito que não seja o de atenção retesada ou de concentração interior, apenas os olhos estão em movimento permanente. Seu olhar vivo e penetrante percorre o

encrespado mar de cabeças, mede a profundidade da praça, avalia as distâncias de suas margens e continua em frente em sua minuciosa inspeção, como se procurasse uma pessoa específica. Ouço sua voz monótona, pausada, monocromática, de ritmo lento e preciso — uma voz possante, porém comedida, sem grandes voos, sem brilho.

“Do que ele está falando?”, pergunto aos jogadores, quando Khomeini para por um momento e se concentra no que dirá a seguir.

“Ele diz que devemos preservar a dignidade”, responde um deles.

O operador de câmera desloca sua lente para os telhados das casas nas redondezas, sobre os quais se veem jovens armados com metralhadoras e com as cabeças cobertas por panos xadrez.

“E agora, o que ele está dizendo?”, pergunto de novo, pois não entendo parse, a língua na qual o aiatolá discursa.

“Ele diz”, responde outro jogador, “que no nosso país não pode haver lugar para influências estrangeiras.”

Khomeini continua a discursar. Todos o escutam com a maior atenção. Na tela, vê-se alguém impondo silêncio ao bando de crianças que cercam o tablado.

“O que ele está dizendo?”, volto a indagar após algum tempo.

“Que ninguém vai nos dizer o que devemos fazer em nosso próprio país nem vai nos impor nada. Ele está dizendo: ‘Sejam irmãos, formem uma unidade.’”

E isso é tudo o que eles podem me dizer no seu inglês vacilante, pobre e limitado. Todos que estudam inglês devem saber que será cada vez mais difícil comunicar-se nessa língua. Assim como será difícil comunicar-se em francês ou em qualquer outra língua proveniente da Europa. Houve uma época em que a Europa reinava sobre o mundo, despachando seus comerciantes, soldados, missionários e funcionários públicos para todos os continentes e impondo a outros seus interesses e sua cultura (esta última, numa versão bastante duvidosa). Até nos pontos mais distantes do mundo, conhecer uma língua europeia era de bom-tom, demonstrava um alto nível educacional e, frequentemente, era uma necessidade básica de

sobrevivência, a possibilidade de obter uma promoção social e profissional, chegando a ponto de ser condição para alguém ser considerado um ser humano. Eram línguas ensinadas nas escolas africanas, pronunciadas em discursos em parlamentos exóticos, usadas no comércio e nas instituições públicas, nos tribunais asiáticos e nos cafés árabes. Um europeu podia viajar o mundo todo e sentir-se em casa, sempre capaz de emitir sua opinião e compreender o que lhe era dito. Hoje o mundo é diferente — centenas de patriotismos floresceram, e cada país deseja cuidar de seus próprios assuntos, de acordo com suas tradições. Cada país agora tem ambições próprias, cada um é (ou pelo menos almeja ser) livre e independente, salienta de forma positiva seus valores e exige que sejam respeitados. É perceptível o quanto todos se tornaram sensíveis e melindráveis a respeito disso. Até mesmo as nações mais pobres e mais fracas (aliás, principalmente elas) não suportam receber orientações e se revoltam contra os que gostariam de governá-las e lhes impor seus valores (questionáveis, na maior parte das vezes). As pessoas até podem admirar o poder alheio, mas preferem fazê-lo à distância e não desejam de forma alguma que esse poder seja demonstrado em seu território. Cada forma de poder tem uma dinâmica própria, um tipo específico de dominância e de expansionismo, sua inábil insolência e até sua obsessiva necessidade de pôr os mais fracos de joelhos. Como todos sabem, é nisso que consiste o poder do mais forte. Mas o que pode fazer o mais fraco? Somente se isolar. No mundo superlotado e impositivo de hoje, a única forma de o mais fraco se defender, de conseguir manter-se à tona, é separar-se dos demais, colocar-se à margem. As pessoas têm medo de ser engolidas, desnudadas, de passar por um processo de uniformização de seus passos, de seus rostos, de seus olhares, de sua fala. De que lhes ensinem a pensar e a reagir de um modo uniforme, de que lhes mandem verter seu sangue em prol de causas que não são as suas e, finalmente, de se aniquilarem por completo. Daí provêm a dissensão e a revolta, a luta por uma existência independente e por uma língua própria. Na Síria, foi fechado um jornal francês; no Vietnã, um inglês. E agora, aqui no Irã, um francês e um inglês. No rádio e na televisão, os iranianos se

expressam apenas em sua própria língua — o parse. O mesmo ocorre nas coletivas de imprensa. Em Teerã, uma pessoa incapaz de ler o que está escrito na porta de uma loja de artigos femininos poderá acabar presa — como também será preso o homem que ousar adentrá-la. E uma pessoa que não conseguir ler os dizeres “Minas! Entrada proibida!” numa placa perto de Isfahan colocará sua vida em sério perigo.

Houve uma época em que eu viajava pelo mundo com um pequeno rádio de pilha e podia acompanhar tudo o que se passava no planeta apenas sintonizando as emissoras locais de qualquer continente. Hoje, esse rádio — que me foi tão útil — não me serve mais de nada. Quando giro o botão de sintonia, capto dez estações, uma atrás da outra, mas do alto-falante emanam vozes em línguas diferentes, todas incompreensíveis para mim. Ao viajar mais mil quilômetros, escuto dez outras emissoras igualmente impossíveis de ser compreendidas. Quem sabe neste exato momento elas não estejam informando que o dinheiro que eu carrego no bolso deixou de existir? Ou então que eclodiu uma nova guerra mundial?

O mesmo ocorre com a televisão. A qualquer hora, não importa em que lugar do mundo, vemos na tela uma multidão infindável de pessoas dizendo algo, tentando nos persuadir de alguma coisa, gesticulando, fazendo caretas, sorrindo, meneando a cabeça, apontando, enquanto ficamos sem saber do que se trata, o que querem de nós, em nome de que causa nos convocam. É como se toda essa multidão fosse composta de seres de um planeta distante, um enorme exército de relações-públicas de Vênus ou Marte. No entanto, são nossos irmãos, fazem parte da nossa espécie, têm ossos e sangue como nós e também movem os lábios para emitir sons — só que não entendemos o que dizem. Em que língua será travado o diálogo universal da humanidade? Centenas lutam por reconhecimento e promoção. Erguem-se barreiras linguísticas; a incompreensão e a surdez adquirem proporções cada vez maiores.

Após uma curta interrupção na qual são mostrados campos cheios de flores (as pessoas daqui adoram flores, e os túmulos de seus maiores poetas

estão situados em jardins exuberantes, coloridos), aparece na tela a fotografia de um jovem. Ouve-se a voz do locutor.

“O que ele está dizendo?”, pergunto aos jogadores de cartas.

“Ele está dizendo o nome e o sobrenome daquele homem e contando quem ele foi.”

A fotografia é seguida por outra, outra e mais outra. São fotos recortadas de carteiras de estudantes, retiradas de porta-retratos, instantâneos feitos em cabines automáticas, fotos com ruínas em segundo plano, um retrato de família com uma setinha apontando para uma jovem quase oculta por um parente. Cada foto permanece na tela por alguns segundos, enquanto ouvimos a voz do locutor recitar uma extensa lista de nomes.

Os pais buscam informações. Estão atrás dos filhos há vários meses, mantendo uma esperança que, certamente, ninguém mais sustenta. As pessoas das fotos desapareceram em setembro, dezembro, janeiro — ou seja, nos meses em que se travaram os combates mais intensos, quando incêndios não cessavam nas cidades. Tudo indica que tenham marchado nas primeiras fileiras dos manifestantes, indo direto ao fogo das metralhadoras, ou então que foram atingidas por franco-atiradores distribuídos estrategicamente nos telhados. É de se supor que esses rostos tenham sido vistos pela última vez pelos olhos de um soldado, na mira de sua arma.

As fotos se sucedem. Trata-se de um programa diário, e no decorrer dele o locutor nos apresenta a um número cada vez maior de pessoas que já não existem.

Um novo campo florido e, no momento seguinte, a segunda atração do programa noturno. Mais uma vez fotografias, agora, porém, de pessoas completamente diferentes. São, em sua maioria, homens mais velhos e de aparência negligente, vestidos com roupas desalinhadas (colarinhos amassados, casacos de zuarte sujos e amarrotados), olhares cheios de desespero, rostos encovados, não barbeados — e um ou outro barbudo. Cada um traz pendurado no pescoço um pedaço de cartolina com seu nome e sobrenome. Quando um rosto específico surge na tela, um dos jogadores observa: “A-há, então é *ele!*”, e todos olham para o televisor com atenção

redobrada. O locutor lê os dados pessoais e descreve os crimes que cada um cometeu. O general Mohammed Zand deu ordem de abrir fogo contra uma manifestação pacífica em Tabriz, matando centenas de pessoas. O major Hossein Farzin torturava os prisioneiros queimando suas pálpebras e arrancando suas unhas. O locutor informa que, poucas horas antes, o pelotão de fuzilamento da milícia islâmica executara a sentença determinada pelo tribunal, que os condenara à morte.

Durante esse desfile dos bons e maus ausentes, o ar no saguão vai se tornando cada vez mais denso e carregado, principalmente porque a roda da morte continua girando e cuspidando mais e mais fotografias (algumas já desbotadas e outras bem recentes — as da escola e as da prisão). Essa procissão de rostos imóveis e silenciosos ao mesmo tempo me deprime e me absorve, a tal ponto que chego a imaginar que a qualquer momento vou ver na tela a fotografia dos jovens sentados ao meu lado e depois a minha, e ouvir o locutor mencionar nossos nomes.

Volto ao primeiro andar, atravesso o corredor deserto e me tranco no meu quarto bagunçado. Como é costume àquela hora, de alguma parte da cidade invisível chega até mim o som de um tiroteio. Tiros são disparados regularmente todas as noites. Começam cerca de nove horas, como se fossem parte de um antigo costume ou de um acordo recente. Depois, a cidade emudece, para logo em seguida voltarmos a ouvir tiros e até algumas explosões. Ninguém se preocupa com isso, ninguém dá atenção a isso nem considera que seja algo que possa representar perigo (ninguém, exceto aqueles atingidos pelas balas). Desde meados de fevereiro, quando eclodiu o levante e a multidão saqueou o arsenal de munições, Teerã passou a ser uma cidade armada, em permanente estado de tensão. Ao abrigo da escuridão, nas ruas e nas casas desenrola-se uma trama de assassinatos; cabeças que ficaram de tocaia durante o dia emergem e grupos armados que se escondiam avançam sobre a cidade.

Essas noites intranquilas condenam as pessoas a uma prisão domiciliar, obrigando-as a permanecer trancadas a sete chaves. Embora não haja um toque de recolher oficial, andar pelas ruas entre a meia-noite e o raiar do sol

pode ser difícil e arriscado. Nesse intervalo, a cidade — atocaiada e imóvel — encontra-se nas mãos da milícia islâmica ou de grupos independentes de guerrilheiros. Nos dois casos, trata-se de grupos de jovens muito bem armados que incessantemente apontam armas para nós, submetem-nos a intermináveis interrogatórios, confabulam e, de vez em quando e só por via das dúvidas, acabam nos encaminhando para a prisão — da qual, depois, é muito difícil sair. Para piorar as coisas, nunca sabemos quem são nossos captores, já que os representantes da violência com que deparamos não portam nenhum sinal de identificação; não há uniformes nem quepes, braçadeiras nem insígnias — são simplesmente civis armados, cuja autoridade deve ser aceita sem questionamento, caso prezemos nossa vida. Com o tempo, começamos a nos orientar e aprendemos a classificá-los. Por exemplo, esse senhor elegante, vestido com um terno de domingo, camisa branca e uma gravata muito bem ajustada, esse senhor distinto que anda pela calçada com um rifle pendurado no ombro, é com certeza um miliciano de um dos ministérios ou das repartições centrais. Já o garoto com o rosto coberto por uma máscara (uma meia de lã enfiada na cabeça com aberturas para os olhos e a boca) é membro de um grupo de fedaim locais, que não conhecemos nem de vista nem de nome. Não temos certeza de quem possam ser os homens que, vestidos com casacos verdes de uniformes americanos, passam a toda a velocidade em automóveis com canos de armas automáticas apontados para fora. Tanto podem ser milicianos como membros de um dos inúmeros bandos de oposição (fanáticos religiosos, anarquistas, alguns remanescentes da Savak*) que, com determinação suicida, estão sempre prontos a perpetrar algum ato de sabotagem ou de vingança.

A bem da verdade, não faz nenhuma diferença quem vai nos preparar uma cilada ou de quem é a armadilha na qual acabamos caindo (seja oficial ou ilegal). Esse tipo de adivinhação não diverte ninguém; para evitar surpresas, as pessoas preferem se entrincheirar em suas casas à noite. O meu hotel também está fechado (a esta hora o som de disparos se mistura aos sons de persianas sendo abaixadas e ao barulho de portões e portas

batendo). Ninguém vai chegar, nenhum amigo vai me fazer uma visita. Não tenho com quem conversar e permaneço sozinho num quarto vazio, olhando para anotações e fotografias espalhadas sobre a mesa e escutando conversas gravadas em fitas magnéticas.

* Polícia secreta do Irã, conhecida por sua selvageria nas sessões de tortura e nas execuções dos opositores ao regime do xá. (N. T.)

Daguerreótipos

*“Meu bom Deus,
Será que o Senhor sempre coloca almas corretas
em pessoas sensatas? E nunca se engana?”
Cindy, Listy dzieci do Pana Boga*

FOTOGRAFIA (1)

É a fotografia mais antiga que consegui encontrar. Um soldado segura uma corrente à qual está preso um homem. O soldado e o homem acorrentado olham para a objetiva com atenção; está claro que é um momento importante para os dois. O soldado já tem certa idade e é de baixa estatura — um camponês típico, simples e obediente. Está vestido com um uniforme mal cortado e obviamente destinado a alguém maior que ele — as calças se enrugam, formando uma sanfona em suas pernas, e seu enorme quepe está colocado obliquamente na cabeça, apoiando-se sobre orelhas de abano. De forma geral, ele tem uma aparência engraçada, que lembra Schweik.* O homem acorrentado (rosto magro e pálido, olhos cavos) tem a cabeça envolta em bandagens; é evidente que está ferido. A legenda embaixo da foto informa que o soldado é o avô do xá Mohammed Reza Pahlevi (o último soberano do Irã) e o homem acorrentado é o assassino do xá Naser-ed-Din. Assim, a foto deve ter sido tirada em 1896, quando Naser-ed-Din, após um reinado de 49 anos, foi assassinado pelo homem da foto. Tanto o avô como o assassino têm um ar cansado, o que não é de estranhar: há vários dias estão se deslocando desde Qom até o lugar das execuções públicas, em Teerã. O soldado caminha atrás e o acorrentado e macilento assassino, à sua frente. Ambos deslocam-se penosamente por um caminho desértico, debaixo de um calor infernal e envoltos num ar sufocante, assim

como no passado trupes circenses costumavam viajar conduzindo um urso domado preso a uma corrente, exibindo-o em espetáculos nos vilarejos e ganhando alguns trocados para alimentar a si mesmas e ao animal. Agora, o avô e o criminoso caminham com grande dificuldade, enxugando o suor da fronte a toda hora. De vez em quando o prisioneiro se queixa de dor na cabeça ferida, mas via de regra ambos permanecem calados, pois, afinal de contas, não há sobre o que conversar — o assassino matou e o avô o está levando para ser morto. A Pérsia é um país muito pobre, não possui estradas de ferro e os únicos veículos puxados por cavalos pertencem a membros da aristocracia, de modo que esses dois homens têm de ir a pé até o local distante determinado por uma sentença e um mandado. De vez em quando, passam por alguns casebres de barro em frente aos quais camponeses miseráveis e esfarrapados estão sentados no chão, inertes e imóveis. Mas, diante da aproximação do prisioneiro e de seu guardião, um brilho de interesse ilumina seus olhos — eles se erguem e cercam os empoeirados recém-chegados. “Quem o senhor está conduzindo?”, perguntam, humildes, ao soldado. “Quem?”, repete o soldado, calando-se por um momento no intuito de causar maior efeito e tensão. “Este”, diz finalmente, apontando para o prisioneiro, “é o assassino do xá!” Na voz do avô ecoa um inocultável tom de orgulho. Os camponeses olham para o assassino com um misto de horror e admiração. O fato de ter matado uma pessoa tão importante faz o homem acorrentado lhes parecer enorme, como se — com seu ato criminoso — tivesse sido promovido a um mundo superior. Não sabem se devem olhá-lo com indignação ou cair de joelhos diante dele. Enquanto isso, o soldado prende a corrente num pedaço de pau enterrado na terra, tira do ombro o fuzil (tão comprido que quase chega a tocar no chão) e ordena aos camponeses que lhe tragam comida e bebida. Os camponeses coçam a cabeça, pois não há comida no vilarejo. É preciso acrescentar que o soldado, por ser também um camponês, assim como todos os camponeses, não possui um sobrenome, adotando como tal o nome de seu vilarejo — Savad-Kuhi. Ele, porém, possui um uniforme e um fuzil, e foi distinguido com a importante missão de levar ao pátio de execuções o assassino do xá. Diante

disso, aproveita-se do fato de se achar em posição tão elevada e volta a ordenar aos camponeses que lhe tragam comida e bebida, muito por sentir suas entranhas se contorcendo de fome, mas também porque não lhe é permitido deixar o homem acorrentado morrer de sede ou de exaustão, sob pena de em Teerã ser necessário cancelar o extraordinário espetáculo representado pelo enforcamento — numa praça repleta de gente — do assassino do xá. Os assustados camponeses, açulados impiedosamente pelo soldado, acabam trazendo aquilo com que eles mesmos se alimentam: umas raízes murchas arrancadas da terra e um saco de pano com gafanhotos secos. O avô e o assassino sentam-se à sombra de uma árvore e se põem a comer. Mastigam com prazer os corpos dos gafanhotos, cuspidos fora suas asinhas e bebendo água, enquanto os camponeses olham para eles em silêncio e com inveja. Ao anoitecer, o soldado escolhe a melhor choupana, expulsa dela seus proprietários e transforma-a numa prisão temporária. Envolve-se na mesma corrente à qual está preso o criminoso (para que ele não fuja), deita-se junto dele no chão de barro batido e coberto de baratas, e ambos, exaustos pela longa caminhada sob o sol a pino, caem num sono profundo. Levantam-se na madrugada seguinte e retomam a marcha para o local determinado pela sentença e pelo mandado — portanto, para o norte, na direção de Teerã —, através do mesmo deserto, sob o mesmo calor insuportável e caminhando na ordem já preestabelecida: o assassino de cabeça enfaixada à frente; atrás dele, a balançante cauda formada pela corrente metálica na mão do soldado-guardião e, por fim, o próprio — num uniforme tão mal cortado e com uma aparência tão cômica, com aquele gigantesco quepe torto apoiado em orelhas salientes, que quando o vi pela primeira vez na fotografia não pude deixar de pensar na hora como ele se parecia com Schweik.

FOTOGRAFIA (2)

Nessa foto, vemos um jovem oficial da Brigada de Cossacos Persas parado junto a uma metralhadora, explicando a seus colegas o funcionamento

daquela arma letal. Como a arma da foto é um modelo modernizado da metralhadora Maxim de 1910, a foto também deve ser dessa mesma época. O jovem oficial (nascido em 1878) se chama Reza Khan e é filho do soldado-guardião que encontramos no deserto alguns anos antes, levando preso a uma corrente o assassino do xá. Ao compararmos as duas fotografias, notamos imediatamente que, ao contrário do pai, Reza Khan tem o físico de um gigante. É pelo menos uma cabeça mais alto que seus colegas, seu tórax é vigoroso e ele dá a impressão de ser um desses brutamontes capazes de quebrar facilmente ferraduras com as mãos. A expressão do rosto é marcial, o olhar é frio e penetrante, a mandíbula larga e vigorosa, e seus lábios estão cerrados, sem nenhum indício de sorriso. A cabeça está protegida por um chapéu cossaco de astracã preto, pois, como já disse, ele é um oficial da Brigada de Cossacos Persas (o único exército de que o xá dispunha na época), comandada pelo coronel tsarista de São Petersburgo, Vladimir Liakhov. Reza Khan é um protegido do coronel Liakhov, um homem que apreciava soldados natos, e o nosso jovem oficial nasceu para ser soldado. Ingressou na brigada aos catorze anos ainda analfabeto (aliás, não conseguiu aprender a ler nem escrever direito até o fim de seus dias) e, graças à sua obediência, disciplina, poder de decisão e uma inteligência nata — além daquilo que os militares costumam chamar de “dom de liderança” —, foi aos poucos galgando os degraus da carreira profissional. Mas as promoções mais importantes tiveram início depois de 1917, quando o xá, acusando (sem razão) Liakhov de ser simpático aos bolcheviques, despacha-o de volta para a Rússia. Com isso, Reza Khan é promovido a coronel e assume o comando da brigada cossaca, que, a partir daquele momento, passa a ser tratada com um carinho todo especial pela Inglaterra. Numa recepção, o general britânico sir Edmund Ironside, depois de se pôr na ponta dos pés para alcançar os ouvidos de Reza Khan, sussurra: “Coronel, o senhor é um homem de imensas possibilidades!”. Os dois homens saem para o jardim, e ali, enquanto passeiam, o general lhe sugere um golpe de Estado e lhe transmite as bênçãos de Londres. Em fevereiro de 1921, Reza Khan, à frente de sua brigada, adentra Teerã, prende os políticos da capital (é inverno, os

políticos se queixam do frio e da umidade das celas da prisão) e em seguida convoca um novo governo, do qual se torna ministro da Guerra e, mais tarde, primeiro-ministro. Em dezembro de 1925, a obediente Assembleia Constituinte (que teme o coronel e os ingleses que o apoiam) proclama o comandante cossaco xá da Pérsia. A partir desse momento, nosso jovem oficial — a quem vemos na fotografia explicando aos colegas (todos na foto estão vestidos com blusas e chapéus cossacos) o funcionamento do modernizado modelo de 1910 da metralhadora Maxim — passará a se chamar xá Reza, o Grande, Rei dos Reis, Sombra do Todo-Poderoso, Vigário de Deus, Centro do Universo, além de fundar a dinastia Pahlevi, que se inicia com ele e, conforme os veredictos do destino, se encerra com seu filho, que, numa igualmente fria manhã invernal como aquela na qual seu pai conquistava a capital e o trono — só que 58 anos mais tarde —, abandona o palácio e Teerã, partindo num moderno avião a jato para um destino desconhecido.

FOTOGRAFIA (3)

Compreenderá muitas coisas todo aquele que olhar com atenção para essa fotografia de pai e filho tirada em 1926. Na foto, o pai está com 48 anos e o filho com sete. O contraste entre eles é chocante sob qualquer ponto de vista: de um lado, a possante e peremptória figura do xá pai, com um olhar soturno e as mãos apoiadas nos quadris; de outro, a frágil e diminuta silhueta de um garoto pálido que mal chega à altura do cinturão do pai e que, nervoso e obediente, mantém-se em posição de sentido. Os dois vestem uniformes e quepes iguais, têm as mesmas botas, os mesmos cinturões e a mesma quantidade de botões — catorze. Essa identidade visual dos trajes é ideia do pai, que deseja que o filho se assemelhe a ele em todos os detalhes possíveis, embora o menino, na realidade, seja muito diferente. O filho pressente a intenção paterna e, embora seja fraco e inseguro por natureza, decide se esforçar ao máximo para, a qualquer preço, assumir a impiedosa e despótica personalidade do pai. A partir desse momento, começam a se

desenvolver no íntimo do garoto duas naturezas — a dele mesmo e a replicada; a nata e a paterna que, graças a esforços ambiciosos, ele começa a construir. Por fim, acaba sendo dominado de tal modo pelo pai que anos depois, quando se sentar no trono, vai, de forma inconsciente (e por vezes até consciente), reproduzir o comportamento dele e — já no fim de seu governo — invocar sua personalidade despótica. Por ora, o pai inicia seu reinado com o ímpeto e vigor que lhe são inatos. Tem uma clara visão da missão que lhe cabe e sabe o que pretende alcançar (usando sua linguagem brutal, ele quer botar a ralé ignara para trabalhar e construir um país novo e forte, diante do qual — segundo suas próprias palavras — todos se cagariam de medo). Tem uma pesada mão prussiana e adota métodos de feitor. O ocioso e semiadormecido Irã (por sua ordem, a Pérsia passa a ser denominada Irã) treme nas bases. Começa formando um impressionante exército. Cento e cinquenta mil homens recebem uniformes e armas. O Exército é sua menina dos olhos e sua maior paixão. O Exército precisa ter sempre dinheiro. Na verdade, tem que ter tudo o que precisa. É o Exército que conduzirá a nação à modernidade, à disciplina e à obediência. Todos devem ficar em posição de sentido! É decretada a proibição do uso de trajes iranianos. Todos devem se vestir com ternos europeus! É proibido usar gorros iranianos. Todos devem andar com chapéus europeus! É proibido o uso do xador. Nas ruas, a polícia arranca os xadores das mulheres. Como os fiéis das mesquitas de Mashhad protestam contra essas medidas, o xá despacha para lá a artilharia, que destrói as mesquitas e massacra os rebeldes. Em seguida, ordena o assentamento das tribos nômades. Os nômades protestam. O xá envenena seus poços, condenando-os a morrer de fome. Os nômades continuam protestando, e o xá envia contra eles expedições punitivas que transformam regiões inteiras em terras despovoadas. Muito sangue corre pelos caminhos do Irã. O xá proíbe que se fotografem camelos. “O camelo”, diz, “é um animal ultrapassado.” Em Qom, um mulá pregava sermões críticos. O xá entra na mesquita e aplica-lhe uma surra com um bastão. Quando o grão-aiatolá Madresi ergue a voz contra ele, o xá o mantém por anos numa masmorra. Os liberais protestam

timidamente pelos jornais. O xá fecha os jornais e prende os liberais, ordenando que alguns sejam emparedados numa torre. Como castigo aos que considera descontentes, ordena que se apresentem diariamente à polícia. Nas recepções sociais, até damas de alta linhagem desfalecem de medo quando aquele monossilábico e inacessível gigante olha atravessado para elas. Até o fim de seus dias, Reza Khan manteve muitos costumes de sua infância campesina e juventude castrense. Mora num palácio, mas continua dormindo no chão; está sempre vestido com um uniforme e come com os soldados, do mesmo caldeirão. É um dos nossos! Ao mesmo tempo, é ganancioso quando se trata de terras e dinheiro. Aproveitando-se de seu poder, amalha uma considerável fortuna. Torna-se o maior senhor feudal do país, dono de quase 3 mil vilarejos e 250 mil camponeses neles estabelecidos. Possui ações de fábricas e tem participação em bancos, recebe tributos e faz contas e mais contas. Basta que veja uma esplêndida floresta, um vale verdejante ou uma plantação fértil para desejar que aquela floresta, aquele vale e aquela plantação lhe pertençam. Incansável, dedica boa parte do tempo para aumentar o número de suas propriedades, multiplicando sua extraordinária fortuna. Ninguém pode se aproximar da linha demarcatória das propriedades do xá. Certo dia realiza-se uma execução pública: por ordem dele, um pelotão do Exército fuzila um estúpido qualquer que, sem dar importância à proibição, ousou adentrar um campo pertencente a Reza Khan. Os camponeses da região assistiram à execução, especialmente convocados para aprender a respeitar a propriedade de seu amo. No entanto, apesar de sua crueldade, ganância e excentricidades, o velho xá teve alguns méritos. Salvou o Irã da completa aniquilação que aguardava a nação depois da Primeira Guerra Mundial. Além disso, esforçou-se para modernizar o país, construindo rodovias e estradas de ferro, escolas e departamentos públicos, aeroportos e novos bairros nas cidades. No entanto, a nação permaneceu pobre e apática, e, quando Reza Khan partiu, o povo, agradecido, festejou esse evento por bastante tempo.

FOTOGRAFIA (4)

Uma fotografia famosa que, no seu tempo, percorreu o mundo: Stálin, Roosevelt e Churchill estão sentados em confortáveis poltronas numa espaçosa varanda. Stálin e Churchill vestem uniforme, enquanto Roosevelt usa um terno escuro. Teerã em uma ensolarada manhã de 1943. Todos na foto têm uma aparência tranquila, e isso nos alegra, pois sabemos que está sendo travada a guerra mais terrível da história e que a expressão no rosto dessas pessoas é crucial para todos: ela precisa transmitir alento. Os fotógrafos oficiais concluem seu trabalho, e os Três Grandes adentram o hall para uma breve conversa privada. Roosevelt indaga a Churchill o que aconteceu com o governante daquele país, o xá Reza (“Se é que estou pronunciando corretamente o nome dele”, acrescenta). Churchill dá de ombros e responde com má vontade. O xá era um admirador de Hitler e cercou-se de nazistas. O Irã estava repleto de alemães, tanto no palácio quanto nos ministérios e no Exército. A Abwehr^{**} tornou-se uma potência em Teerã, e o xá olhava para isso com aprovação, já que Hitler travava uma guerra contra a Inglaterra e a Rússia, e o monarca detestava a Inglaterra e a Rússia, esfregando as mãos de contentamento a cada avanço das tropas do Führer. Londres estava preocupada com o petróleo iraniano, que era o combustível da frota britânica, enquanto Moscou temia que os alemães desembarcassem no Irã e desferissem um ataque na região do mar Cáspio. Mas, acima de tudo, todos estavam interessados na ferrovia transiraniana, que os americanos e os ingleses queriam usar para transportar armas e alimentos para Stálin. O xá havia se recusado a consentir sua utilização, e o momento era dramático — as divisões alemãs avançavam cada vez mais para o leste. Diante dessa situação, os aliados agiram decisivamente; em agosto de 1941, o Irã é invadido por tropas britânicas e soviéticas. Quinze divisões iranianas renderam-se sem oferecer nenhuma resistência digna de nota, o que o xá recebeu como uma notícia inacreditável e sentiu como uma humilhante afronta pessoal. Parte do seu exército dispersou-se e foi para casa, enquanto outra foi trancafiada pelos aliados nas casernas. O xá, desprovido de seus soldados, perdeu importância e deixou de existir. Os ingleses — que costumam respeitar os monarcas, mesmo aqueles que os

traíram — deram ao xá a possibilidade de uma saída honrosa: “Que Vossa Alteza tenha a bondade de abdicar em favor de seu filho, o herdeiro do trono. Nós o temos em alta conta e asseguraremos sua posição. Mas que Vossa Alteza não pense que pode ter qualquer outra saída”. O velho xá concorda e, em setembro de 1941, o trono é ocupado por seu filho de 22 anos, Mohammed Reza Pahlevi. O velho xá já não é uma pessoa pública e, pela primeira vez na vida, veste um terno civil. Os ingleses o embarcam num navio e o enviam a Joanesburgo, na África do Sul (onde ele faleceu após três anos de uma vida tediosa porém confortável, e sobre a qual não há muito a dizer). “*We brought him, we took him*”, foi como Churchill sintetizou a situação. O império dá, o império tira.

DAS ANOTAÇÕES (1)

Constato que me faltam — ou não consigo encontrar — algumas fotografias. Não tenho fotos da juventude do último xá. Não tenho uma de 1939, quando ele frequentava a escola de oficiais em Teerã, tinha vinte anos e seu pai o nomeou general. Não tenho uma foto de sua primeira esposa, Fawzia, banhando-se em leite. Sim. Fawzia, irmã do rei Faruk, jovem de grande beleza, costumava banhar-se em leite. Mas a princesa Ashraf — a irmã gêmea do jovem xá e, segundo dizem, a parte escura de sua alma — jogava soda cáustica em sua banheira — um dos escândalos palacianos. Em compensação, tenho uma foto do último xá tirada em 16 de setembro de 1941, quando assumiu o trono como xá Mohammed Reza Pahlevi. Ele está de pé na sala do Parlamento, elegante, metido num uniforme de gala com a espada presa ao cinto, lendo o texto do juramento. A foto foi reproduzida nas dezenas — senão centenas — de álbuns dedicados ao xá, que gostava de ler livros e folhear álbuns editados em sua homenagem. Gostava também de inaugurar suas estátuas e retratos. Não era difícil encontrar uma imagem do xá. Bastava plantar-se em qualquer lugar e abrir os olhos — o xá estava em toda parte. Como não era alto o suficiente para se destacar no meio de outras pessoas, os fotógrafos tinham que posicionar suas objetivas de tal

forma que numa foto ele parecesse ser o mais alto do grupo. O xá os auxiliava nessa tarefa usando sapatos de salto alto. Seus súditos beijavam suas botas. Tenho uma foto na qual estão fazendo exatamente isso: jazem diante dele e beijam suas botas. Por outro lado, não tenho uma foto do seu uniforme de 1949. O uniforme em questão, perfurado por balas e manchado de sangue, estava exposto numa vitrine no clube de oficiais em Teerã como uma relíquia e um lembrete. O xá estava vestido com ele quando um jovem fingindo-se de repórter fotográfico e levando uma pistola montada dentro de sua câmera fez uma série de disparos, ferindo gravemente o monarca. Calcula-se que tenha havido cinco atentados à sua vida. Isso criou tal clima de perigo (aliás, real) que o xá vivia cercado por uma multidão de policiais. Quando eram organizados eventos com a presença dele, por motivos de segurança só estrangeiros eram convidados, o que incomodava muito os iranianos. Mordazes, seus conterrâneos comentavam que o xá deslocava-se pelo país exclusivamente de avião ou de helicóptero e que por isso via o país apenas do alto — de uma perspectiva cômoda, na qual todos os contrastes se nivelavam. Não tenho nenhuma fotografia de Khomeini dos tempos de outrora. Ele aparece na minha coleção já como um ancião, como um homem que nunca foi jovem nem de meia-idade. Os fanáticos locais acreditam piamente que Khomeini seja aquele Décimo Segundo Imã — o Aguardado —, que desapareceu no século IX e agora, passados mil anos, retornou para libertá-los da pobreza e das perseguições. Não deixa de ser paradoxal, mas o fato de Khomeini sempre ser visto nas fotografias como um homem avançado em anos poderia servir como uma confirmação dessa crença ilusória.

FOTOGRAFIA (5)

É de supor que esse seja o dia mais importante na longa vida do dr. Mossadegh. O advogado deixa o Parlamento carregado nos ombros de uma gigantesca e vibrante multidão. Está sorridente e saúda o público com o braço direito erguido. Três dias antes, em 28 de abril de 1951, foi nomeado

primeiro-ministro, e hoje o Parlamento aprovou seu projeto de nacionalização do petróleo. O maior tesouro do Irã passou a ser propriedade da nação. É preciso entrar na atmosfera dessa época, porque o mundo mudou muito desde então. Naqueles anos, pretender realizar uma façanha como essa de Mossadegh equivaleria a jogar inesperadamente uma bomba sobre Londres ou Washington. O efeito psicológico seria o mesmo — choque, medo, ira, indignação. Lá nos confins do mundo, num tal de Irã, um advogadozinho qualquer, e certamente um demagogo de primeira, ousou desafiar a Anglo-Iranian — o pilar do nosso império! Isso é algo inacreditável e, mais importante, totalmente inaceitável! Uma propriedade colonial era um bem sagrado, um tabu intocável. Mas nesse dia, cuja atmosfera esfuziante se percebe facilmente através de todos os rostos visíveis na fotografia, os iranianos ainda não sabem que cometeram um crime e que terão de sofrer um duro castigo. Por enquanto, toda Teerã vive um clima de festa, vive o grande dia da libertação de seu odiado passado alienígena. “O petróleo é o nosso sangue!”, grita a turba ensandecida. “O petróleo é a nossa liberdade!” O clima da cidade contamina o palácio, e o xá apõe sua assinatura ao decreto de nacionalização. É um momento de irmandade total, um momento fugaz que logo se transformará em simples lembrança, pois a harmonia no seio da família nacional não durará muito tempo. As relações entre Mossadegh e os dois xás Pahlevi (pai e filho) nunca foram muito boas. Mossadegh era um homem formado no pensamento francês, um liberal e democrata que acreditava em instituições como Parlamento e imprensa independente, e sofria com o estado de dependência no qual sua pátria se encontrava. Já nos anos da Primeira Guerra Mundial, logo após retornar de seus estudos de direito na Europa, assume um mandato no Parlamento e, nesse palco, luta contra a corrupção e a lisonja, contra a crueldade dos governantes e o mau-caratismo das elites. Quando Reza Khan perpetra o golpe de Estado e cobre-se com a coroa de xá, Mossadegh acusa-o com virulência, chamando-o de usurpador e, em sinal de protesto, renuncia a seu mandato parlamentar, retirando-se da vida pública. Após a queda de Reza Khan, uma grande chance abre-se para Mossadegh. O jovem xá era um

homem na época mais interessado na vida mundana e em esportes do que em política, portanto parecia haver a possibilidade de transformar o Irã numa democracia e conseguir sua plena independência. As forças de Mossadegh são tão poderosas e seus lemas tão populares que o xá é posto de lado. Joga futebol, organiza bailes de máscaras, separa-se e casa-se novamente, viaja para esquiar nas neves da Suíça. O xá nunca foi uma figura popular, e o círculo de pessoas com as quais mantinha um contato mais próximo revelava um caráter bastante limitado. Agora, as pessoas mais importantes desse círculo são os militares — o esteio do palácio. São os oficiais mais velhos, que ainda se lembram do prestígio e do poder que o Exército desfrutava nos tempos do xá Reza, e os oficiais mais jovens, colegas da academia militar do novo xá. Tanto a uns quanto a outros desagradam o democratismo de Mossadegh e as demandas das ruas que ele insufla. Só que ao lado de Mossadegh está uma pessoa que, na época, tinha grande autoridade — o aiatolá Kashani. O que significa que o velho advogado contava com o apoio de toda a nação.

FOTOGRAFIA (6)

O xá e sua nova esposa, Soraya Esfandiari, em Roma. Mas não se trata de uma alegre e despreocupada viagem de lua de mel, longe dos problemas e das rotinas do dia a dia. Não. Ambos estão fugidos do país. Mesmo nessa fotografia tão posada, o xá — agora um jovem de 34 anos, queimado de sol e trajando um terno claro com paletó trespassado — não consegue ocultar o nervosismo. Não é de estranhar, pois nos próximos dias seu futuro monárquico será decidido. Ele não sabe se retornará ao trono abandonado às pressas ou se passará o resto dos dias vagando pelo mundo na condição de emigrante. Já Soraya, mulher de grande — porém fria — beleza, filha do chefe da tribo dos bakhtiari e de uma alemã radicada no Irã, parece mais controlada e tem um rosto no qual pouco se consegue decifrar, principalmente por mantê-lo coberto com óculos escuros. Eles chegaram no dia anterior, 17 de agosto de 1953, em seu avião particular (pilotado pelo

próprio xá — aquela atividade sempre o relaxava) e se hospedaram no elegante hotel Excelsior, agora repleto de repórteres fotográficos que aguardam o aparecimento do casal imperial. Nessa época de férias de verão, Roma está tomada por turistas, e nas praias italianas há verdadeiras multidões (o biquíni acaba de entrar na moda). A Europa está repousando, veraneando, visitando pontos turísticos, alimentando-se em bons restaurantes, excursionando pelas montanhas, armando tendas, acumulando forças para enfrentar o frio outonal e a neve do inverno. Enquanto isso, em Teerã não há um momento de paz, ninguém pensa em relaxar, pois já se pode sentir o cheiro de pólvora e ouvir a amoladura das facas. Todos afirmam que algo deve acontecer — e que acontecerá com toda a certeza. Todos sentem a pressão, a cada vez mais carregada atmosfera prenunciando a aproximação do confronto, mas apenas um punhado de conspiradores sabe quem o iniciará e de que modo. Os dois anos do governo do dr. Mossadegh estão chegando ao fim. O doutor, sobre quem há muito pairam ameaças de atentado (conspiram contra esse democrata e liberal tanto os homens do xá como fanáticos islâmicos), mudou-se — com sua cama, uma mala cheia de pijamas (tinha o costume de despachar de pijama) e um saco de remédios — para o Parlamento, onde, em sua opinião, está mais seguro. E é ali que ele passa todo o tempo, sem nunca sair, alquebrado a tal ponto que os que o viram nesses dias notaram lágrimas em seus olhos. Todas as suas esperanças ruíram; suas previsões provaram ser falsas. Expulsara os ingleses dos campos de petróleo anunciando que cada país tinha direito a seus bens, mas tinha se esquecido de que a força está acima da lei. O Ocidente decretou um bloqueio internacional contra o Irã e um boicote ao petróleo iraniano, que se tornou fruto proibido nos mercados mundiais. Mossadegh esperava que em seu confronto com a Inglaterra os Estados Unidos reconhecessem seus direitos e lhe estendessem a mão amiga. Mas os americanos não fizeram isso. O Irã, que com exceção do petróleo não tem muitos produtos para vender, se vê à beira da falência. O doutor envia a Eisenhower uma carta atrás da outra, apela para o seu bom senso e a sua consciência, mas as cartas não são respondidas. Eisenhower suspeita que ele possa ser um

comunista, embora Mossadegh seja um patriota independente e adversário ferrenho do comunismo. Mas ninguém quer ouvir suas explicações, pois aos olhos dos poderosos deste mundo todos os patriotas de países pobres são considerados suspeitos. Eisenhower conta com o xá, mas o xá é boicotado em seu próprio país. Há muito tempo não sai do palácio, tem crises de pânico e depressão, teme que as agitadas e iradas ruas possam tirá-lo do trono e vive repetindo aos mais próximos: “Está tudo perdido! Está tudo perdido!”. No palácio, os oficiais mais íntimos dele alertam-no de que caso queira salvar a monarquia e o Exército terá que se livrar de Mossadegh (que despertou a ira dos militares mais graduados ao mandar para a reserva 25 generais, acusando-os de traição à pátria e à democracia). Mas o xá hesita e leva muito tempo para se decidir a dar o passo decisivo, que poderia destruir para sempre as já frágeis pontes que o ligam ao premiê (eles estão envolvidos numa contenda à qual não pode haver concessão, já que se trata de um conflito entre dois princípios opostos: o da autocracia, representado pelo xá, e o da democracia, defendido por Mossadegh). Pode ser que o xá esteja demorando tanto para se decidir porque sente algum respeito pelo velho advogado, mas também é possível que, por não ter autoconfiança nem uma grande força de vontade, simplesmente lhe falte a coragem necessária para declarar uma guerra aberta a ele. Decerto, teria preferido que outras pessoas realizassem em seu lugar toda aquela penosa — e até brutal — operação. Ainda indeciso e em permanente estado de irritação, o xá parte de Teerã para a sua residência de verão em Ramsar, às margens do mar Cáspio, onde finalmente assina uma sentença contra o premiê. No entanto, quando fica patente que a primeira tentativa de acabar com o dr. Mossadegh veio à tona prematuramente e revelou-se um contratempo ao palácio, o xá não espera pela segunda (que, como comprovaram os acontecimentos, seria bem-sucedida) e foge para Roma com sua nova esposa.

FOTOGRAFIA (7)

A foto seguinte foi recortada de um jornal, mas de forma tão desajeitada que lhe falta uma legenda. Mostra uma estátua equestre sobre um alto pedestal de granito. O cavaleiro, um homem de compleição hercúlea, está sentado confortavelmente na sela, a mão esquerda apoiada em seu arção e a direita apontando para algo (provavelmente, para o futuro). Em torno do pescoço do cavaleiro pende uma corda. Outra corda semelhante envolve o pescoço do cavalo puro-sangue. Vários homens em volta do monumento puxam as duas cordas. Tudo transcorre numa praça repleta de pessoas que olham atentamente para os homens que, pendurados nas cordas, esforçam-se em vencer a resistência oferecida pelo peso do bronze da estátua. A fotografia foi tirada no momento em que as cordas estavam esticadas ao máximo, com o cavaleiro e sua montaria inclinados num ângulo que indicava que iam desabar a qualquer momento. Involuntariamente, ficamos imaginando se os homens que puxam as cordas com tanto afínco vão ter tempo de saltar para o lado, uma vez que dispõem de pouco espaço — estão cercados por uma multidão de espectadores. A foto representa a destruição da estátua de um dos xás (do pai ou do filho) em Teerã ou em qualquer outra cidade iraniana. No entanto, é difícil determinar em que ano foi tirada, já que os monumentos dos dois xás Pahlevi foram sendo destruídos aos poucos, sempre que surgia uma nova oportunidade de o povo fazê-lo. Agora, ao descobrir que o xá fugira do palácio e se refugiara em Roma, o povo foi à praça para, mais uma vez, destruir as estátuas da dinastia.

JORNAL (1)

Abaixo, a reprodução da entrevista feita por um repórter de um diário de Teerã, *Kayhan*, com uma pessoa que destruía estátuas do xá:

“Golam, no seu bairro você adquiriu grande popularidade como destruidor de estátuas, e chegam a considerá-lo uma espécie de veterano nessa atividade.”

“É verdade. A primeira vez que derrubei uma estátua foi ainda na época do xá anterior, o pai de Mohammed Reza, quando ele abdicou do trono em

1941. Lembro que, assim que a notícia chegou, a cidade virou uma festa e, imediatamente, todos se puseram a destruir as estátuas dele. Na época eu ainda era garoto e fiquei ajudando o meu pai, que, com os vizinhos, derrubou a estátua que Reza Khan erguera para si mesmo no nosso bairro. Posso dizer que aquele foi o meu batismo de fogo.”

“Vocês foram perseguidos por causa disso?”

“Naquela época, não. Foram anos em que, depois da partida do xá, tivemos liberdade por certo período. O jovem xá ainda não dispunha de força suficiente para nos impor sua autoridade. Quem nos perseguiria? Todos estavam contra a monarquia. O xá era apoiado apenas por uma parcela dos oficiais e, obviamente, pelos americanos. Depois, deram um golpe de Estado, aprisionaram o nosso Mossadegh e fuzilaram seus homens junto com alguns comunistas. O xá acabou voltando e estabelecendo uma ditadura. Isso foi em 1953.”

“Você se lembra de 1953?”

“Lógico que me lembro, foi o ano mais importante de todos; foi quando terminou a democracia e começou o regime de força. De qualquer modo, lembro muito bem que quando o rádio informou que o xá tinha fugido para a Europa as pessoas foram para as ruas e começaram a destruir os monumentos. Desde que assumiu o trono, o jovem xá foi erguendo estátuas suas e de seu pai por toda parte, de modo que, com o passar dos anos, havia muitos monumentos para destruir. Nessa época meu pai já tinha morrido, mas eu era adulto e, pela primeira vez, passei a atuar como um destruidor autônomo.”

“E aí? Vocês conseguiram derrubar todas as estátuas?”

“Sim, foi até fácil. Quando o xá retornou após o golpe de Estado, não havia uma só estátua dos Pahlevi de pé. Mas ele logo começou a erguer novas, dele e do pai.”

“Ou seja: ele erguia o que vocês derrubavam, e vocês derrubavam o que ele erguia, numa espécie de tarefa infundável.”

“É verdade. Era exatamente assim que acontecia. Pode-se dizer que não tínhamos mãos a medir... Se derrubávamos uma, ele erguia três; se

derrubávamos três, ele erguia dez. Aquilo parecia não ter fim.”

“E depois de 1953? Quando vocês voltaram a derrubar estátuas?”

“Íamos fazer isso em 1963, no levante que eclodiu quando o xá mandou prender Khomeini. Mas o xá começou imediatamente um massacre de tais proporções que não tivemos condições de destruir coisa alguma, e fomos obrigados a voltar a esconder nossas cordas.”

“Pelo que entendi, vocês tinham cordas especiais para esse fim.”

“E como! Nós guardávamos cordas de sisal num depósito no bazar. Não podíamos brincar com isso. Se a polícia caísse no nosso rastro, seríamos imediatamente encostados num muro. Tínhamos tudo preparado para o momento exato. Durante a última revolução, a de 1979, a desgraça foi muitos amadores terem se envolvido nessa tarefa, o que provocou uma porção de acidentes, com estátuas desabando sobre eles. Destruir uma estátua não é tão fácil como parece; é preciso encarar o assunto de forma profissional e treinar bastante. É preciso saber do que ela é feita, qual é a sua altura, quanto pesa, se está cimentada sobre o pedestal, em que lugar prender a corda, para que lado puxar e, por fim, como acabar com ela depois de derrubada. No momento em que começavam a erguer uma nova estátua do xá, nós já começávamos a planejar tudo isso. Era a ocasião mais adequada para ver do que ela era feita, se era oca ou maciça e, o mais importante de tudo, como estava presa ao pedestal.”

“Vocês deviam dedicar muito tempo a essa atividade.”

“Muitíssimo! O xá não parava de erguer mais e mais estátuas de si mesmo. Em todos os lugares: nas praças, nas ruas, nos pátios, na beira das estradas. Além disso, outras pessoas também levantavam estátuas para homenageá-lo. Todos os que desejavam obter um contrato governamental ou derrotar um concorrente apressavam-se em construir um monumento para o xá. Por isso, muitos eram de péssima qualidade, e quando chegou a hora apropriada foram destruídos com facilidade. Mas tenho de admitir que houve um momento em que comecei a duvidar se tínhamos condições de destruir tantas estátuas. Eram centenas. E de fato trabalhávamos sem parar. As minhas mãos ficavam calejadas e cheias de bolhas causadas pelas cordas.”

“É, Golam, você teve uma ocupação e tanto.”

“Não era uma ocupação, mas um dever. Estou orgulhoso de ter sido um destruidor de monumentos ao xá. Acho que todos que estiveram envolvidos na destruição daquelas estátuas se orgulham disso. O que fizemos pode ser visto por qualquer um: todos os pedestais estão vazios e as figuras dos xás foram destruídas ou jazem atiradas nos cantos dos pátios.”

LIVRO (1)

Os repórteres americanos David Wise e Thomas B. Ross escrevem em seu livro *The invisible government* (Londres, 1965):

Não resta a menor dúvida de que a CIA organizou e dirigiu o golpe de Estado que, em 1953, derrubou o premiê Mohammed Mossadegh e manteve no trono o xá Mohammed Reza Pahlevi. Mas são poucos os americanos que sabem que à frente desse golpe estava um agente da CIA que era neto do presidente Theodor Roosevelt. O homem em questão, Kermit Roosevelt, conduziu uma operação tão espetacular em Teerã que, mesmo muitos anos depois, continuou sendo chamado de “Mister Iran” nos meios ligados à CIA. Na agência, circulava a lenda de que Kermit dirigira o atentado contra Mossadegh mantendo uma pistola encostada na têmpora do comandante de um tanque iraniano quando a coluna blindada adentrou as ruas de Teerã. Mas outro agente, que sabia muito bem como se passara a operação, classificou essa lenda como “um tanto romaneada”, dizendo: “Kermit não dirigiu a operação dentro da nossa embaixada, mas de um porão em Teerã”. E acrescentou: “Foi uma operação digna de James Bond”.

O general Fazollah Zahedi, escolhido pela CIA para substituir Mossadegh no cargo de premiê, também foi um personagem digno de figurar como um herói de livro de espionagem. Era um homem alto e bem-apessoado, mulherego ao extremo, que lutou contra os bolcheviques, foi capturado pelos curdos e, em 1942, foi aprisionado pelos ingleses sob a suspeita de ser um agente de Hitler. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Irã foi ocupado conjuntamente por ingleses e russos. Os agentes britânicos que aprisionaram Zahedi afirmaram ter encontrado os seguintes objetos em seu quarto: uma coleção de armas automáticas alemãs, uma calcinha de seda, uma pequena quantidade de ópio, cartas de paraquedistas alemães que agiam nas montanhas e um guia ilustrado das prostitutas mais picantes de Teerã.

Após a guerra, Zahedi logo retornou à vida pública. Foi ministro do Interior quando Mossadegh assumiu o cargo de primeiro-ministro em 1951. Mossadegh nacionalizou a empresa britânica Anglo-Iranian e ocupou a grande refinaria em Abadan, no golfo Pérsico.

Como Mossadegh tolerava o Tudeh — o partido comunista iraniano —, Londres e Washington temeram que os russos se apossassem das grandes reservas petrolíferas do Irã. Mossadegh, que dirigia o país deitado numa cama (afirmava estar doente), rompeu com Zahedi, que se opunha ao tratamento amigável dedicado aos comunistas. Era essa a situação quando a CIA e Kermit Roosevelt começaram a tramar a derrubada de Mossadegh e sua substituição por Zahedi.

A decisão de derrubar Mossadegh foi tomada em conjunto pelos governos britânico e americano. A CIA avaliou que a operação era factível, pois as condições se mostravam propícias. Roosevelt, na época com 37 anos, era um veterano da agência de espionagem e entrou no Irã de forma ilegal. Atravessou a fronteira de automóvel, chegou a Teerã e... sumiu de vista. Teve de sumir porque estivera no Irã várias vezes antes, e seu rosto era conhecido no país. Mudou de endereço diversas ocasiões para que os agentes de Mossadegh não pudessem rastreá-lo. Roosevelt tinha sob seu comando cinco americanos, alguns também agentes da CIA. Além desses, colaboravam com ele agentes locais, como dois funcionários do serviço secreto iraniano com os quais mantinha contato através de intermediários.

No dia 13 de agosto, o xá assinou o decreto que destituía Mossadegh e nomeava Zahedi primeiro-ministro. Mas Mossadegh prendeu o coronel que lhe levou o documento (tratava-se do futuro chefe da Savak, Nematollah Nassiri). Multidões saíram às ruas para manifestar-se contra a decisão do xá. E foi nesse clima que o xá e sua esposa Soraya fugiram de automóvel para Bagdá e, de lá, para Roma.

Nos dois dias seguintes, houve uma confusão tão grande que Roosevelt perdeu contato com os agentes iranianos. Enquanto isso, o xá chegava a Roma, para onde também viajara o chefe da CIA, Allen Dulles, no intuito de, com Mohammed Reza, coordenar as futuras ações. Em Teerã, as ruas estavam em poder das massas comunistas, que festejavam a partida do xá destruindo suas estátuas. Foi quando o Exército deixou os quartéis e começou a cercar os manifestantes. Na madrugada de 19 de agosto, Roosevelt,

que continuava escondido, ordenou aos agentes iranianos que colocassem nas ruas todos os homens que conseguissem arregimentar.

Os agentes dirigiram-se a diversas academias de musculação e foram juntando uma estranha mistura de praticantes de luta greco-romana, levantadores de peso e ginastas, formando um séquito bizarro que se concentrou em um bazar e dali partiu soltando gritos em favor do xá.

Ao anoitecer, Zahedi deixou seu esconderijo, o xá voltou do exílio, Mossadegh foi parar na prisão e os líderes do Tudeh foram assassinados.

Evidentemente, os Estados Unidos jamais admitiram de forma oficial o papel representado pela CIA. O máximo que foi dito saiu da boca do próprio Dulles, que, após ter deixado a agência, apareceu num programa de televisão da CBS em 1962. Indagado se era verdade que a “a CIA gastara milhões de dólares contratando pessoas para se manifestar nas ruas e praticar atos destinados à derrubada de Mossadegh”, Dulles respondeu: “O.k., só posso dizer que afirmar que teríamos gasto naquilo muitos dólares é uma grande mentira”.

LIVRO (2)

Dois repórteres franceses, Claire Briere e Pierre Blanchet, escrevem em seu livro *Iran: La révolution au nom de Dieu* (Paris, 1979):

Roosevelt conclui que era hora de lançar ao ataque os destacamentos de Chabahan Bimor, mais conhecido como Chabahan, o Desmiolado, chefe de uma gangue de vagabundos de Teerã e mestre de Zour Khan — a luta livre iraniana. Chabahan tinha condições de reunir entre trezentos e quatrocentos amigos prontos a bater em quem quer que fosse e, em caso de necessidade, de atirar, desde que, obviamente, estivessem armados. O novo embaixador dos Estados Unidos, Loy Henderson, vai até o Banco Melli e enche seu carro com pacotes de notas de dólares. Segundo dizem, eram 400 mil dólares, que ele trocou por riais.

Em 19 de agosto, pequenos grupos de iranianos (o pessoal do Desmiolado) abordam as pessoas e propõem que elas gritem: “Viva o xá!”. Quem gritar recebe dez riais. Em torno do Parlamento, começam a se formar grupos cada vez maiores, que acabam se

transformando num grande cortejo a agitar notas de riais e a gritar “viva o xá!”. A multidão engrossa, com uns dando vivas ao xá e outros a Mossadegh.

Também surgem tanques, que atacam os manifestantes contra o xá. É a chegada de Zahedi. Os canhões e as metralhadoras abrem fogo contra a multidão. Às quatro da tarde, tudo está terminado, e Zahedi envia um telegrama ao xá, informando-o de que pode voltar.

Em 26 de outubro de 1953, o general Teymur Bakhtiar é nomeado governador militar de Teerã. Cruel e impiedoso, em pouco tempo recebe a alcunha de “O Homicida”. Sua tarefa essencial é perseguir os partidários de Mossadegh que conseguiram se esconder. Esvazia a prisão de Qasr de todos os criminosos. Tanques e carros de assalto protegem a prisão, para a qual caminhões e mais caminhões trazem incessantemente cada vez mais prisioneiros. Os partidários de Mossadegh, ministros, oficiais suspeitos e membros do Tudeh são interrogados e submetidos a torturas cruéis. No pátio, são realizadas centenas de execuções.

Na lembrança dos iranianos, o dia do golpe — 19 de agosto — é o dia da verdadeira posse do xá Mohammed Reza Pahlevi; uma posse regada a sangue e seguida de terríveis repressões.

CASSETTE (1)

Sim, pois não, é claro que o senhor pode gravar. Agora esse tema não é mais proibido. Antes era. O senhor sabia que o nome dele não pôde ser pronunciado durante vinte anos? Que a palavra “Mossadegh” foi apagada de todos os livros, de todos os textos históricos? E imagine o senhor que jovens de hoje que, como supúnhamos, não sabiam nada sobre ele desafiavam a morte carregando seu retrato? Eis a maior prova da ineficácia de toda essa falsificação da história. Mas o xá não se dava conta disso. Não se dava conta de que o ato de destruir um homem não significa que ele deixaria de existir. Pelo contrário — se é que posso me expressar assim —, esse homem passa a existir ainda mais. São paradoxos com os quais nenhum déspota sabe lidar. Você ceifa com uma foice, mas a grama volta a crescer; você ceifa de novo e a grama cresce ainda mais. Eis uma confortante lei da natureza. Mossadegh!

Os ingleses chamavam-no na intimidade de “Old Mossy”. Tinham raiva dele, mas sempre o respeitaram. Nenhum inglês disparou um só tiro contra ele. Foi preciso convocar nossos próprios capangas uniformizados. Bastaram alguns dias para que eles estabelecessem a ordem que lhes convinha! Mossy foi para a cadeia, onde ficou por três anos. Cinco mil pessoas enfrentaram pelotões de fuzilamento ou caíram mortas nas ruas. Esse foi o preço do resgate do trono. Um resgate triste, sangrento e sujo! O senhor pergunta se Mossadegh não tinha outra alternativa a não ser perder. Em primeiro lugar, ele não perdeu, mas ganhou. O senhor não pode medir um homem do gabarito dele pelas funções que exerceu, e sim por sua história — são dois parâmetros totalmente distintos. Um homem como ele pode ser tirado de uma função, mas ninguém poderá fazê-lo desaparecer da história. Ninguém conseguirá apagá-lo da memória das pessoas. A memória é uma propriedade privada, à qual nenhum poder tem acesso. Mossy dizia que o solo sobre qual caminhamos é nosso, assim como é nosso tudo o que se encontra nele. Antes dele, ninguém no nosso país havia se expressado dessa forma. Ele dizia também que todos devíamos falar o que ia pela nossa mente, que deveríamos nos expressar, que ele queria ouvir os nossos pensamentos. O senhor deve compreender que, após 2500 anos de despotismo, esse homem chamou a nossa atenção para o fato de sermos seres pensantes. Nunca outro governante tinha nos dito isso! O que Mossy nos disse ficou gravado para sempre em nossa mente; penetrou na cabeça das pessoas e ali vive até hoje. Sempre nos lembramos melhor das palavras que abrem nossos olhos para o mundo. E as palavras que ele dizia eram exatamente desse tipo. Será que alguém pode dizer que havia algo de errado no que ele fazia e anunciava? Nenhum homem honesto poderá fazer tal afirmação. Hoje, todos concordam que ele estava certo; o problema residia no fato de que ele estava certo cedo demais. O senhor não pode ter razão cedo demais, porque com isso põe em risco a sua carreira e, ocasionalmente, a sua própria vida. Toda verdade leva certo tempo para maturar e, enquanto ela amadurece, as pessoas sofrem ou vagam na escuridão. E aí aparece repentinamente um homem que anuncia a verdade antes de ela ter

maturado, antes mesmo de ela ter se tornado uma verdade universal. Então as forças do poder erguem-se contra esse herético, atirando-o nas chamas de uma fogueira, prendendo-o numa masmorra ou pendurando-o numa forca, porque ele atrapalha seus interesses, perturba a paz. Mossy pronunciou-se contra a ditadura da monarquia e contra a dependência da nação. Hoje, as monarquias caem uma atrás da outra e as forças de dominação têm que adotar os mais diversos disfarces, tal é a repulsa que elas despertam. Mas ele levantou essas questões há mais de trinta anos, quando aqui ninguém teria a ousadia de dizer coisas tão óbvias. Tive a oportunidade de vê-lo duas semanas antes de ele morrer. Quando? Deve ter sido em fevereiro de 1967. Ele passara os últimos dez anos de sua vida em prisão domiciliar, numa pequena propriedade rural nas cercanias de Teerã. Obviamente, ninguém tinha acesso a ele — a região toda era vigiada pela polícia. Mas não preciso explicar ao senhor que neste país, conhecendo as pessoas certas e tendo bastante dinheiro, pode-se conseguir qualquer coisa. O dinheiro faz com que tudo se torne maleável. Naquela época, Mossy devia ter quase noventa anos. Acho que ele se manteve vivo por tanto tempo porque queria muitíssimo estar presente no momento em que a vida lhe desse razão. Era um homem duro, difícil de lidar por nunca querer ceder. Mas homens do calibre dele não devem — nem sabem — ceder. Manteve-se lúcido até o fim e se dava conta de tudo. Só tinha dificuldade em andar e precisava de bengala. A todo instante era obrigado a parar e a se deitar no chão para descansar. Mais tarde, os policiais que o vigiavam contaram que certo dia, enquanto ele andava e se deitava assim, Mossadegh demorou muito para se levantar — quando eles se aproximaram, constataram que estava morto.

DAS ANOTAÇÕES (2)

O petróleo desperta grandes paixões porque é, acima de tudo, uma enorme tentação. Desperta o apetite por imensas quantidades de dinheiro fácil, por riquezas e força, por fortunas e poder. É um líquido sujo e fedorento que facilmente jorra da terra, para, logo em seguida, cair sobre ela

de novo sob a forma de uma sonora chuva de dinheiro. Todo aquele que descobriu e se apossou de uma fonte de petróleo se sente como alguém que, após uma longa peregrinação subterrânea, encontrou um tesouro. Esse homem não só se torna um ricoço como é assolado por uma quase mística convicção de que alguma entidade superior olhou para ele benignamente e, de um modo magnânimo e todo especial, elevou-o acima de seus semelhantes, escolhendo-o para ser o seu favorito. Foram preservadas muitas fotografias nas quais se registra para a posteridade o exato momento em que jorra do poço o primeiro jato de petróleo. As pessoas dão pulos de alegria, abraçam-se, choram. Seria muito difícil encontrar um operário tomado por uma onda de euforia ao apertar mais um parafuso numa linha de montagem ou um exausto camponês pulando feliz atrás de um arado. E isso ocorre com o petróleo porque ele cria a ilusão de uma vida totalmente transformada, de uma vida sem esforço, de uma vida gratuita. O petróleo é uma matéria-prima que envenena a mente, embaça a visão, desmoraliza. Os habitantes de países pobres andam e pensam: “Meu Deus, como seria bom se tivéssemos petróleo!”. O conceito do petróleo simboliza o eterno sonho dos seres humanos da riqueza obtida por mero acaso, por um golpe de destino — e não através de esforço, suor, sofrimento e angústia. Visto desse ângulo, o petróleo é um conto de fadas e, como todos os contos de fadas, não passa de uma mentira. O petróleo enche as pessoas de tanta empáfia que elas começam a acreditar serem capazes de derrotar algo tão resistente e inflexível como o tempo. “Tendo petróleo”, dizia o último xá, “criarei uma nova América no tempo de uma geração!” Não criou. O petróleo é poderoso, mas não deixa de ter seus pontos fracos. Por exemplo, não substitui a arte de pensar ou a sabedoria. Uma das mais tentadoras qualidades do petróleo — a que mais encanta os detentores do poder — é reforçar a autoridade central. O petróleo proporciona lucros incríveis sem precisar de uma grande força de trabalho. O petróleo não cria problemas na área social, pois não desenvolve um proletariado numeroso nem uma grande burguesia. Com isso, o governo não precisa compartilhar seus lucros com ninguém e pode dispor deles da forma que mais lhe convier. Basta

olhar os ministros dos países produtores de petróleo — como eles empinam alto o nariz, que sensação de poder emana deles, os lordes da energia, os homens que decidirão se amanhã viajaremos de automóvel ou teremos de nos locomover a pé. E o que dizer da relação do petróleo com as mesquitas? Quanto vigor, quanto brilho e quanta importância essa nova fonte de renda proporcionou à sua religião — a islâmica —, que vive uma época de grande expansão, conquistando sem cessar cada vez maiores multidões de fiéis.

DAS ANOTAÇÕES (3)

Meu interlocutor diz que aquilo que se passou mais tarde com o xá foi tipicamente iraniano. Desde tempos imemoriais, o reinado de cada xá terminava de uma forma triste e vergonhosa. Ou ele morria decapitado, ou com uma adaga cravada às costas, ou — caso tivesse sorte — escapava da morte, mas tinha de fugir do país, morrendo mais tarde no exílio, sozinho e esquecido. Embora talvez tenham havido exceções, meu interlocutor não consegue se lembrar de um só caso em que um xá tivesse morrido no poder de morte natural e tivesse sido cercado de respeito e amor até o fim de seus dias. Não se lembra de nenhuma ocasião em que o país tivesse chorado a morte de um dos xás e tivesse acompanhado seu cortejo fúnebre com lágrimas nos olhos. No nosso século, todos os xás — e não foram poucos — perderam a coroa e a vida em circunstâncias bastante desagradáveis. O povo considerava-os cruéis e denunciava sua vilania. A partida deles era acompanhada de xingamentos e maldições da turba, enquanto a notícia de sua morte era motivo para explosões de alegria.

(Comento com ele que nós, os poloneses, nunca compreenderemos esse tipo de coisa, pois nossas tradições são completamente diferentes. A maioria de nossos reis não eram homens sedentos de sangue e deixaram boas lembranças. Um dos reis poloneses assumiu um país frágil e transformou-o em um país murado; outro promovia tolerância religiosa e não permitia que ninguém fosse queimado em fogueiras; outro ainda nos defendeu das hordas bárbaras. Tivemos um rei que premiava os sábios e outro que

mantinha laços de amizade com poetas. Até as alcunhas que lhes eram dadas — o Restaurador, o Generoso, o Justo, o Pio — comprovam o respeito e a simpatia que as pessoas tinham por eles. É por isso que, no meu país, quando as pessoas ouvem falar que um monarca teve um fim cruel ou trágico elas instintivamente dedicam a esse soberano uma mescla de sentimentos nascidos de uma tradição totalmente diversa, pensando no governante caído com o mesmo tipo de afeto com o qual costumamos lembrar nossos “Restauradores” e “Justos”, e pensando como deve ter sido injustiçado aquele pobre homem, de cuja cabeça tão inclementemente tiraram a coroa!)

Meu interlocutor admite que deve ser difícil entender como é possível haver lugares com outras formas de pensar, se onde ele vive o assassinato de um monarca pode ser visto como algo desejável pelo povo e até como algo enviado por Deus. É verdade, ele diz, que tiveram xás magníficos, como Cyro e Abbas, mas estamos falando de tempos muito distantes. Suas duas últimas dinastias derramaram muito sangue inocente para conquistar ou manter o trono. Imagine um xá — o seu nome era Agha Mohammed Khan — que, lutando por seu trono, ordena assassinar ou cegar toda a população da cidade de Kerman. Ele não admite exceção, e seus pretorianos se põem a trabalhar. Colocam os habitantes em filas, decapitando os adultos e arrancando os olhos das crianças. No fim, apesar das interrupções para descanso, os pretorianos estão de tal forma exaustos que não têm mais forças para erguer espadas e facas. E foi somente graças à exaustão dos carrascos que uma parte da população conseguiu salvar sua vida e visão. Mais tarde, procissões de crianças cegas deixam a cidade. Vagam pelo Irã, mas frequentemente perdem-se no deserto e morrem de sede. Alguns grupos conseguem chegar a povoados, onde passam a mendigar por comida, cantando sobre o assassinato da cidade de Kerman. Naqueles anos, as notícias demoravam a se espalhar, e os moradores dos povoados escutam chocados aqueles cegos descalços cantando terríveis relatos de espadas sibilantes e cabeças decepadas. Perguntam qual foi o crime que a cidade cometera para o xá castigá-la de forma tão implacável, ao que as crianças

entoam sua canção sobre o assunto. O crime fora seus pais terem amparado o xá anterior; o novo xá não foi capaz de perdoá-los por isso. A imagem das crianças cegas desperta compaixão, e as pessoas não se negam a lhes dar comida, mas precisam alimentar o grupo discretamente e até em segredo, pois os pequenos cegos ainda são perseguidos pelo xá e representam uma espécie de oposição móvel, portanto qualquer apoio a eles é severamente castigado. Aos poucos, outras crianças — não cegas — vão se juntando à procissão, assumindo sua liderança. E assim eles passam a vagar juntos, em busca de comida e de proteção contra o frio, levando aos vilarejos mais distantes a história da destruição da cidade de Kerman.

Trata-se, ele diz, de histórias soturnas e cruéis que guardamos em nossa memória. Os xás conquistavam os tronos à força; chegavam a ele pisando sobre cadáveres, em meio ao choro das mães e às lamentações dos feridos. Por mais de uma vez a questão de quem ia suceder quem foi decidida em capitais distantes, e um novo pretendente à coroa adentrava Teerã com um emissário britânico segurando-o por um cotovelo e um emissário russo pelo outro. Tais tipos de xás eram considerados usurpadores e ocupantes e, conhecendo agora essa tradição, o senhor pode entender por que os mulás conseguiram realizar tantos levantes contra eles. Os mulás diziam: “O homem que está sentado no palácio é um estrangeiro a serviço de potências estrangeiras”. E as pessoas ouviam aquilo, pois as palavras dos mulás soavam para elas como a mais evidente das verdades. Isso não significa que os mulás fossem uns santos. Longe disso! Muitas forças malignas ocultavam-se às sombras das mesquitas. Mas os abusos de poder exercidos ilegalmente pelo palácio fizeram com que os mulás fossem considerados defensores dos interesses nacionais.

Finalmente, ele retoma o tema do último xá. Quando o xá esteve em Roma durante aquele curto exílio de alguns dias, ele se deu conta de que poderia perder o trono para sempre e, com isso, aumentar o exótico pelotão de monarcas destronados que vagavam pelo mundo. Tal perspectiva fez com que mudasse radicalmente sua forma de viver, baseada em ócio e diversões. (O xá escreverá mais tarde em seu livro que, quando estava em Roma, santo

Ali apareceu em seu sonho ordenando-lhe que retornasse ao país para salvar a nação.) Agora, ele está tomado por uma grande ambição e por um desejo de mostrar a todos sua verdadeira força e superioridade. Essa característica também é tipicamente iraniana, diz meu interlocutor. Um iraniano jamais cederá a outro; cada um está convencido de que sabe mais, quer ser o primeiro e, o mais importante, quer impor sua vontade. Eu! Eu! Eu sei melhor, eu tenho mais, eu posso tudo. O mundo começa comigo; para mim, eu sou o mundo todo. Eu! Eu! (Para fazer uma demonstração, ele se levanta, ergue a cabeça e olha para mim de cima — seu olhar é altivo, denotando um acentuado orgulho oriental.) Qualquer grupo de iranianos forma-se imediatamente de acordo com os princípios da hierarquia. Eu sou o primeiro, você é o segundo e você... você continua sendo o terceiro. O segundo e o terceiro não aceitam de bom grado tal situação e logo se põem a manobrar e a fazer intrigas para ocupar o lugar do primeiro, que tem que se entrincheirar e se armar para não ser derrubado do topo.

Entrincheirar-se e preparar as metralhadoras!

Regras semelhantes existem mesmo nas relações familiares. Como tenho que ser superior, a minha mulher tem que ser inferior. Fora de casa até posso ser um João-Ninguém, mas em casa sou recompensado — lá eu sou tudo. Lá não compartilho meu poder com ninguém, e quanto mais numerosa for a família mais amplo e mais significativo será o poder do pai. É bom ter muitos filhos, pois assim haverá muitas pessoas sobre as quais poderei reinar; nós nos tornamos o governante do nosso próprio país, despertamos respeito e admiração, decidimos o destino de nossos súditos, arbitramos disputas, impomos nossa vontade — em suma, mandamos. (Meu interlocutor olha para mim para ver a minha reação. Protesto veementemente. Não concordo com tais estereótipos. Conheço vários conterrâneos dele que são modestos e polidos, e nunca senti que me tratassem como alguém inferior.) Tudo isso é verdade, ele concorda, mas só porque o senhor não nos ameaça. O senhor não participa do nosso jogo, que consiste em provar qual Eu é o superior. E por causa desse jogo nunca pudemos criar um partido, porque imediatamente começam as discussões

sobre quem vai liderá-lo. E assim cada um de nós preferiria ter um partido próprio. Depois que retorna de Roma, o xá também se atira de corpo e alma nesse jogo pelo maior Eu.

Sua primeira tarefa é recuperar a honra pessoal, já que, de acordo com nossos costumes, perder a honra é a maior das humilhações. Um monarca, pai de uma nação, que no momento mais crítico do país foge e passeia pelas lojas de Roma comprando joias para a sua esposa! Era imprescindível que encontrasse uma forma de apagar essa ignomínia. Por isso, quando Zahedi lhe envia um telegrama informando que os tanques haviam feito seu trabalho e que ele podia voltar tranquilamente para o país porque todo perigo já passara, o xá vai primeiro ao Iraque, onde se faz fotografar com a mão no túmulo do califa Ali, o patrono dos xiitas. Sim, o nosso santo envia-o de volta ao trono e lhe dá sua bênção.

Um gesto religioso — eis algo com que é possível conquistar as boas graças da nossa nação.

Então o xá retorna, mas o país continua agitado. Greves estudantis, manifestações de ruas, tiroteios, enterros. No seio do próprio Exército há conflitos, complôs, desacordos. O xá receia sair do palácio, temendo um atentado. Vive cercado por seus familiares, cortesãos e generais. Agora, após o afastamento de Mossadegh, Washington começa a enviar muito dinheiro, metade do qual o xá aloca para as Forças Armadas — cada vez mais ele se apoia no Exército e vive cercado de militares. (Aliás, da mesma forma procedem os monarcas de países semelhantes ao Irã — monarquias que não passam de ditaduras militares cobertas de ouro e diamantes.)

Assim, os soldados ganham carne e pão. O senhor precisa levar em conta a pobreza do nosso povo, e o fato de os soldados terem carne e pão os eleva acima do resto da população. Naquela época era comum ver crianças com barrigas estufadas por se alimentarem de grama.

Eu me lembro de um homem que queimava as pálpebras do filho com um cigarro. Com isso, o olho do garoto ficava inchado e purulento, deixando o rosto todo com um aspecto horrível. Aí, o homem untava o próprio braço com um produto que fazia com que ele inchasse e ficasse todo escuro. Foi a

forma que encontrou de despertar compaixão e ganhar alguma comida para que ele e o filho pudessem se alimentar.

O único brinquedo que eu tive na infância foi uma pedra. Eu a puxava amarrada a um barbante — eu era um cavalo e a pedra era a carruagem dourada do xá.

Bem, continua meu interlocutor após uma breve pausa, passaram-se 25 anos, durante os quais o xá foi reforçando gradativamente seu poder. Os primeiros anos não lhe foram favoráveis, e muitas pessoas não acreditaram que ele pudesse se sustentar por muito tempo. Os americanos haviam salvo seu trono, mas ainda não estavam convencidos de que tinham feito a melhor escolha. O xá torna-se cada vez mais dependente deles, sentindo-se inseguro em seu próprio país. Vive viajando para Washington, onde passa semanas inteiras conversando, convencendo, dando garantias. Mas outros de nós também viajam e dão garantias. Nossa elite inicia um período de bajulação aos americanos; uma licitação de ofertas e garantias — o país é posto à venda numa liquidação.

Estamos num estado policialesco. Surge a Savak. O primeiro chefe da Savak é um tio de Soraya — o general Bakhtiar. Com o tempo, o xá começa a temer que o tio, que é um homem forte e decidido, possa articular um golpe de Estado e derrubá-lo do trono. Assim, demite o general e manda matá-lo.

O clima no país é de medo e terror. Ninguém se sente seguro. Não há paz; um cheiro de pólvora paira no ar, um cheiro de revolução. No Irã nunca há paz; sobre este país paira sempre uma nuvem negra.

DAS ANOTAÇÕES (4)

O presidente Kennedy encoraja o xá a promover reformas. Ele faz um apelo ao monarca, assim como a outros ditadores amigos, para que se modernizem e façam reformas em seus países, de modo que não acabem como Fulgencio Batista (naquela época, 1961, os Estados Unidos estavam sob o impacto da recente vitória de Fidel Castro e não queriam, de maneira

nenhuma, que algo semelhante ocorresse em outros países). Kennedy está convencido de que aquela desagradável perspectiva pode ser evitada caso os ditadores introduzam algumas reformas e façam concessões, com o objetivo de desarmar os agitadores que viviam conclamando todos para uma revolução vermelha.

Em resposta aos apelos e às persuasões de Washington, o xá anuncia sua Revolução Branca. É de se supor que Mohammed Reza viu nas intenções do presidente dos Estados Unidos algo que pudesse se revelar vantajoso para ele. O xá pretendia obter duas coisas (impossíveis de ser conciliadas, infelizmente): reforçar seu poder e aumentar sua popularidade.

Ele pertencia a essa espécie de pessoas para quem elogios, adorações e aplausos eram coisas vitais — um meio de reforçar sua fraca, insegura e, em função disso mesmo, oca natureza. Sem essa onda sustentadora, ele não poderia existir nem agir. O monarca iraniano precisa ler constantemente artigos elogiosos à sua pessoa, ver sua fotografia estampada nas primeiras páginas dos jornais, na tela dos televisores e até na capa dos cadernos escolares. Precisa sempre ver rostos deslumbrados à sua passagem e ouvir o tempo todo palavras de reconhecimento e admiração. Sofre ou fica furioso quando naquela hosana (que deveria ecoar pelo mundo todo) ouve algum som que irrita seus ouvidos, e guarda-o na memória por anos a fio. Sua suscetibilidade é conhecida por toda a corte, de modo que os embaixadores se esforçam ao máximo para minimizar indícios de qualquer tipo de crítica, mesmo os originários de países de pouca importância, como Togo ou El Salvador, ou os que se expressam em línguas tão inacessíveis como o suaíli ou o oromo. Imediatamente surgiam protestos e indignações, rompiam-se relacionamentos e contatos. Essa perseguição colérica e até obsessiva do xá aos cétricos do mundo todo fez com que este mesmo mundo (com raras exceções) não soubesse o que realmente ocorria no Irã, já que o país — tão difícil, tão doloroso, tão dramático e tão sangrento — era apresentado como um bolo de aniversário coberto de glacê cor-de-rosa. Talvez existisse ali um mecanismo de compensação — o xá procurava no mundo aquilo que não conseguia encontrar em seu país: reconhecimento e aplauso.

E então surge uma oportunidade de conquistar a simpatia dos camponeses, anunciando uma reforma agrária com distribuição de terras. Terras de quem? As propriedades rurais pertencem ao xá, aos senhores feudais e ao clero. Se os senhores feudais e o clero perdessem terras, seu poder no campo se enfraqueceria. Nos vilarejos, o poder do governo se tornaria mais forte e, com isso, o poder do xá seria reforçado. Parece simples, mas nada do que o xá faz é simples. Suas ações se caracterizam por ser confusas e incompletas. Comunica-se que os senhores feudais devem devolver terras, porém o decreto se refere apenas a uma parte dos senhores feudais e a apenas uma parte de suas terras (e tudo isso mediante altíssimas indenizações). Descobre-se que a terra destinada aos camponeses é distribuída apenas para os que já possuíam propriedades (num país em que a maioria não tem terra nenhuma).

O xá começa dando o exemplo e anuncia que vai ceder suas propriedades. Viaja pelo interior distribuindo escrituras. Podemos vê-lo nas fotografias segurando rolos de papel (as tais escrituras), enquanto os camponeses se ajoelham e beijam suas botas.

Pouco tempo depois, explode um escândalo!

Acontece que o pai do xá, aproveitando-se de seu poder, apossara-se de muitas propriedades dos senhores feudais e da Igreja. Após sua queda, o Parlamento decidiu que todas as terras tomadas ilegalmente por Reza Khan teriam de ser devolvidas. E agora seu filho doa, como sendo suas, terras que têm proprietários legítimos, recebendo por elas valiosas indenizações e posando de grande reformador!

Mas se fosse apenas isso! O xá, intercessor do progresso, tira terra das mesquitas. Afinal, há uma reforma em curso e todos têm que sofrer algum dano para melhorar a vida dos camponeses. Segundo os preceitos do Alcorão, os muçulmanos mais pios há anos doam às mesquitas parte de suas propriedades. Assim, as propriedades pertencentes a elas são enormes, e é muito bom que o xá decida depenar os mulás para minorar a pobreza no campo. Infelizmente, em pouco tempo um novo escândalo sacode a nação. As terras tiradas das mesquitas sob o elevado lema da reforma agrária foram

distribuídas pelo monarca entre os que lhe eram mais próximos — generais, coronéis, a camarilha palaciana. Quando o fato se torna público, a indignação geral adquire tais proporções que basta um sinal para eclodir uma nova revolução.

DAS ANOTAÇÕES (5)

Qualquer pretexto, diz ele, servia para que o povo se insurgisse contra o xá. O povo queria se livrar dele e enrijecia seus músculos a cada oportunidade. Ele percebeu o jogo do monarca e se indignou. Compreendeu que ele queria reforçar sua posição e perpetuar a ditadura — e isso era algo que o povo não estava disposto a permitir. As pessoas se deram conta de que a Revolução Branca lhes fora imposta de cima para baixo com um objetivo puramente político e vantajoso apenas para o xá e mais ninguém. Agora, todos os olhos e ouvidos estavam voltados para Qom. Sempre foi assim na nossa história. A cada insatisfação, a cada crise, as pessoas aguardavam o que diria Qom, de onde sempre vinha o primeiro sinal.

E Qom já trovejava.

Para complicar ainda mais as coisas, surgiu um novo problema: o xá concedeu imunidade diplomática a todos os militares americanos e suas famílias. Naqueles dias, havia muitos especialistas americanos nas nossas Forças Armadas, e os mulás começaram a vociferar que aquela imunidade era contrária ao conceito de soberania nacional. E foi então que o Irã ouviu pela primeira vez a voz do aiatolá Khomeini. Antes disso, ninguém sabia de sua existência — isto é, ninguém fora de Qom. Naquela época, ele já tinha mais de sessenta anos e, considerando sua idade, poderia ter sido o pai do xá. Mais tarde, com frequência ele se dirigirá ao xá chamando-o de “meu filho”, mas obviamente num tom irônico e irado. Khomeini partiu para o ataque ao xá lançando mão de discursos impiedosos. “Povo”, gritava, “não acreditem nele. Ele não é um de vocês! Ele não pensa em vocês, mas só nele mesmo e naqueles que lhe dão ordens! Ele está vendendo o nosso país; vendendo nós todos! O xá deve ir embora!”

A polícia prende Khomeini. Em Qom, começam as manifestações. O povo exige que ele seja solto. Em seguida, outras cidades se manifestam: Teerã, Tabriz, Meshed, Isfahan. O xá envia o Exército para as ruas e tem início uma carnificina. (Meu interlocutor se levanta, estende os braços como se estivesse segurando uma metralhadora e emite sons de rajadas.) Isso foi em junho de 1963, diz. O levante durou cinco meses, liderado pelos democratas de Mossadegh e pelos clérigos. Mais de 10 mil mortos e feridos. Depois, alguns anos de silêncio, mas nunca um silêncio completo, pois sempre houve rebeliões e lutas lá e cá. Khomeini é expulso do país e se estabelece em Najaf, a maior cidade dos xiitas no Iraque, local do túmulo do califa Ali.

Foi quando comecei a me indagar o que teria realmente criado o mito Khomeini. Afinal, naquela época havia vários aiatolás mais importantes e mais conhecidos, além de excepcionais políticos opositores do xá. Todos escrevíamos cartas, declarações, protestos, manifestos — tudo lido apenas por um pequeno grupo de intelectuais, já que não podiam ser impressos legalmente, além do que o grosso da população não sabia ler. Criticávamos o xá, dizíamos que as coisas estavam ruins, exigíamos mudanças e reformas, pedíamos mais democracia e justiça. Não passou pela cabeça de ninguém agir como Khomeini — jogar fora toda aquela baboseira escrita, todas as petições, postulados e resoluções, e plantar-se diante do povo e gritar: “O xá tem que ir embora!”.

Na verdade, isso foi tudo o que Khomeini disse na época e o que ficou repetindo nos quinze anos seguintes. Uma coisa tão simples, que podia ser lembrada com facilidade, mas que precisou de quinze anos para ser entendida. Isso porque a instituição da monarquia era algo tão óbvio como o ar, e ninguém podia sequer imaginar uma vida sem ela.

O xá tem que ir embora!

Não discutam, não fiquem tagarelando, não façam reformas, não tentem salvar. Isso tudo não faz o menor sentido, não mudará nada, é um esforço em vão, é uma ilusão. Só poderemos avançar se andarmos sobre os escombros da monarquia — não existe outro caminho.

O xá tem que ir embora!

Não esperem, não adiem, não durmam.

O xá tem que ir embora!

Quando ele pronunciou essas palavras pela primeira vez, soaram como o grito de um louco. A monarquia ainda não havia esgotado todas as suas possibilidades de sobrevivência. Mas o drama estava chegando lentamente ao fim e aproximava-se o epílogo. E, quando isso ocorreu, todos se lembraram de Khomeini — e seguiram seus passos.

FOTOGRAFIA (8)

A foto seguinte mostra um grupo de pessoas aguardando um ônibus em uma rua de Teerã. No mundo todo, pessoas à espera de um ônibus têm aparência semelhante — a mesma expressão apática e cansada no rosto, a mesma postura entorpecida e submissa, o mesmo embotamento e desinteresse no olhar. O homem que me dera a fotografia indagara se eu notara algo de especial nela. “Não”, respondi depois de analisá-la mais cuidadosamente, “não vejo nada de especial.” Então ele me disse que a fotografia fora tirada de um lugar oculto, atrás de uma janela do outro lado da rua. Apontando para a foto, pediu que eu prestasse atenção num sujeito (parecia um funcionário público de segunda categoria, sem outras características particulares) parado perto de três homens entretidos numa conversa e com o ouvido virado na direção deles. O sujeito em questão era da Savak e sempre ficava naquele ponto para escutar o que as pessoas diziam enquanto o ônibus não vinha. O teor das conversas nunca era comprometedor. As pessoas só podiam falar de coisas sem importância, mas mesmo falando de coisas sem importância era preciso escolher temas que não permitissem, de forma alguma, que a polícia detectasse qualquer tipo de alusão perigosa. Certo dia, um senhor com ar doentio e já avançado em anos chegou à parada de ônibus e disse com um suspiro: “Está tão abafado que mal dá para respirar”. O agente da Savak ouviu essa observação e, aproximando-se do velhinho, comentou: “Pois é, está cada vez mais abafado,

e as pessoas sentem falta de ar”. “É verdade”, concordou ingenuamente o homem, pondo a mão no coração, “o ar está pesado e sufocante.” Ao ouvir isso, o policial adotou um tom severo e disse: “O senhor já vai recuperar suas forças” e, sem falar mais nada, deu-lhe voz de prisão. As pessoas em volta ficaram horrorizadas com esse diálogo, pois desde o início o velhinho cometera um erro imperdoável — empregar, numa conversa com um desconhecido, a palavra “abafado”. A experiência lhes ensinara a não pronunciar em voz alta palavras como *pesado, sufocante, abafado, opressivo, precipício, escuridão, pântano, sumir, dissolução, apodrecimento, jaula, grilhão, mordaca, porrete, bota, tolice, parafuso, bolso, garra, loucura*, ou verbos como *deitar-se, prostrar-se, escarranchar, cair, enfraquecer, cegar, ensurdecer*, e até certas expressões idiomáticas (principalmente as que começavam com o pronome indefinido “algo”): *algo está errado, algo está cheirando mal, algo vai acabar quebrando*, porque todos esses substantivos, verbos, adjetivos e pronomes poderiam ser alusões ao regime do xá — um campo semântico tão minado que bastava pisar nele para voar pelos ares. Por um momento (muito breve) as pessoas no ponto de ônibus foram assoladas pela seguinte dúvida: será que o velhinho também não era um agente da Savak? Se ele criticou o regime usando a palavra “abafado”, isso não significaria que tinha o direito de criticá-lo? Era de supor que, caso ele não tivesse esse direito, teria ficado quieto ou então falaria sobre coisas agradáveis, dizendo por exemplo que o dia estava bonito ou que o ônibus chegaria logo. E quem poderia ter o direito de criticar o regime? Somente um agente da Savak, que, com esse estratagema, provocava falantes desatentos para depois levá-los presos. O medo onipresente confundiu tanto a mente das pessoas e despertou nelas tal nível de desconfiança que elas deixaram de acreditar na honestidade, na pureza e na coragem dos outros. Afinal, embora se considerassem pessoas honestas, não tinham coragem de emitir uma opinião ou qualquer tipo de crítica sabendo quão terrível seria o castigo. Assim, uma pessoa que atacasse e desprezasse a monarquia seria vista como alguém de “costas quentes” agindo com a pior das intenções: descobrir aqueles que concordariam com ela, para destruí-los em seguida.

Quanto mais veemência e precisão alguém empregasse para expor os pontos de vista que as demais pessoas mantinham em segredo, mais suspeito ele se tornava e mais rápido as pessoas se afastavam dele, avisando aos que lhes eram próximos: “Fiquem atentos, esse tipo é suspeito; ele se expressa com muita ousadia”. E dessa forma o medo obteve seu maior triunfo — condenar de antemão à desconfiança e ao isolamento todos aqueles que, agindo de boa-fé, queriam se opor à coerção. O medo conseguiu distorcer a mente das pessoas a tal ponto que elas passaram a ver embuste onde havia ousadia e colaboração no lugar de coragem. No entanto, no caso em pauta, ao verem a forma brutal como o agente da Savak conduziu o adoentado velhinho, as pessoas do ponto de ônibus concluíram que aquele pobre coitado não podia ter nenhuma ligação com a polícia secreta. De qualquer modo, ambos — o agente e o doente — sumiram de circulação, e a pergunta “aonde eles foram parar?” ficou sem resposta, pois, a bem da verdade, ninguém sabia onde se localizava a sede da polícia secreta. A Savak não tinha um quartel-general, estava espalhada pela cidade (e por todo o país). Achava-se em toda parte e, ao mesmo tempo, em lugar nenhum. Em suas portas não havia placas com o nome de empresas e instituições fictícias; os números de seus telefones eram conhecidos somente pelos iniciados. A Savak podia ocupar quartos em um despretenso prédio residencial, ou então era possível chegar às salas de interrogatório passando por uma loja, uma lavanderia ou uma boate. Nessas condições, todas as paredes podiam ter ouvidos e todas as portas, portões e portinholas podiam conduzir a um escritório da Savak. Aquele que caísse nas mãos dessa polícia por muito tempo (ou para sempre) desaparecia sem deixar vestígios. Desaparecia de repente, ninguém sabia o que lhe sucedera, onde procurá-lo, aonde ir, a quem perguntar, a quem implorar por misericórdia. Talvez tivesse sido trancado numa das prisões, mas em qual? Eram 6 mil. De acordo com os números da oposição, nessas 6 mil prisões havia, em caráter permanente, 100 mil prisioneiros políticos. Diante da população erguia-se uma invisível — porém irremovível — parede, e a impotente população não podia dar um passo adiante. O Irã era o país da Savak, mas a Savak agia nele como uma organização clandestina — ora

aparecia, ora desaparecia sem deixar rastro e sem que se soubesse seu endereço. Paralelamente, algumas de suas células existiam de forma oficial e às claras. A Savak censurava a imprensa, os livros e os filmes. (Pouco tempo antes, a Savak proibira a encenação de peças de Shakespeare e Molière porque elas criticavam a monarquia.) A polícia secreta mandava nas universidades, nas repartições públicas e nas fábricas. Era um gigantesco polvo que abarcava tudo, penetrava em qualquer fenda ou canto, grudava suas ventosas em todos os lugares, farejava, fuçava, unhava, perfurava. Tinha 60 mil agentes, além de cerca de 3 milhões de informantes que delatavam seus concidadãos pelos mais diversos motivos — para ganhar dinheiro, para se salvar, para conseguir um emprego ou uma promoção. A Savak comprava as pessoas ou condenava-as à tortura; dava-lhes funções importantes no governo ou atirava-as nas prisões. Entre seus atributos, estava definir quem era um inimigo e, com isso, quem deveria ser destruído. Uma sentença da Savak era inapelável e jamais estava sujeita a qualquer tipo de revisão. A Savak respondia diretamente ao xá, e todos os que estavam abaixo do monarca eram impotentes diante dela. E, como aquelas pessoas no ponto de ônibus estavam cientes de tudo isso, permaneceram caladas após a partida do agente da Savak e do velhinho adoentado. Olhavam uns para os outros com o canto dos olhos — ninguém podia jurar que seu vizinho não fosse um informante. Talvez ele estivesse voltando de uma conversa na qual lhe fora dito que, caso notasse algo suspeito, ouvisse alguma coisa fora do normal e informasse isso à Savak, seu filho obteria uma vaga na universidade. Ou então, se notasse ou ouvisse algo, a Savak limparia a ficha dele, na qual figurava como membro da oposição. “Mas eu nunca fui da oposição!”, ele se defende. “Foi, sim; está anotado na sua ficha.” E assim, embora involuntariamente (e com alguns tentando ocultar isto para evitar confusão), os homens no ponto de ônibus se entreolham com nojo e ódio. Estão prontos a adotar reações exageradas e neuróticas. Algo no ar os deixa incomodados, algo no ar fede e faz com que eles, instintivamente, afastem-se uns dos outros, à espera de quem será o primeiro a agredir quem. Essa desconfiança mútua é um dos resultados da atuação da Savak, que por anos

a fio sussurra no ouvido de cada iraniano que todos são seus informantes. Esse, mais esse e mais aquele. Até aquele? Aquele? É óbvio que sim. Todos! Mas, por outro lado, é bem possível que todos aqueles homens no ponto de ônibus fossem decentes e que sua agitação interior (que eles precisavam ocultar com silêncio e rostos inexpressivos) tivesse sido causada por um violento ataque de medo provocado pela presença tão próxima de um agente da Savak. Afinal, teria bastado uma repentina falha em seu instinto de preservação para eles começarem uma conversa com um duplo sentido — sobre peixes, por exemplo —, na qual alguém diria que num calor daquele os peixes apodreciam muito rapidamente e que, ao apodrecerem, tinham uma estranha característica: a de que a primeira parte a feder fosse a cabeça, que deveria ser cortada fora de imediato caso se quisesse salvar o resto. E assim, se eles tivessem abordado com toda a inocência um tema culinário como esse, é bem possível que tivessem compartilhado o triste destino daquele velhinho. Mas por sorte estavam seguros pelo momento e permaneciam no ponto de ônibus, enxugando o suor da testa e abanando a camisa encharcada.

DAS ANOTAÇÕES (6)

Como qualquer fruto proibido, o uísque tomado de forma clandestina (já que, diante da proibição imposta por Khomeini, seu consumo só pode ser clandestino) tem um sabor todo especial. Nos copos, no entanto, há apenas algumas gotas do precioso líquido — os donos da casa abriram a bem escondida última garrafa sabendo que não teriam como adquirir uma nova. Nos dias de hoje morrem os últimos alcoólatras deste país. Impossibilitados de comprar vodca, vinho, cerveja etc., eles entornam qualquer porcaria em que conseguem pôr as mãos, encurtando, assim, drasticamente seu tempo de vida.

Estamos sentados no piso térreo de uma pequena mas confortável casa, através de cujas portas envidraçadas veem-se um pequeno jardim e um muro que separa a propriedade da rua. O muro, de três metros de altura,

aumenta a área íntima, como se fossem paredes de uma casa externa dentro da qual foi construída outra, externa. Os proprietários da vila têm em torno de quarenta anos, terminaram seus estudos em Teerã e trabalham numa agência de viagens (considerando a extraordinária mobilidade de seus conterrâneos, as agências de viagens podem ser contadas às centenas).

“Estamos casados há alguns anos”, conta o dono da casa, cujos cabelos começam a ficar grisalhos, “mas pela primeira vez tenho conversado sobre política com minha mulher. Jamais tocamos nesse assunto. O mesmo ocorria em todas as famílias que conhecemos.”

Não que ele quisesse dizer com isso que não confiava na mulher. Nem que tivessem feito uma espécie de acordo em relação a isso. Tratava-se de um pacto secreto aceito por eles de forma subconsciente, derivado de uma reflexão realista sobre a natureza humana — a de que nunca se pode saber como uma pessoa reagirá numa situação-limite: a que ela poderá se ver forçada, a que calúnia, a que tipo de traição.

“Toda desgraça provém”, diz a dona da casa, cujos olhos brilhantes podem ser vistos apesar da penumbra, “do fato de ninguém ser capaz de saber a quanta tortura poderá resistir. E a Savak, antes de mais nada, era sinônimo das piores torturas que se poderia imaginar. Seu método consistia em sequestrar uma pessoa na calçada, vender seus olhos e, sem perguntar nada, levá-la diretamente a uma sala de tortura. Uma vez lá, os agentes da Savak iniciavam seu festival macabro, quebrando ossos, arrancando unhas, enfiando mãos em fornalhas acesas, serrando crânios vivos e cometendo uma dezena de outras barbaridades. Somente depois que a vítima, enlouquecida de dor, tinha se transformado numa massa ensanguentada, começavam a estabelecer sua identidade. Nome? Sobrenome? Endereço? O que você comentou sobre o xá? Vamos, o que andou falando? Sendo que aquele cidadão poderia ser totalmente inocente. Inocente? Não faz mal. Assim, todos vão ficar com medo, tanto os culpados como os inocentes. Todos ficarão apavorados e ninguém se sentirá seguro. Era nisso que consistia o terror da Savak, no fato de que podiam atingir qualquer um, de que todos éramos acusados, já que as acusações não tinham nada a ver com

fatos concretos, mas com intenções, e estas a Savak podia atribuir a qualquer um. Você era contra o xá? Não, de forma alguma. Mas pensou em ser, seu canalha! E isso bastava.

“Em alguns casos eles moveram processos por atividades políticas (mas qual a definição de uma atividade política? Aqui, todas as atividades podiam ser consideradas políticas), conduzidos por tribunais militares. Sessões fechadas, nenhum direito a defesa, nenhuma testemunha e uma sentença sumária, seguida de sua execução. Alguém teria contado quantas pessoas foram fuziladas pela Savak? Se o tivesse feito, chegaria ao total de algumas centenas. Nosso grande poeta Khosrow Gheslasi foi fuzilado. Nosso grande diretor de cinema Keramat Daneshmandi foi fuzilado. Dezenas de escritores, professores e artistas foram encarcerados. Dezenas de outras pessoas foram obrigadas a fugir para o exterior. Os brutais e incultos membros da Savak provinham dos estratos mais baixos da sociedade e, quando conseguiam pôr as mãos em alguém que costumava ler livros, torturavam-no de forma ainda mais cruel e intensa.

“Creio que o pessoal da Savak não gostava de processos e tribunais. Eles preferiam outro método: matar às escondidas. Assim, era impossível determinar alguma coisa. Quem matou? Não se sabe. Onde estão os culpados? Não há culpados.

“As pessoas não aguentavam mais esse terror, por isso se atiraram sobre a polícia e o Exército de mãos vazias. Pode-se chamar isso de desespero, mas tínhamos chegado a tal ponto que nada mais importava. O país em peso se ergueu contra o xá, porque para nós os agentes da Savak eram seus ouvidos, olhos e braços.

“O senhor sabe que quando se falava da Savak a gente olhava para a pessoa e se perguntava se ela não poderia ser um agente? Era uma indagação constante, que permanecia na nossa cabeça por muito tempo. E a pessoa podia ser meu pai, meu marido, minha melhor amiga. Eu dizia a mim mesma: ‘Fique calma, isto não faz o menor sentido’, mas a suspeita sempre retornava. Isso tudo era doentio; todo o regime era doentio, e não sei quando voltaremos a ser sãos, ou seja, quando recuperaremos nosso

equilíbrio emocional. Após tantos anos de uma ditadura dessas, estamos psicologicamente abalados, e acho que ainda se passará muito tempo até voltarmos a levar uma vida normal.”

FOTOGRAFIA (9)

Esta foto estava pendurada junto com slogans, manifestos e outras fotografias num quadro de avisos diante do prédio do comitê revolucionário em Chiraz. Pedi que um estudante traduzisse o que estava escrito à mão num pedaço de papel preso por um pino logo abaixo dela. “Aqui está escrito”, disse o jovem, “que este menino tem três anos de idade, chama-se Habib Fardust e foi um prisioneiro da Savak.” “Como um menino de três anos pode ter sido prisioneiro?”, perguntei. O estudante respondeu que houve muitos casos em que famílias inteiras foram presas, e foi o que ocorreu com a família do menino na foto. “Seus pais”, concluiu depois de ler a legenda até o fim, “foram torturados até a morte.” Publicam-se agora livros e mais livros sobre os crimes da Savak, os mais diversos documentos policiais e narrativas de pessoas torturadas. Diante da universidade, cheguei a ver algo que me deixou realmente chocado: a venda de cartões-postais com imagens de corpos massacrados das vítimas da Savak. Como nos tempos de Tamerlão. Nenhuma mudança seiscentos anos depois — a mesma crueldade patológica, talvez apenas mais mecanizada. O instrumento mais encontrado nos escritórios da Savak era uma mesa metálica aquecida eletricamente, chamada “frigideira”, na qual a vítima era deitada com os braços e as pernas amarrados. Muitas pessoas morriam nessas mesas. Antes de ser levado à sala da mesa, o acusado com frequência já tinha enlouquecido por não ter suportado, enquanto aguardava a sua vez, os gritos e o cheiro de carne queimada da vítima anterior. Mas, nesse nosso mundo de pesadelos, o desenvolvimento tecnológico não conseguiu suplantiar os velhos métodos medievais. Nas prisões de Isfahan as vítimas costumavam ser colocadas em enormes sacos, nos quais se agitavam enlouquecidos de fome gatos-do-mato ou cobras venenosas. As descrições dessas

barbaridades, algumas delas espalhadas propositalmente pelos próprios agentes da Savak, circularam por anos pela sociedade e eram recebidas com horror, já que diante da fluídica e arbitral definição do inimigo do regime qualquer um podia se imaginar numa daquelas salas de tortura. Para a população, a Savak era uma força não somente cruel, mas também alienígena — uma força de ocupação, a variante local da Gestapo nazista.

Durante a revolução, os manifestantes caminhavam pelas ruas de Teerã entoando o “Allah Akabar”, um canto cheio de sentimento e páthos, com o seguinte refrão:

Iran, Iran, Iran/ Chung-o-marg-o-osian [Irã, Irã, Irã/ É sangue, morte e revolta]

Uma trágica — e talvez a mais acertada — definição do Irã. Há séculos e séculos, sem intervalos dignos de nota.

Neste caso, a precisão da data é importante. Em setembro de 1978, portanto quatro meses antes de ser deposto, o xá concedeu uma entrevista ao semanário *Stern*. Fazia exatos vinte anos que ele criara a Savak.

“Qual é o número de prisioneiros políticos no Irã?”

“Depende do que o senhor entende por ‘prisioneiro político’.

Mas imagino que sei o que tem em mente e posso lhe dizer que são menos de mil.”

“O senhor tem certeza de que nenhum deles foi torturado?”

“Acabei de fazer uma recomendação para que todas as torturas sejam suspensas.”

FOTOGRAFIA (10)

Foto tirada em Teerã, em 23 de dezembro de 1973. Cercado por microfones, o xá discursa numa sala repleta de jornalistas. Mohammed Reza, cujo comportamento costuma se caracterizar pelos bons modos e por uma estudada moderação, dessa vez não consegue ocultar a alegria, o entusiasmo e até — algo percebido pelos repórteres — um estado febril. Efetivamente, o momento é importante e ecoará pelo mundo todo, pois o xá acaba de anunciar os novos preços do petróleo. Em menos de dois meses, o preço quadruplicou, e o Irã, a quem a exportação dessa matéria-prima

rendia 5 bilhões de dólares por ano, passará a ter com ela uma renda de 20 bilhões anuais. E é preciso acrescentar que a única pessoa que decidirá sobre o destino desse monte de dinheiro será o próprio xá. No seu reino autocrático, o xá poderá fazer com ele o que lhe der na cabeça — atirá-lo ao mar, gastar tudo em sorvete ou trancá-lo num cofre de ouro. Portanto, não é de estranhar a euforia do monarca, já que nenhum de nós sabe como se comportaria caso encontrasse de repente 20 bilhões de dólares no bolso, sabendo que dali em diante receberia mais 20 bilhões todos os anos. Também não é de estranhar o que ocorreu com o xá nessa ocasião — ele perdeu a cabeça. Em vez de reunir a família, seus fiéis generais e confiáveis conselheiros e debater com eles a melhor forma de empregar aquela fortuna, o xá, a quem — conforme ele afirmou — se revelara uma visão iluminadora, anuncia a todos que no decurso de uma geração transformará o Irã (um país atrasado, desorganizado, semianalfabeto e descalço) na quinta potência mundial. Ao mesmo tempo, o monarca dispara o cativante lema do bem-estar para todos, que desperta grandes esperanças no povo. No início, tais esperanças não pareceram irreais, já que todos estavam cientes de que o xá realmente recebera e continuaria a receber grandes somas de dinheiro.

Dias depois dessa entrevista coletiva mostrada na foto, o xá concede uma entrevista ao enviado do semanário *Der Spiegel*, ao qual diz:

“Dentro de dez anos teremos o mesmo padrão de vida que vocês, na Alemanha, ou que os franceses e os ingleses.”

“O senhor acha”, indaga o incrédulo entrevistador, “que isso poderá ser obtido em apenas uma década?”

“Sim, obviamente.”

“Mas”, retruca o estupefato correspondente, “o Ocidente precisou de várias gerações para atingir o nível em que se encontra hoje! O senhor estará em condições de superar tal feito?”

“Obviamente.”

Penso nessa entrevista agora (quando o xá já não está no Irã) com os pés afundados em inacreditáveis extensões de lama e esterco, no meio de miseráveis choupanas de barro de um pequeno vilarejo perto de Chiraz. À

minha volta, um bando de crianças seminuas e quase congeladas, enquanto diante de uma das choupanas uma mulher amassa esterco de vaca, formando algo parecido com panquecas que, depois de secas, serão o único combustível para aquecer a família no inverno (num país rico em petróleo e gás!). Percorrendo esse triste vilarejo da Idade Média e me lembrando daquela entrevista de anos atrás, vem-me à mente a mais banal das reflexões — a de que não existe no mundo um absurdo grande demais que a mente humana não possa inventar.

Mas voltemos ao xá. Por ora, ele está trancado no palácio, de onde emite centenas de ordens que sacudirão o Irã e que, cinco anos depois, acabarão provocando sua queda. Ordena a duplicação dos investimentos, o início de importação de tecnologia e a criação do terceiro — sob o ponto de vista tecnológico — exército do mundo. Determina que sejam trazidos os mais avançados equipamentos, ordenando que sejam montados e postos imediatamente em funcionamento. Máquinas modernas fabricarão produtos modernos, e o Irã inundará o mundo com mercadorias de primeiríssima qualidade. Decide construir usinas atômicas, fábricas de produtos eletrônicos, usinas siderúrgicas e diversos outros tipos de indústrias. Em seguida, aproveitando o agradável inverno europeu, parte para esqui em St. Moritz. Mas a charmosa e elegante residência do xá em St. Moritz deixa repentinamente de ser um lugar de calma e isolamento. A notícia do novo Eldorado percorre o mundo, provocando imensa agitação na maioria das capitais. Tal quantidade de dinheiro fez todos começarem a calcular quantos milhões poderiam arrancar do Irã. Diante da residência suíça do xá, formam-se filas de premiês e ministros dos até então respeitáveis governos de países considerados importantes e sérios. O xá recebe-os sentado numa poltrona e, aquecendo as mãos na lareira, fica ouvindo uma interminável sequência de propostas, ofertas e declarações de toda espécie. O mundo está prostrado a seus pés. Ele tem diante de si cabeças inclinadas, dorsos dobrados e mãos estendidas. “Vejam”, dizia aos premiês e ministros, “você não sabem governar, por isso não têm dinheiro!” Ensinava Londres e Roma, dava conselhos a Paris, espinafrava Madri. O mundo ouvia tudo com

humildade e engolia as pílulas mais amargas porque tinha os olhos voltados para a brilhante pirâmide de ouro erguida no deserto iraniano. Os embaixadores residentes em Teerã estavam à beira de um ataque de nervos, pois suas respectivas chancelarias cobriam-nos com dezenas de telegramas a respeito do dinheiro. Quanto o xá destinará para nós? Quando e em que condições? O quê?! Ele disse que não vai dar? Vossa Excelência tem de ser mais insistente, mais incisivo. Estamos oferecendo serviços garantidos e asseguramos uma publicidade favorável! Nas salas de espera até dos mais insignificantes ministros do xá, em vez de boas maneiras e elegância, reina um interminável empurra-empurra, olhares febris e mãos suadas. No entanto, esses homens que se acotovelam, que puxam outros pelas mangas, que bufam na cara de seus vizinhos e que gritam “Respeitem a fila!” são todos presidentes de multinacionais, diretores de gigantescos conglomerados, representantes de grandes companhias mercantis e industriais, além de enviados de diversos países, mais ou menos respeitados. Todos propõem, oferecem, preconizam — ora uma fábrica de aviões, ora de automóveis, ora de televisores, ora de relógios. E com esses egrégios — e, em condições normais, distintos — lordes das finanças e das indústrias mundiais, o Irã se vê invadido por uma horda de especuladores e golpistas, de gente especializada em ouro e pedras preciosas, de entendidos em discotecas e casas de striptease, em ópio, em bares, em barbearias, em surfe. Chegam pessoas prontas para editar uma versão persa da revista *Playboy* e outras que pretendem organizar um show no estilo de Las Vegas ou que vão instalar em Teerã um cassino melhor que o de Monte Carlo. Em breve, será possível parar numa rua de Teerã e ler anúncios em neon espalhados por toda parte: Jimmy’s Night Club, Holiday Barber Shop, Best Food in the World, New York Cinema, Discreet Corner — exatamente como na Broadway ou no Soho londrino. Todas essas pessoas que viajam às pressas ao Irã são abordadas nos aeroportos europeus por estudantes encapuzados, que tentam lhes enfiar nas mãos folhetos informando que naquele país pessoas estão sendo torturadas até a morte, que é impossível obter informações sobre quem está vivo ou quem está morto entre as pessoas

presas pela Savak. Mas a quem isso pode interessar diante da oportunidade de encher os bolsos de dinheiro, principalmente sob o grandioso lema da Grande Civilização, anunciado pelo próprio xá? Enquanto isso, o xá retorna das férias de inverno descansado e feliz por, finalmente, ter sido elogiado pelo mundo todo. A imprensa internacional só tem palavras de louvor a ele, destacando seus méritos e salientando sempre o fato de que, contrariamente aos problemas e às roubalheiras que se vê não importa para onde se olhe, no Irã não há nada disso. Lá, tudo funciona às mil maravilhas e o país está no caminho do desenvolvimento e da modernidade. Portanto é para lá que se deve ir ver como um monarca esclarecido não desanima diante da ignorância e da pobreza de seu povo, mas, pelo contrário, encoraja-o a despertar de sua letargia e, livrando-se das superstições, começar sua escalada a patamares de França e Inglaterra.

“Na opinião de Vossa Alteza”, indaga o enviado do *Spiegel*, “o modelo de desenvolvimento escolhido pelo senhor é o mais adequado?”

“Estou totalmente convencido disso”, responde o xá.

Infelizmente, o contentamento do monarca não durará muito. O desenvolvimento é um rio traiçoeiro, como sabem todos os que tentaram mergulhar em sua corrente. Em sua superfície, a água parece correr calma e serena, mas basta o timoneiro manobrar a embarcação com desleixo e autoconfiança em excesso para logo constatar quantos remoinhos e bancos de areia ocultam-se em seu leito. À medida que o barco vai encontrando mais e mais obstáculos desse tipo, o rosto do timoneiro começa a perder o ar despreocupado. Ele ainda continua assobiando e cantarolando para elevar o moral, mas no fundo de sua alma começam a germinar larvas de amargura e desapontamento pelo fato de o barco, que parecia seguir em frente, estar de fato parado, com a proa atolada num baixio. Porém tudo isso ocorrerá mais tarde. Por enquanto, o xá fez compras bilionárias, e de todos os continentes partem navios com mercadorias rumo ao Irã. Só que, ao chegarem ao golfo Pérsico, revelou-se que o Irã não possuía portos (um dado que o xá desconhecia). Quer dizer, havia portos, mas eles eram pequenos e antiquados, incapazes de receber tal quantidade de cargas. Algumas

centenas de navios foram obrigados a ficar ao largo, em alto-mar, aguardando — às vezes até por seis meses — sua vez de atracar. Por essas esperas, o Irã teve de pagar às companhias de navegação 1 bilhão de dólares por ano. Aos poucos, os navios foram atracando e sendo descarregados, mas então ficou claro que o país não dispunha de armazéns (um fato que o xá desconhecia). E assim, 1 milhão de toneladas dos mais diversos produtos ficou no deserto, exposto ao sol e debaixo de um insuportável calor tropical, sendo que a metade das mercadorias teve de ser jogada fora, já que eram alimentos e produtos químicos perecíveis. O que restou teve que ser levado para o interior do país, porém descobriu-se que o Irã não dispunha de um sistema de transportes adequado (um dado que o xá desconhecia). É verdade que havia alguns automóveis e vagões, mas não passavam de um grão de areia diante das necessidades. Para resolver o problema, foram trazidos da Europa 2 mil caminhões, no entanto aí se descobriu que o Irã não dispunha de motoristas qualificados (um dado que o xá desconhecia). Após uma série de reuniões, alguns aviões foram enviados a Seul, de onde retornaram trazendo motoristas sul-coreanos. Os caminhões foram carregados e partiram. No entanto, depois de aprenderem algumas palavras de parse, os motoristas rapidamente descobriram que seus salários eram a metade do salário dos motoristas iranianos. Revoltados, abandonaram os caminhões e retornaram para a Coreia. Quanto aos caminhões, continuam no deserto até hoje — imprestáveis e cobertos de areia —, na estrada que liga Bender Abbas a Teerã.

Apesar dos pesares e graças à intervenção de empresas multinacionais de transporte, as fábricas e as máquinas compradas dos mais diversos países acabaram chegando a seu destino. Mas então se descobriu que o Irã não dispunha de engenheiros e técnicos (um dado que o xá desconhecia). Se raciocinasse com lógica, alguém que se propusesse a criar uma Grande Civilização deveria começar a fazê-lo pelas pessoas, preparando e treinando quadros capazes de formar técnicos competentes e uma vanguarda artístico-intelectual. Só que essa abordagem era inaceitável! Abrir novas universidades, abrir uma politécnica? Cada escola dessas é um vespeiro!

Cada estudante é um rebelde, um inútil e um livre-pensador! Não era de estranhar que o xá não estivesse disposto a cavar a própria sepultura. O monarca tinha um método melhor — manter a maioria dos estudantes longe do país. Sob esse aspecto, o Irã era uma raridade. Mais de 100 mil jovens estudavam na Europa e nos Estados Unidos, a um custo muitas vezes superior ao que o Irã teria com eles em suas próprias escolas. Só que o sistema adotado pelo regime assegurava uma relativa segurança e uma aparente calma no interior do país. A maior parte desses jovens jamais retornava. Hoje há mais médicos iranianos em Hamburgo e em San Francisco do que em Teerã e Meshed. Os jovens recusavam-se a retornar apesar dos altos salários oferecidos pelo xá — eles tinham medo da Savak e não queriam mais beijar as botas de ninguém. Essa fuga de cérebros foi a grande tragédia do país. A ditadura do xá, com suas repressões e perseguições, condenava as melhores cabeças do Irã — seus maiores escritores, acadêmicos e pensadores — ao exílio, ao silêncio ou aos grilhões. A possibilidade de encontrar um iraniano com formação superior era muito maior em Marselha ou Bruxelas do que em Hamadan ou Qazvin. Dentro de seu país, um iraniano não podia ler os livros de seus grandes autores (eles eram editados exclusivamente no exterior), não podia ver os filmes de seus extraordinários diretores (sua exibição era proibida no país), não podia ouvir a voz de seus intelectuais (eles eram condenados ao silêncio). O regime do xá deixou como escolha ao povo somente a Savak ou os mulás. E o povo, é claro, escolheu os mulás.

Quando se pensa sobre a queda de uma ditadura (e o regime do xá foi uma ditadura especificamente brutal e perversa), não se deve ter a ilusão de que com a sua derrocada todo o sistema desaparece como quando se acorda de um pesadelo. É verdade que a existência física do sistema acabaria, mas seus efeitos psíquicos e sociais permaneceriam e ainda dariam sinais de vida por muitos anos, podendo perpetuar-se sob a forma de estranhos comportamentos do subconsciente. Ao destruir a elite intelectual e a cultura de um país, a ditadura deixa atrás de si um solo vazio e estéril, o qual deverá passar por um longo e penoso período de recuperação antes que rebrote

nele a árvore do pensamento. Quanto às pessoas que emergem de suas frestas, fissuras e recantos, nem sempre são as melhores; na maioria das vezes, são aquelas que sobreviveram devido à sua resistência e capacidade de adaptação. Nesses casos, a história começa a girar num trágico círculo vicioso, que demorará para ser quebrado.

Mas por ora é preciso parar — ou até recuar alguns anos —, pois ao anteciparmos os fatos já estamos destruindo a Grande Civilização antes mesmo de ela ser construída. No entanto, como construí-la se não temos os profissionais necessários e a nação, mesmo que esteja ansiosa para se instruir, não tem onde estudar? Para que a visão do xá se cumprisse, teria sido preciso empregar imediatamente pelo menos 700 mil especialistas, e o meio mais simples e mais seguro que se encontrou foi trazê-los de fora. A questão da segurança foi um argumento de peso, pois está mais do que claro que um estrangeiro não organizaria complôs ou rebeliões e não contestaria nem combateria a Savak, já que a única coisa que lhe interessa é concluir satisfatoriamente sua tarefa, ser pago e ir embora do país. Segundo esse raciocínio, se operários equatorianos construíssem o Paraguai e hindus construíssem a Arábia Saudita, não haveria mais nenhuma revolução no mundo. Basta agitar, misturar, transplantar, transferir, dispersar — e teremos a paz. E assim começam a chegar ao Irã dezenas de milhares de estrangeiros. No aeroporto de Teerã, pousa um avião atrás do outro trazendo empregadas domésticas das Filipinas, bombeiros hidráulicos da Grécia, eletricitas da Noruega, contadores do Paquistão, mecânicos da Itália, militares dos Estados Unidos. Olhemos as fotos do xá desse período — o xá conversando com um engenheiro de Munique, o xá conversando com um mestre de obras de Milão, o xá conversando com um operador de guindaste de Boston, o xá conversando com um técnico de Kuznetsk. E quem são esses únicos iranianos que vemos na fotografia? São ministros e agentes da Savak encarregados da proteção ao xá. Enquanto isso, os iranianos que não aparecem nas fotos olham tudo aquilo com olhos cada vez mais arregalados. Em primeiro lugar, os estrangeiros — mesmo fazendo um grande esforço para se comportar de forma modesta e humilde (como foi o caso do nosso

pequeno grupo de especialistas^{***}) — começam a incutir nos iranianos um complexo de inferioridade apenas pela força de sua capacidade profissional, por saberem apertar o botão certo na hora exata, por moverem a alavanca que deveria ser movida e por conectarem o cabo que deveria ser conectado. *O estrangeiro sabe — e eu sou incapaz.* Os iranianos são muito orgulhosos e extremamente sensíveis à questão da dignidade. Um iraniano jamais se admitirá incapaz de fazer alguma coisa; para ele, uma admissão dessas representaria uma grande vergonha e perda de prestígio. Ele sofrerá, ficará deprimido e, por fim, passará a sentir ódio. Os iranianos não demoraram a se dar conta da imagem que o xá tem de seus súditos — Continuem sentados à sombra das mesquitas pastoreando ovelhas, pois até vocês se tornarem gente de verdade vão se passar séculos, enquanto eu preciso construir um império global com americanos e alemães em dez anos. E foi assim que os iranianos encararam a Grande Civilização — antes de mais nada, como uma profunda humilhação. Mas, obviamente, esse foi apenas um aspecto da questão, pois logo começam a circular boatos sobre os salários que os especialistas ganhavam num país no qual, para a grande maioria dos camponeses, dez dólares era uma fortuna (o camponês recebia por seu produto 5% do valor pelo qual ele era vendido mais tarde no mercado). A maior indignação é causada pela remuneração dos oficiais americanos trazidos pelo xá. Não raro chegava a 150 — ou até a 200 — mil dólares por ano. Após quatro anos de permanência no Irã, o oficial retornava para casa com meio milhão de dólares no bolso. Os salários dos engenheiros eram significativamente menores, mas a ideia dos iranianos sobre a remuneração dos estrangeiros se forma por esse exemplo. Deve ser fácil imaginar como um iraniano médio — que mal conseguia fazer seu salário durar até o fim do mês — adorava o xá e sua Grande Civilização, e como se sentia quando, em sua própria pátria, era sempre empurrado, instruído e debochado por muitos daqueles homens de fora que, mesmo quando não o manifestavam claramente, estavam convencidos de sua superioridade.

Por fim, com ajuda estrangeira, uma parte das fábricas acaba sendo construída, mas é então que se constata que não há energia elétrica suficiente (um dado que o xá desconhecia). Ele até podia desconhecer, pois lia estatísticas e elas indicavam haver energia, o que não deixava de ser verdade; só que as estatísticas mostravam o dobro da energia que havia de fato. Enquanto isso, o xá sentia-se com a faca no pescoço. Precisava começar a exportar a todo custo, pois não só gastara toda aquela gigantesca fortuna até o último centavo como ainda fora se endividando à esquerda e à direita. E com que finalidade o Irã se endividara? Para comprar conglomerados multinacionais, americanos, alemães e muitos outros. E isso fora realmente necessário? Sim, porque o xá tinha que reger o mundo. Fazia vários anos que ele dava lições em todo o mundo; não lhe bastava distribuir conselhos e palpites a suecos e egípcios — agora ele precisava de uma força real. Os vilarejos iranianos afundavam em lama e aqueciam-se com bosta de vaca, mas que importância tinha isso diante das ambições internacionais do xá?

FOTOGRAFIA (11)

Na verdade, não é uma fotografia, mas a reprodução de um quadro a óleo, no qual um pintor laudatório representou o xá numa pose napoleônica, como o imperador francês montado a cavalo, comandando uma de suas vitoriosas batalhas. A foto foi divulgada pelo Ministério da Informação iraniano (por sinal, gerido pela Savak) e, portanto, teria de receber a aprovação do monarca, que gostava dessa espécie de comparação. O bem cortado uniforme, destacando a silhueta esbelta e esportiva de Mohammed Reza, deixa-nos atordoados diante de tal quantidade de galões, medalhas e cuidadosos emaranhados de cordas sobre o peito. Nesse quadro vemos o xá em seu papel preferido — o de comandante em chefe de um exército. O xá, obviamente, se preocupa com o bem-estar de seu povo e se dedica ao acelerado desenvolvimento do país, mas todas essas atividades tão aborrecidas resultam do fato de ele ser o pai da nação, enquanto seu verdadeiro hobby — sua verdadeira paixão — é o Exército, as Forças

Armadas. Uma paixão que não era tão abnegada assim. As Forças Armadas sempre constituíram o principal ponto de apoio do trono e, com o passar dos anos, foram se tornando cada vez mais seu único sustentáculo. No momento em que o Exército se dissipou, o xá deixou de existir. No entanto, hesito em usar o termo “Exército”, já que ele pode nos levar a uma associação de ideias totalmente equivocada. Para nós, poloneses, o Exército representa um agrupamento de pessoas que “derrama o sangue pela nossa e pela vossa liberdade”, que defende as fronteiras, luta pela independência, vence batalhas cobrindo de honra os seus estandartes ou sofre trágicas derrotas que resultam em anos de sofrimento para toda a nação.

Nada semelhante poderia ser dito a respeito do Exército dos dois xás Pahlevi. Em 1941, ele teve a oportunidade de assumir o papel de defensor da pátria, porém, ao se defrontar com o primeiro soldado estrangeiro, bateu em retirada. Em compensação, tanto antes como depois desse fiasco, em outras ocasiões o Exército iraniano teve a oportunidade de demonstrar com grande zelo seu poderio — ou seja, massacrando as desarmadas minorias nacionais e as igualmente desarmadas manifestações populares. Em outras palavras, as Forças Armadas iranianas não passavam de instrumentos de terror, de uma espécie de polícia militarizada. E, assim como a história das nossas Forças Armadas sempre fora marcada por grandes vitórias nos campos de batalha, a história das de Mohammed Reza é pontuada por terríveis massacres perpetrados contra a sua nação (Azerbaijão em 1946, Teerã em 1963, Curdistão em 1967, o Irã inteiro em 1978, e assim por diante). Por isso, a nação recebia com horror e medo qualquer notícia de reforço do poderio das Forças Armadas, achando — e com razão — que o xá estava trançando um chicote ainda mais grosso e mais dolorido, o qual, mais cedo ou mais tarde, acabaria caindo sobre o dorso do povo. Até a divisão entre Exército e polícia (existiam oito tipos diferentes de divisão) tinha um caráter apenas formal. No comando de todas as polícias estavam sempre generais do Exército — homens próximos ao xá. O Exército, assim como a Savak, detinha todos os privilégios. (“Após a conclusão dos meus estudos na França”, contou-me um médico, “retornei ao Irã. Certa noite, minha mulher

e eu fomos ao cinema e ficamos na fila para comprar os ingressos. De repente, surgiu um suboficial que furou a fila, foi até a bilheteria e comprou um ingresso. Chamei a atenção do suboficial e ele me deu um tapa na cara. Tive que aceitar calado a humilhação, pois as pessoas na fila me alertaram de que qualquer protesto meu poderia resultar em prisão.”) Assim, o xá sentia-se sempre mais bem vestido com uma farda, e dedicava a maior parte do tempo às Forças Armadas. Havia anos seu passatempo favorito era folhear revistas (dessas que existem às centenas no Ocidente) dedicadas às novas variedades de armas, anunciadas com estardalhaço pelos fabricantes. Mohammed Reza era assinante de todas e as lia com atenção. Durante anos — quando ainda não dispunha de dinheiro suficiente para comprar um desses brinquedos mortais que tivessem chamado sua atenção — o xá, no decorrer dessas fascinantes leituras, limitava-se a sonhar com a possibilidade de os americanos o presentear com um tanque ou um avião. De fato, os americanos sempre foram muito generosos nesse aspecto, mas volta e meia algum senador criava o maior caso e criticava o Pentágono por fornecer armas demais ao xá. Nessas horas, os fornecimentos eram interrompidos por algum tempo. Mas agora que o xá havia recebido aquela montanha de dinheiro proveniente da venda de petróleo, os problemas dele tinham terminado! Sua primeira providência foi dividir ao meio aquela inacreditável quantia de 20 bilhões de dólares (por ano): 10 bilhões para a economia e 10 bilhões para as Forças Armadas (é preciso acrescentar que os militares representavam apenas 1% da população do país). Em seguida, o monarca aprofundou-se ainda mais na leitura das revistas e nos prospectos de armamentos. De quantos tanques dispõe o Reino Unido? Mil e quinhentos. Muito bem, diz o xá, pois encomendemos 2 mil. Quantos canhões possui o Exército alemão? Mil. Ótimo, vamos encomendar 1500. Mas por que sempre mais do que o British Army ou o Bundeswehr? Porque precisamos possuir o terceiro Exército do mundo. Infelizmente, não podemos possuir nem o primeiro nem o segundo, mas o terceiro... sim, o terceiro podemos e conseguiremos. E eis que, mais uma vez, navios, aviões e caminhões seguem na direção do Irã levando as mais modernas armas que

os homens conseguiram inventar e construir. Em pouco tempo (pois, embora tivesse havido problemas na construção das fábricas, a questão do fornecimento de tanques nunca enfrentou dificuldades), o Irã se transforma num gigantesco parque de exposições de produtos bélicos. Parque de exposições porque o país não dispõe de armazéns, paióis ou hangares para acomodar e proteger todo esse arsenal. O panorama é realmente extraordinário. Quando hoje se viaja de Chiraz para Isfahan, num determinado ponto da estrada, do lado direito, pode-se ver centenas de helicópteros pousados no deserto, ociosos, sendo aos poucos cobertos por areia. Ninguém toma conta da área — seria desnecessário, pois não existem pessoas capazes de pôr em funcionamento os helicópteros. Perto de Qom, há campos inteiros cobertos por canhões e, nas cercanias de Ahvaz, outros campos com tanques abandonados. Mas novamente estamos nos adiantando aos acontecimentos. Por enquanto, Mohammed Reza continua no Irã e seu programa militar prossegue de vento em popa. O arsenal do monarca cresce sem parar, e a cada instante chega um artigo novo — foguetes, radares, caças, carros de assalto. E tudo em quantidades inimagináveis. Em apenas um ano o orçamento militar quintuplicou — passou de 2 para 10 bilhões de dólares —, e o xá ainda pensa em fazê-lo crescer mais. O monarca viaja pelo país, examina, lustra, acaricia os equipamentos, recebe relatórios, ouve explicações sobre para que serve aquela alavanca ou o que acontecerá se ele apertar esse botão vermelho. O xá escuta, meneia a cabeça. Mas como são estranhos aqueles rostos sob os capacetes e por trás dos óculos escuros. Têm pele clara e pelos louros ou então são escuros, quase africanos. Mas não há por que estranhar — são americanos! Afinal de contas, alguém tem que pilotar os aviões, alguém tem que operar os radares, alguém tem que ajustar as miras — e todos nós sabemos que o Irã não possui quadros, nem civis nem militares. Ao comprar os equipamentos mais sofisticados, o xá também teve de importar caríssimos especialistas, militares americanos capazes de operá-los. No último ano de seu reinado, havia no Irã em torno de 40 mil deles. Um em cada três nomes na folha de pagamento dos oficiais das Forças Armadas

iranianas era americano. Em diversas unidades técnicas, a quantidade de oficiais iranianos podia ser contada nos dedos da mão. Nem mesmo as Forças Armadas americanas dispunham de um número tão elevado de especialistas quanto o xá dizia precisar. Certo dia, ao examinar o prospecto de uma empresa fabricante de material bélico, o xá se encanta com a visão do destróier mais moderno do mundo, um *Spruance*. O preço de cada uma dessas belonaves é de 338 milhões de dólares, e o xá imediatamente encomenda quatro. Os contratorpedeiros chegam a Bender Abbas, mas as tripulações precisam retornar aos Estados Unidos, pois os americanos não dispõem de marinheiros suficientes para guarnecer seus próprios navios do mesmo tipo. E assim as quatro belonaves apodrecem até hoje no porto de Bender Abbas. Certa feita, o que despertou o encantamento do xá foi um protótipo do caça-bombardeiro F-16. Imediatamente, ele decidiu comprar todo um esquadrão. Mas os Estados Unidos são pobres e não têm condições de possuir nada de moderno, portanto tinham sido obrigados a abandonar a ideia de produzir o tal bombardeiro em virtude de seu preço, que lhes parecia excessivo: 26 milhões de dólares cada um. Por sorte, o xá salvou a situação, decidindo dar um apoio financeiro a seus pobres amigos. Encomendou 160 aviões desses, anexando um cheque no valor de 3,8 bilhões de dólares. Não se podia separar dessa soma de tirar o fôlego 1 milhão que fosse e comprar com ele alguns ônibus urbanos para os habitantes de Teerã? Ônibus urbanos? Mas que grandeza tem um ônibus urbano? Que tipo de raios de poder poderiam emanar de um ônibus urbano? E se retirássemos daqueles bilhões um milhãozinho apenas para construir poços em diversos vilarejos? Poços? E quem irá até esses vilarejos visitar poços? Os vilarejos ficam em lugares distantes, nas montanhas; ninguém vai querer visitá-los. Suponhamos que fizéssemos um álbum que mostrasse o Irã como a quinta potência do mundo e colocássemos nele a foto de um vilarejo com um poço. As pessoas na Europa iam se indagar o que revelava aquela fotografia. Ela não revelaria nada — apenas um vilarejo com um poço. Por outro lado, se colocássemos uma foto do monarca tendo ao fundo fileiras e mais fileiras de aviões a jato (existem centenas dessas

fotografias), todos assentiriam com admiração, dizendo: “De fato, é preciso reconhecer que esse xá fez algo incrível!”

Enquanto isso, Mohammed Reza passa dias a fio em seu gabinete. Vi na televisão uma reportagem gravada em seu interior. Uma das paredes está ocupada por um gigantesco mapa-múndi. A uma considerável distância do mapa há uma grande e confortável poltrona, uma mesinha e três telefones. O que mais chama a atenção é o fato de o gabinete não conter nenhum outro móvel. Não há outras poltronas ou cadeiras. O xá ficava nele sozinho. Sentava-se na poltrona e olhava para o mapa. As ilhas do estreito de Ormuz, já conquistadas e ocupadas por suas tropas. Omã, junto de cujas fronteiras encontram-se suas divisões. Somália, à qual prestou ajuda militar. Zaire, ao qual também forneceu ajuda, assim como ao Egito e ao Marrocos. Europa, onde possui capital, bancos e participações nos grandes conglomerados. América, onde adquiriu diversas participações acionárias e sobre a qual tinha algo a dizer. O Irã se estendia, se agigantava, conquistava posições em todos os continentes. O oceano Índico — sim, chegou o momento de aumentar sua influência no oceano Índico. O xá passa a dedicar cada vez mais tempo a esse tópico.

FOTOGRAFIA (12)

Um avião da companhia aérea Lufthansa no aeroporto de Mehrabad, em Teerã. Parece um folheto de propaganda, mas ele seria desnecessário, já que todos os assentos da aeronave estão sempre vendidos. O avião decola todos os dias de Teerã e pousa em Munique ao meio-dia. Limusines contratadas de antemão levam os passageiros para almoçar em restaurantes de luxo. Após o almoço, todos retornam a Teerã no mesmo avião, onde são aguardados para o jantar, já em suas residências. Não é um entretenimento barato — 2 mil dólares por cabeça, mas para as pessoas que gozam das boas graças do xá tal soma não representa grande coisa. Almoçar em Munique é um programa para os plebeus do palácio. As pessoas que detêm cargos mais altos nem sempre estão dispostas a suportar a inconveniência de uma viagem tão

distante. Para elas, aviões da Air France trazem cozinheiros e garçons diretamente do Maxim's de Paris. Mas mesmo esses caprichos não podem ser considerados extravagantes, pois não passam de migalhas diante das incalculáveis fortunas amealhadas por Mohammed Reza e sua turma. Aos olhos de um iraniano médio, a Grande Revolução, ou seja, a Revolução do Xá e da Nação, foi, antes de mais nada, uma Grande Pilhagem perpetrada pela elite. Todos os que detinham algum poder roubavam. Quando aparecia alguém que ocupava uma posição importante e não roubava, as pessoas faziam de tudo para evitá-lo, considerando-o suspeito, enquanto outros costumavam dizer: "Só pode ser um espião! Foi enviado para nos observar e depois revelar quanto cada um de nós rouba, pois esse tipo de informação é muito importante para os nossos inimigos". E logo que podiam se livravam do sujeito, pois ele "atrapalhava o jogo". E assim os valores morais se inverteram: alguém que queria ser honesto era imediatamente suspeito de ser pago para agir como um alcaguete mercenário. Se alguém tinha as mãos limpas, tratava de ocultá-las — havia algo de vergonhoso na limpeza; algo com duplo sentido. Quanto mais alto o posto, mais cheio o bolso. Aquele que quisesse construir uma fábrica ou abrir uma empresa tinha que dar uma participação à família do xá ou a um de seus dignitários — e dava de bom grado, pois o negócio somente prosperaria se tivesse o apoio da corte. Com dinheiro e influência, não havia problema insolúvel ou obstáculo que não pudesse ser transposto. As influências podiam ser compradas e aproveitadas para aumentar ainda mais a fortuna do corruptor. É impossível imaginar o volume de dinheiro que fluía para o caixa do xá, de sua família e de toda a elite da corte. A família do xá costumava receber subornos de mais de 100 milhões de dólares. Só no Irã ela movimentava entre 3 e 4 bilhões de dólares, mas o grosso de sua fortuna encontrava-se nos bancos internacionais. Os primeiros-ministros e generais recebiam subornos de 20 a 50 milhões de dólares. Quanto mais se descia na escala hierárquica, menores eram as quantias de dinheiro — mas, qualquer que fosse o valor, elas sempre eram pagas religiosamente! À medida que os preços foram subindo, aumentou o valor dos subornos, e as pessoas começaram a se queixar de ser forçadas a

ceder um percentual cada vez maior de seus ganhos para alimentar o Moloque da corrupção. Nos tempos antigos, existia no Irã o costume de leiloar os cargos públicos. O xá estabelecia o lance mínimo para o cargo de governador de uma província, e aquele que ganhasse o leilão era nomeado governador. Depois, já no cargo, pilhava seus vassallos com o objetivo de recuperar (com juros) o dinheiro que o xá lhe cobrara. Agora, esse antigo costume ressuscitava de forma diferente: o xá comprava as pessoas enviando-as ao exterior para firmar contratos, principalmente de fornecimento de produtos militares. O enviado recebia uma alta comissão, e parte dela era destinada à família do xá. Isso constituiu um verdadeiro paraíso para os generais e a Savak (os militares e os agentes da Savak juntaram uma verdadeira fortuna graças à Grande Civilização). Os ocupantes dos mais altos postos nas Forças Armadas enfiavam dinheiro nos bolsos sem a menor cerimônia. O contra-almirante Razi Abbas Atai, comandante em chefe da Marinha de Guerra, usava sua frota a fim de levar contrabando de Dubai para o Irã. Enquanto a costa do país ficava totalmente desprotegida, os navios do contra-almirante permaneciam no porto de Dubai sendo carregados com automóveis japoneses.

O xá, ocupado em construir o Quinto Império, a Revolução, a Civilização e o Desenvolvimento, não dispunha de tempo para se envolver nas pequenas operações de seus subalternos. As bilionárias contas do monarca foram fruto de um esquema bastante simples: o xá era a única pessoa que controlava a contabilidade da Sociedade Petrolífera Iraniana, o que lhe dava o poder de decidir como seriam divididos os petrodólares, sendo que a linha divisória entre o bolso do monarca e o Tesouro Nacional era obscura e indefinida. É preciso acrescentar que o xá, esmagado por tal quantidade de obrigações, jamais se esquecera de seu cofre particular, e saqueava o país de todas as formas possíveis. E o que acontecia com a montanha de dinheiro amealhada pelos favoritos do monarca? Em 1958 estourou um escândalo no Senado americano quando alguém denunciou que o dinheiro que a América enviava na época ao Irã, a título de ajuda humanitária, retornava aos Estados Unidos sob a forma de depósitos bancários feitos nas contas particulares do

xá, de seus familiares e de seus conselheiros mais próximos. A partir do momento em que o Irã iniciou seus impressionantes negócios com petróleo — ou seja, logo após os dois aumentos de preço dessa matéria-prima —, nenhum Senado do mundo pôde se meter nos assuntos internos do reino, e a enxurrada de dinheiro passou a fluir tranquilamente para fora do país, indo parar no exterior e em confiáveis bancos privados. Todos os anos, a elite iraniana depositava em suas contas particulares nesses bancos mais de 2 bilhões de dólares, sendo que no ano da revolução chegou a remeter mais de 4 bilhões. Tratava-se da pilhagem do próprio país em proporções jamais vistas e difíceis de assimilar. Qualquer pessoa podia retirar do Irã quanto dinheiro quisesse — bastava preencher um cheque. Isso, porém, não era tudo, pois não se remete de um país tal quantidade de dinheiro somente com o propósito de comprar presentes ou de se divertir, mas também de comprar — em Londres ou Frankfurt, em San Francisco ou na Riviera — ruas inteiras de prédios e vilas, dezenas de hotéis, hospitais particulares, cassinos e restaurantes. Essa extraordinária quantidade de moeda sonante permitiu ao xá dar vida a uma nova classe social até então desconhecida por historiadores e sociólogos: a petroburguesia, um fenômeno social incomum. A petroburguesia não produz nada, e sua única função é esbanjar dinheiro. O acesso a essa classe não passa pelo caminho da luta social (contra o feudalismo, por exemplo) nem pelo princípio da livre concorrência, mas pelo caminho da competição pelas boas graças do xá. Esse acesso podia ser obtido no decurso de um dia ou até em questão de minutos — bastava uma palavra do monarca, a sua assinatura. Avançavam aqueles que mais conseguissem agradar a seu amo, os que mais o bajulassem, os que fossem mais capazes de convencê-lo de sua inabalável lealdade e profunda submissão. É uma classe de parasitas que, em pouco tempo, apossa-se de uma grande parte das receitas de petróleo do Irã e se torna a verdadeira proprietária do país. Tudo é permitido a seus membros, pois eles satisfazem a maior necessidade do xá — a de ser bajulado. Paralelamente, também lhe dão a tão preciosa sensação de segurança. Agora, ele está cercado por um exército armado até os dentes e tem em volta de si uma multidão que grita

vivas à sua passagem. A essa altura, o xá ainda não se dá conta de quão evidente, falso e frágil é tudo isso. Por ora, a petroburguesia domina o país (e ela é formada por uma curiosa mistura de tipos e personagens — oficiais superiores das Forças Armadas, primeiro escalão civil do governo, cortesãos e suas famílias, a camada superior de especuladores e agiotas, além de um grande número de indivíduos sem profissão ou emprego público. Esses últimos são difíceis de qualificar, embora todos desfrutem de prestígio social e tenham bens e contatos importantes. E por que são tão prestigiados? A resposta é sempre a mesma: por serem “homens do xá”). Uma das características dessa classe que enfurecia particularmente uma sociedade tão ligada às tradições familiares como a sociedade iraniana é a sua “internacionalização”. Seus membros vestem-se em Nova York ou Londres (as mulheres sobretudo em Paris), passam o tempo livre nos clubes americanos em Teerã e enviam as crianças para estudar no exterior. A simpatia que desfrutam de europeus e americanos é inversamente proporcional à que lhes dedicam seus conterrâneos. Ao receberem visitantes estrangeiros em suas elegantes vilas, desejam influenciar a opinião deles sobre o Irã (embora muitos estejam pouco familiarizados com sua própria cultura). Como adotaram o comportamento de “cidadãos do mundo” e se expressam em línguas europeias, não é de estranhar que sejam eles exatamente os iranianos com quais os europeus procuram manter contato. Mas que contatos enganosos! Como é distante dessas vilas o Irã real que, em breve, levantará a voz e surpreenderá o mundo! Guiada pelo instinto da autopreservação, essa classe social pressente que sua carreira será tão breve quanto brilhante. Por isso, desde o começo, ela vive de malas prontas, manda dinheiro para fora do país e adquire propriedades na Europa e na América. Mas, como o dinheiro é muito, dá para separar uma parte e, por enquanto, viver com conforto no Irã. E assim começam a surgir em Teerã bairros chiques, cujo conforto e luxo só podem deixar estupefato qualquer visitante. O preço de muitas casas chega a alcançar milhões de dólares. Esses bairros crescem na mesmíssima cidade na qual, em outras ruas, famílias inteiras espremem-se em alguns míseros metros quadrados, sem luz e sem

água corrente. Se ao menos todo esse poder de consumo e incomensurável voracidade fossem vividos com mais discricção, sem dar tanto na vista, cerrando-se as cortinas antes de se promover um banquete, construindo-se vilas em florestas, longe das vistas das pessoas, para não provocá-las... Mas qual o quê! Aqui o costume manda brilhar e deixar os outros boquiabertos, expor tudo como numa vitrine, acender todas as luzes, cegar, fazer o outro cair de joelhos, atropelar, esmagar! Afinal, de que serve ter alguma coisa? Para desfrutar quietinho, num cantinho qualquer, deixando apenas correr alguns boatos de que alguém viu, de que alguém falou? Mas viu o quê? Falou o quê? Não! Ter uma coisa desse modo é o mesmo que não ter nada! Ter de verdade é anunciar aos quatro ventos, é convocar todos para que vejam e babem, para que seus olhos saltem das órbitas! E, efetivamente, diante dos olhos das caladas e cada vez mais hostis multidões, a nova classe social faz uma demonstração da *dolce vita* iraniana sem limites em sua perversão de costumes, ganância e cinismo. Com isso, a petroburguesia provocará um incêndio em cujas chamas ela acabará morrendo, assim como seu criador e protetor.

FOTOGRAFIA (13)

Trata-se da reprodução de uma caricatura que um artista da oposição deve ter feito durante a revolução. Nela vemos uma rua de Teerã por onde passam enormes e luxuosos automóveis americanos. Nas calçadas, pessoas com expressões de desapontamento. Cada uma segura um “pedaço” de automóvel — uma maçaneta, um cinto de segurança, uma alavanca de câmbio manual. Debaixo do desenho, os dizeres: “Um Peykan para cada um!” (Peykan é a marca de um carro popular no Irã). Quando o xá começou a receber aquela montanha de dinheiro, prometeu que cada iraniano teria condições de comprar um carro. A caricatura mostra de que forma a promessa foi cumprida. Pairando sobre a rua, uma imagem do xá sentado numa nuvem, olhando para baixo com fúria e ar de reprovação. Acima de sua cabeça, o seguinte texto: “Mohammed Reza está furioso com a nação

que não admite melhorias”. O desenho revela que interpretação os iranianos deram à Grande Civilização — a de uma Grande Injustiça. Numa sociedade em que jamais houvera paridade, o fosso da desigualdade aprofundou-se ainda mais. É evidente que os xás sempre possuíram mais que os outros iranianos, mas não se podia chamá-los de milionários. Para manter suas cortes num estado minimamente respeitável, eram forçados a vender concessões. O xá Naser-ed-Din endividou-se tanto nos bordéis de Paris que, para se livrar da cadeia e poder retornar à sua pátria, vendeu aos franceses os direitos de pesquisas arqueológicas e da retirada do país das antiguidades encontradas. Mas aquilo foi antes. Agora, nos anos 1970, o Irã conquista uma fortuna incalculável. E o que faz o xá? Distribui parte do dinheiro entre os membros da elite, destina metade do que sobrou às Forças Armadas e a outra metade ao desenvolvimento. Mas o que significa “desenvolvimento”? Desenvolvimento não é um conceito neutro ou abstrato; ele sempre se dá em nome de alguma coisa e para alguém. Pode haver um desenvolvimento que enriqueça uma sociedade, tornando sua vida melhor, mais livre e mais justa; mas também pode haver um cujo caráter seja o exato oposto. É o que costuma ocorrer nos sistemas autocráticos, nos quais a elite confunde seus interesses com os da nação, quando os únicos objetivos do desenvolvimento são reforçar o Estado e seu aparelho repressivo, fortalecer a ditadura, a escravidão, a esterilidade, a imprecisão e o vazio da existência. E foi esse o tipo de desenvolvimento que, ilusoriamente embrulhado sob o nome de Grande Civilização, foi vendido no Irã. Diante disso, como estranhar que os iranianos, após sofrerem perdas terríveis, tivessem se revoltado e derrubado tal tipo de desenvolvimento? E se rebelaram não por serem ignorantes e retrógrados (estamos nos referindo à nação, e não a um grupo de fanáticos enlouquecidos), mas por serem inteligentes o bastante para perceber o que se passava. Haviam se dado conta de que, com mais alguns anos daquela Civilização, eles não teriam como respirar e, até, deixariam de existir como nação. A luta contra o xá (ou seja, contra o regime opressor) não foi abraçada apenas por Khomeini e os mulás. Isso foi o que a Savak (como ficou comprovado mais tarde) sustentou habilmente: como se os retrógrados

mulás tivessem destruído as luminosas e desenvolvimentistas ideias do xá. Não! A luta foi abraçada por todos aqueles que constituíam o intelecto, a consciência, a honra, a honestidade e o patriotismo do Irã: trabalhadores, escritores, estudantes, professores. Eram eles que morriam nas prisões da Savak e foram eles os primeiros a pegar em armas para combater a ditadura. Pois, junto com a Grande Civilização, cresciam no Irã — e adquiriam proporções jamais vistas — dois fenômenos opostos: de um lado, o aumento da repressão policial e do terror da ditadura, e, de outro, o cada vez maior número de greves operárias e estudantis, além do surgimento de uma guerrilha urbana. Esta última, conduzida pelos fedaim iranianos (que, por sinal, nada tinham em comum com os mulás; pelo contrário, eram combatidos por eles). A guerrilha iraniana agia numa escala maior do que a de muitos países da América Latina, mas o mundo não tomou conhecimento disso — afinal, a quem tal fato poderia interessar, se o xá permitia que todos ganhassem dinheiro? Seus quadros são formados por médicos, estudantes, engenheiros, poetas — a “massa ignara” que ousa se rebelar contra o xá e seu moderno país que todos tanto admiram e elogiam. No decurso de cinco anos, centenas de guerrilheiros iranianos são mortos em combate, enquanto outras centenas são assassinadas nos porões da Savak. Em tal espaço de tempo, nem Somoza nem Stroessner tiveram na consciência tal quantidade de vítimas. Daqueles que fundaram a guerrilha iraniana, que foram seus dirigentes e terroristas e que comandaram os fedaim, os *mujahidin* e outros grupos armados, nem um só conseguiu sobreviver.

DAS ANOTAÇÕES (7)

Um xiita é, antes de tudo, um opositor. No início, os xiitas formavam um pequeno grupo de amigos e partidários de Ali, o genro de Maomé, marido de sua adorada filha Fátima. Após a morte de Maomé, que não deixara um herdeiro homem e não indicara claramente quem deveria ser seu sucessor, os muçulmanos passaram a brigar pela herança do profeta —

ou seja, por quem seria o líder (califa) dos seguidores de Alá, tornando-se a pessoa mais importante do mundo islâmico. Os partidários de Ali (“shia”, ou “xia”, é uma abreviação da frase *Shi’atu Ali*, que, em árabe, significa “partido de Ali”) lançam o nome de seu líder para ocupar o posto, argumentando ser ele o único representante da família do profeta e pai dos dois netos de Maomé: Hasan e Husain. No entanto, os sunitas, que representavam a maioria muçulmana, ignoram a voz dos xiitas por 24 anos e escolhem os três primeiros califas: Abu Bakr, Omar e Otman. Por fim, Ali consegue ser escolhido califa, mas seu califado termina cinco anos depois, quando um assassino parte seu crânio com uma espada envenenada. Quanto aos dois filhos de Ali, Hasan é envenenado e Husain morre numa batalha. A extinção da família de Ali priva os xiitas de qualquer chance de conquistar o poder (que cai nas mãos das dinastias omíadas, depois abássidas e, finalmente, otomanas — todas sunitas). O califado, que — de acordo com o que pretendia o profeta — deveria ser uma instituição simples e modesta, transforma-se numa monarquia hereditária. E, assim, os pios e pobres xiitas, a quem incomodam a ostentação e a postura de novos-ricos dos califas, tornam-se oposição.

Isso tudo aconteceu em meados do século VII, mas permanece como uma história viva e constantemente lembrada. Ao conversar com um xiita devoto sobre sua fé, ele sempre trará à tona esses tempos longínquos e, com lágrimas nos olhos, vai nos contar detalhes do massacre de Karbala, no qual Husain foi decapitado. Ao ouvir isso, um europeu cético e irônico certamente pensará com seus botões: “Meu Deus, que importância tem isso nos dias de hoje?”, mas se verbalizar esse pensamento poderá provocar sentimentos de fúria e ódio no xiita.

A sina dos xiitas é efetivamente trágica sob qualquer ponto de vista, e esse sentimento de tragicidade, de injustiça histórica e das perenes desgraças que parecem acompanhá-los através dos tempos está profundamente enraizado em suas consciências. Existem no mundo sociedades para as quais nada dá certo por séculos e séculos, quando tudo parece se desfazer em suas mãos e

quando a cada chama de esperança que se acende logo sopra um vento que a apaga — em suma, povos que parecem ter sido marcados para sofrer. É esse o caso dos xiitas. Talvez por isso eles deem a impressão de ser profundamente tensos, sérios, agarrados de forma obstinada a seus argumentos e princípios, além de (trata-se apenas de uma impressão) tristes.

Assim que os xiitas (que mal chegam a 10% dos muçulmanos, com os sunitas representando os 90% restantes) passam para a oposição, começam a ser perseguidos. As lembranças dos inúmeros pogroms aos quais foram submetidos por séculos vêm à mente. Por causa disso, os xiitas se fecham em guetos, comunicam-se entre si por sinais que só eles compreendem e adotam um comportamento conspiratório. Orgulhosos ao extremo e bastante diferentes da submissa maioria sunita, opõem-se à autoridade estabelecida (a qual, vivendo em luxo e riqueza, deixou de lado o puritanismo dos tempos de Maomé) e se insurgem contra a ortodoxia obrigatória. Aos poucos, procuram lugares mais seguros, onde tenham maiores chances de sobreviver. Em épocas passadas, quando a comunicação era difícil e lenta e as distâncias serviam como um isolador eficiente, os xiitas se esforçaram para permanecer o mais longe possível dos centros de poder (Damasco e Bagdá). Espalharam-se pelo mundo, atravessaram montanhas e desertos, caíram na clandestinidade. Assim surgiu a diáspora xiita, existente até hoje no mundo islâmico. A epopeia dos xiitas, repleta de indescritíveis sacrifícios, atos de coragem e demonstrações de força de espírito, mereceria um livro à parte. Uma parcela dessas comunidades errantes seguiu para o Oriente. Atravessou o Tigre, o Eufrates e a cordilheira de Zagros, e chegou ao desértico planalto iraniano.

Na época, o Irã — exausto e destruído pelas inúmeras guerras com Bizâncio — acabara de ser conquistado pelos árabes, que disseminavam a nova religião: o islã. Seu processo é lento e se dá em um ambiente hostil. Até então, os iranianos tinham sua religião oficial (o zoroastrismo) ligada ao regime vigente (a dinastia sassânida). E eis que lhes enfiam goela abaixo outra religião oficial, atrelada a um novo (e além do mais estrangeiro) regime — o Islã sunita. Típico caso de uma emenda pior que o soneto.

Foi exatamente nesse momento que chegaram ao Irã os exaustos, pobres e infelizes xiitas, ainda com claros sinais das terríveis dificuldades pelas quais haviam passado. Os iranianos são informados de que esses xiitas são muçulmanos e, além do mais, os únicos muçulmanos legítimos (como eles mesmos afirmam), portadores da fé verdadeira e dispostos a sacrificar a vida por essa fé. “Muito bem”, retrucam os iranianos, “mas nesse caso quem são aqueles árabes, irmãos de vocês, que nos derrotaram?” “Irmãos?!” exclamam os indignados xiitas. “Eles não são nossos irmãos; são usurpadores sunitas que nos perseguem, que assassinaram Ali e que se apossaram indevidamente do poder. Nós não os reconhecemos e lhes fazemos oposição!”

Essa declaração dos descalços recém-chegados incute nos iranianos uma importante linha de pensamento. Então é possível ser muçulmano sem precisar, forçosamente, ser um muçulmano do regime vigente! E — o que é ainda mais importante — pelo que eles dizem, é possível ser um muçulmano de oposição! E, ao ser um muçulmano de oposição, ser um muçulmano melhor! Agradam-lhes aqueles pobres e injustiçados xiitas. Na época, os iranianos também eram pobres e sentiam-se injustiçados. Seu país estava em ruínas e eles eram governados por um ocupante. Assim, não foi difícil para eles se entenderem às mil maravilhas com os exilados que tinham chegado ao Irã em busca de abrigo e de hospitalidade. Em pouco tempo, a população local passa a ouvir os pregadores xiitas e, por fim, acaba adotando sua fé.

Nessa hábil manobra dos iranianos pode-se perceber toda a sua sagacidade e independência. Eles possuem uma incrível capacidade de se manter independentes mesmo em condições de dependência. Por centenas de anos, o Irã foi vítima de invasões, agressões e partilhas. Embora por séculos e séculos tenham sido dominados ou por estrangeiros ou por governos locais dependentes do poderio estrangeiro, eles conseguiram preservar sua cultura, sua língua, sua impressionante personalidade e sua força de espírito quando houve condições propícias para isso, erguendo-se e renascendo das cinzas. Nos 25 séculos de sua história escrita, os iranianos sempre conseguiram — mais cedo ou mais tarde — passar a perna em todos aqueles que acreditaram poder dominá-los impunemente. Em alguns casos,

conseguiram isso apenas com levantes e revoluções, pagando um terrível tributo em sangue. Em outros, adotaram a tática da resistência passiva, mas aplicada de uma forma conseqüente e radical. Quando chegavam a ponto de não suportar mais um regime, o país todo parava e desaparecia como se tivesse sido tragado pela terra. A autoridade dominante emite ordens, mas não há ninguém para ouvi-las; franze as sobancelhas, mas ninguém as vê; grita, mas é uma voz ecoando no deserto. E então ela desaba como um castelo de cartas. No entanto, o método mais adotado pelos iranianos é o da absorção, da assimilação — porém uma assimilação ativa, capaz de encontrar sempre uma saída para situações que parecem insolúveis.

E assim procederam ao serem derrotados pelos árabes. “Vocês querem o islã?”, perguntam a seus ocupantes. “Pois o terão, mas sob a nossa forma nacional, numa edição independente e rebelada. Será uma fé, porém uma fé iraniana, na qual se evidenciarão o nosso espírito, a nossa cultura e a nossa independência.” Essa filosofia serviu de base para os iranianos aceitarem o islã. Aceitam-no, mas na versão xiita, que naqueles tempos era a fé dos derrotados e injustiçados, servindo de ferramenta para a contestação e a resistência — uma ideologia que não se deixa humilhar e que prefere sofrer a abrir mão de seus princípios, pois deseja manter, assim, sua distinção e sua dignidade. O xiismo torna-se não somente a religião nacional dos iranianos, mas também seu asilo e refúgio; uma forma de sobrevivência nacional, bem como — em determinados momentos — de luta e libertação.

Desse modo, o Irã torna-se a mais convulsionada província do império muçulmano. A toda hora há conspirações, eclodem levantes, mensageiros mascarados vagueiam pelas ruas, panfletos e jornais secretos circulam por toda parte. Os governadores árabes espalham o terror. O resultado, contudo, é exatamente o oposto do esperado. Em resposta ao terror oficial, os xiitas iranianos resolvem resistir, mas não de maneira direta, pois não são suficientemente fortes para isso. A partir daí, um dos elementos da sociedade xiita será — se é que podemos usar esta definição — o “terrorismo marginal”. Essas pequenas e secretas organizações terroristas que não sabem o que é medo ou compaixão semeiam terror no Irã até os

dias de hoje. Metade dos assassinatos cometidos no Irã e que costumam ser atribuídos aos aiatolás resulta de sentenças decretadas por essas organizações. De forma geral, os historiadores atribuem aos xiitas a criação e a introdução do conceito de terror individual como método de combate. A marginalidade há pouco mencionada é um produto das contendidas ideológicas travadas por séculos no seio do xiismo.

Assim como toda sociedade condenada a viver em guetos e a lutar por sua sobrevivência, também a xiita se caracteriza pela obstinação e por um fanático, obsessivo e ortodoxo zelo pela pureza de sua doutrina. Para poder sobreviver, um homem perseguido deve manter uma fé inabalável no acerto de sua escolha — ele precisa proteger todos os valores que o levaram a essa escolha. Assim, todos os cismas (e o xiismo passou por dezenas) sempre tiveram um denominador comum — todos foram, poderíamos dizer, cismas ultraesquerdistas. Sempre que aparecia (e isso se dava com frequência) uma facção mais fanática que passava a acusar o restante de seus correligionários de falta de firmeza na execução do compromisso com a fé, ocorria uma cisão. E, havendo uma cisão, os mais fervorosos pegavam em armas para combater os inimigos do islã e redimir com sangue (já que muitos morriam nessas empreitadas) a traição e a indolência de seus irmãos.

Os xiitas iranianos vivem oitocentos anos em catacumbas, na clandestinidade. Sua vida lembra as provações e os sofrimentos dos primeiros cristãos em Roma, atirados aos leões. Volta e meia dão a impressão de que acabarão sendo exterminados por completo. Passam anos escondidos nas montanhas, morando em cavernas e morrendo de fome. As pouquíssimas de suas canções que sobreviveram a esses tempos estão cheias de mágoa e desespero, prenunciando o fim do mundo.

Mas há também períodos mais calmos, quando o Irã passa a ser o asilo dos opositores do império muçulmano, que acorrem para lá de todas as partes do mundo a fim de buscar abrigo, encorajamento e apoio entre os xiitas. Ali vão poder ter aulas na grande escola xiita da conspiração; poderão, por exemplo, aprender o conceito da dissimulação (*taqiya*), que facilita a sobrevivência. Segundo tal conceito, quando um xiita se confronta

com um adversário mais forte, ele, no intuito de salvar a si e aos que lhe são mais próximos, tem todo o direito de aceitar humildemente a religião vigente e afirmar ser seu mais fiel seguidor. Também poderão assimilar o conceito de confundir o adversário (*kitman*), que permite a um xiita, em caso de grave perigo, fingir-se de desentendido e abjurar descaradamente tudo o que acabara de afirmar momentos antes. Assim, na Idade Média o Irã transforma-se na meca de toda a espécie de descontentes, conspiradores, rebeldes, agitadores, dos mais estranhos eremitas, profetas, fanáticos, heréticos, estigmatizados, místicos, adivinhos, vindos de todos os quadrantes e que ali se estabelecem e pregam, contemplam, rezam e vaticinam. “Nos anos que passei na escola, sempre fui muito religioso”, diz um iraniano, “e todas as crianças achavam que eu tinha uma auréola em volta da cabeça.” Tentemos imaginar um oficial europeu comentando com seus colegas que caíra num precipício e um santo estendera-lhe a mão, pegando-o em pleno ar e salvando sua vida. O xá descreve esse acontecimento em seu livro, e todos os iranianos leem essa passagem com a maior seriedade. A crença em milagres é profundamente enraizada ali, assim como a crença em números, sinais, símbolos, profecias e visões.

No século xvi, os governantes da dinastia iraniana dos safávidas elevam o xiismo à condição de religião oficial e, com isso, o que fora uma ideologia de oposição das massas passa a ser a ideologia de um país de oposição — a nação iraniana — à dominação do império sunita dos otomanos. No entanto, com o passar dos anos, as relações entre a monarquia e a religião xiita foram se deteriorando cada vez mais. O problema todo residia no fato de os xiitas rejeitarem não somente a autoridade dos califas, mas também de serem intolerantes com qualquer tipo de autoridade laica. O Irã é o único caso de um país cuja sociedade acredita apenas na autoridade de seus líderes religiosos — os imãs, sendo que, de um ponto de vista puramente racional (porém não o dos xiitas), o último deles passou deste mundo para o outro no século ix.

Assim, chegamos ao âmago da doutrina xiita, ao seu principal dogma: os xiitas, não tendo nenhuma chance de chegar ao califado, viram as costas aos califas e somente passam a aceitar como líderes aqueles que professam a sua fé — os imãs. O primeiro deles foi Ali; o segundo e o terceiro, seus filhos Hasan e Husain, e assim por diante, até o décimo segundo. Todos esses imãs tiveram morte violenta, tendo sido assassinados ou envenenados pelos califas, que viam neles líderes de uma oposição ameaçadora. No entanto, os xiitas acreditam que Mohammed — o Décimo Segundo Imã — não morreu de fato, mas sumiu misteriosamente no ano 878 numa gruta da grande mesquita de Samarra (hoje uma cidade iraquiana). É o Imã Oculto, o Aguardado, que aparecerá no seu devido tempo como Mahdi (“guiado por Deus”), estabelecendo um reino de justiça na terra, após o que virá o fim do mundo. Os xiitas estão convictos de que, caso esse imã não existisse e não estivesse presente no dia a dia de cada um, o mundo já teria desaparecido. A crença na existência do Aguardado é a fonte da força espiritual dos xiitas; é a fé que os move e pela qual eles estão dispostos a morrer. Trata-se de um anseio tipicamente humano dos membros de uma sociedade sofrida e injustiçada, no qual eles encontram alento e — acima de tudo — um sentido para sua vida: “Não sabemos quando o Aguardado virá, mas Ele poderá aparecer a qualquer momento, quando então terminarão nossas lágrimas e poderemos nos sentar à mesa da fartura”.

O Aguardado é o único líder a quem os xiitas estão dispostos a obedecer cegamente. Num nível mais baixo, eles aceitam seus timoneiros religiosos — os aiatolás e, num nível ainda mais baixo, os xás. Enquanto o Aguardado, sendo objeto de um culto, é adorado — um xá poderia, no máximo, ser tolerado.

Desde a época dos safávidas, o Irã passou a contar com duas autoridades: a da monarquia e a das mesquitas. As relações entre essas duas forças costumavam variar com o tempo, mas nunca foram muito amigáveis. No entanto, quando o equilíbrio entre elas é perturbado, quando o xá tenta assumir o poder total (sobretudo com ajuda estrangeira), aí o povo se reúne nas mesquitas e começa a lutar.

Para os xiitas, a mesquita é algo mais que um simples local de culto. É também um abrigo no qual é possível resistir a uma tempestade e até salvar a vida. É um terreno protegido pela imunidade, inacessível a qualquer autoridade. No Irã antigo, se um bandido perseguido pela polícia conseguisse entrar em uma mesquita, estaria salvo — ninguém poderia tirá-lo de lá. Se compararmos a arquitetura de uma mesquita com a de uma igreja católica, logo notaremos grandes diferenças. A igreja é um espaço fechado, feito para se concentrar, rezar e manter-se em silêncio. Se uma pessoa fala em seu interior, logo alguém chama a atenção dela. Nas mesquitas, as coisas se passam de forma diferente. A maior parte de sua área é ocupada por um pátio aberto, no qual é possível rezar, mas também passear, discutir e até fazer um comércio. É um local de vida social e política agitada. O iraniano, que no trabalho é atormentado por seus chefes, que nos departamentos públicos se defronta com burocratas agressivos e sempre prontos a exigir um pagamento “por fora” e que permanentemente é vigiado pela polícia, vai à mesquita para reencontrar seu equilíbrio e sua paz interior, para reconquistar sua dignidade. Ali ninguém o apressa, ninguém o xinga. Ali desaparece a hierarquia, todos são iguais, todos são irmãos — e como a mesquita é um lugar de conversa e de diálogo, as pessoas podem se expressar, emitir opinião, queixar-se e ouvir as queixas dos outros. Aquilo é um alívio, muito necessário a qualquer um! Por isso quando a ditadura começa a apertar os parafusos e as ruas e os locais de trabalho vão se tornando cada vez mais silenciosos, as mesquitas enchem-se de pessoas falando pelos cotovelos. Nem todos que vão para lá são muçulmanos fervorosos ou foram acometidos por um repentino ataque de religiosidade — estão lá porque querem respirar livremente, para se sentirem seres humanos. Nesse recinto até a atuação da Savak é limitada, o que não a impede de praticar barbaridades com os sacerdotes que abertamente denunciam o abuso de seu poder. O aiatolá Saidi morre no decorrer de uma sessão de torturas naquela terrível mesa elétrica apelidada de “frigideira”. O aiatolá Azarshari morre logo em seguida, quando os agentes da Savak mergulham-no num caldeirão de óleo fervente. O aiatolá Teleghani acaba

sendo liberado, mas é tão maltratado que não viverá por muito tempo. Está sem pálpebras. Os agentes da Savak estupraram sua mulher e sua filha na frente dele, e Teleghani fechou os olhos para não ver. Então, os facínoras queimaram suas pálpebras com cigarro para ele ser obrigado a mantê-los abertos. Tudo isso nos anos 1970.

No que se refere ao xá, sua atitude em relação às mesquitas colocou-o numa situação bastante contraditória. Se, por um lado, ele perseguia a dissidência religiosa, por outro — sempre ansiando por popularidade — fazia questão de posar de muçulmano ardoroso, peregrinava por lugares sagrados, mergulhava em preces e pedia bênçãos aos mulás. Como, então, ele poderá declarar guerra aberta às mesquitas?

Mas havia ainda outro motivo para as mesquitas gozarem de uma relativa liberdade. Os americanos, que manipulavam o xá (o que sempre resultou em grandes desgraças para o monarca, já que eles não conheciam o Irã e até nunca souberam o que realmente se passava no país), achavam que a única oposição vinha do Tudech, o partido comunista. Diante disso, todo o fogo da Savak foi dirigido contra os comunistas. Só que a essa altura não havia mais muitos comunistas no Irã — os que existiram anteriormente haviam sido dizimados: ou já tinham morrido, ou viviam exilados. O regime ficou tão obcecado pela perseguição aos comunistas — reais e imaginários — que não se deu conta de que as forças que acabariam com a ditadura desenvolviam-se em outro lugar e sob outro lema.

Além dos motivos já descritos, os xiitas costumam visitar mesquitas por elas estarem sempre próximas, na vizinhança, no caminho. Somente em Teerã há mil delas. O destreinado olho do turista verá apenas as mais grandiosas, enquanto a maioria das mesquitas — sobretudo as localizadas nos bairros pobres — são construções discretas, muito semelhantes às pobres casinhas nas quais vive o mundo proletário. São feitas do mesmo barro e ficam tão misturadas à monótona paisagem das travessas e becos que ao passarmos por elas nem chegamos a notar que são templos. Isso cria um clima proletário e íntimo entre um xiita e sua mesquita. Não é preciso andar

quilômetros, não é preciso vestir roupas sofisticadas — a mesquita é a vida cotidiana; é a própria vida.

Os primeiros xiitas que chegaram ao Irã eram burgueses: artesãos e pequenos comerciantes. Fechavam-se em seus guetos, ali erguiam uma mesquita e, ao lado, suas tendas e lojinhas. No mesmo local, os artesãos abriam suas oficinas. Como os muçulmanos devem lavar-se antes de rezar, imediatamente surgiram casas de banho. E, como os muçulmanos gostam de comer algo e tomar um chá ou um café após a reza, restaurantes e cafés foram sendo construídos na mesma área. E assim nasceu o fenômeno da paisagem urbana iraniana denominado “bazar”, palavra que define esse lugar místico-negocioso-consumista, colorido, barulhento e apinhado de gente. Se alguém diz “Vou ao bazar”, não significa que deva levar consigo uma sacola para compras. As pessoas vão ao bazar para rezar, encontrar amigos, resolver um negócio, sentar-se num café. Pode-se ir até lá para ouvir fofocas e participar de uma reunião da oposição. Num só lugar — o bazar — um xiita consegue atender a todas as suas necessidades, tanto do corpo como da alma, sem precisar andar muito. Ali encontrará tudo de que necessita para a sua existência terrestre, como também garantirá para si uma vida eterna através de rezas e oferendas.

A elite do bazar é formada pelos negociantes mais antigos, pelos artesãos mais talentosos e pelos mulás da mesquita local. A opinião e os mandamentos deles são obedecidos por toda a sociedade xiita, eles decidirão todos os assuntos — tanto os terrenos como os divinos. Se o bazar deflagrar uma greve e fechar seus portões, as pessoas vão morrer de fome e não terão acesso ao lugar no qual poderiam recobrar o ânimo. Por isso a união da mesquita com o bazar forma uma liga poderosa, capaz de enfrentar qualquer tipo de autoridade. Foi o que ocorreu no caso do último xá. Quando o bazar resolveu condená-lo, o destino do monarca já estava decidido.

À medida que a luta foi se intensificando, os xiitas passaram a se sentir cada vez mais em seu elemento. O talento de um xiita revela-se mais em uma contenda que no trabalho. Contestadores natos, incansáveis opositores

e homens de grande dignidade e profundo sentimento de honra, os xiitas, ao se colocarem num campo de batalha, pisavam em um terreno que lhes era muito conhecido. Para os iranianos, o xiismo tinha o mesmo significado que aquela espada escondida atrás da viga do sótão dos rebeldes poloneses. Enquanto a vida na Polônia conseguia ser suportável e as forças de oposição ainda não estavam organizadas, a espada continuava em seu esconderijo, embrulhada num oleado. Mas, quando as trombetas bélicas soavam, quando chegava a hora de fazer frente ao inimigo, ouvia-se o ranger dos degraus das escadas que levavam ao sótão e, logo em seguida, o tropel de cavalos e o silvo das lâminas cortando o ar.

DAS ANOTAÇÕES (8)

Mahmud Azari retornou a Teerã no início de 1977. Passara oito anos em Londres, sustentando-se com traduções de livros para diversas editoras e de outros textos para agências de propaganda. Era um homem solitário e já avançado em anos que, além do trabalho, gostava de passar o tempo conversando com seus compatriotas. O teor dessas conversas concentrava-se em assuntos locais, como, por exemplo, as dificuldades pelas quais passavam os ingleses, já que mesmo em Londres a Savak era uma instituição onipresente, e, assim, qualquer assunto sobre o Irã deveria ser evitado.

Já no final de sua estada na Inglaterra, ele recebera de Teerã — por caminhos obscuros — algumas cartas de seu irmão. O remetente recomendava-lhe que retornasse ao país, pois, segundo escrevia, “aproximavam-se tempos interessantes”. Mahmud temia tempos interessantes, mas, como em sua família seu irmão sempre exercera grande influência, fez as malas e retornou ao Irã.

Não reconheceu a cidade.

O tranquilo e desértico oásis de outrora se transformara num ensurdecido formigueiro humano. Cinco milhões de pessoas apinhadas, todas tentando fazer algo, dizer algo, comer algo ou ir para algum lugar. Um milhão de automóveis espremia-se nas ruas estreitas e parava a toda hora,

quando a coluna que seguia numa direção se defrontava com outra, avançando na direção oposta. Para complicar a situação, tanto a primeira quanto a segunda coluna eram atropeladas, cortadas e dizimadas por colunas laterais, que as atacavam da esquerda, da direita, do nordeste, do sudoeste, formando barulhentos aglomerados estelares enjaulados nas ruelas. Milhares de buzinas soavam sem cessar desde o raiar do sol até o anoitecer, sem nenhum sentido nem resultado aparente.

Mahmud também notou que as mesmas pessoas que, num passado não tão distante, haviam sido calmas e bem-educadas agora estavam prontas a brigar sob qualquer pretexto, explodir de raiva por qualquer motivo, gritando e maldizendo umas às outras. Aquela gente lembrava-lhe estranhos e surreais monstros bifurcados, com parte do corpo se inclinando humildemente diante de alguém importante ou poderoso, enquanto a outra pisoteava e esmagava aquele que fosse mais fraco. Ao que tudo indicava, tal atitude estabelecia uma espécie de equilíbrio interno que, embora lamentável e vil, era indispensável para se manter à tona e sobreviver.

Mahmud temia que, ao deparar com um desses monstros, não conseguisse prever o que estava por vir — se a tendência à reverência ou ao esmagamento. Não precisou de muito tempo para perceber que a tendência a pisotear era predominante, sempre à espreita e somente recuando diante de acontecimentos de suma gravidade.

Ao sair para dar seu primeiro passeio, foi até o parque municipal. Sentou-se num banco já ocupado por outro homem e tentou engatar uma conversa, mas este se levantou de imediato e, sem dizer uma palavra, afastou-se rapidamente. Não se dando por vencido, repetiu a experiência abordando um transeunte, o qual olhou para ele de uma forma tão assustada como se estivesse vendo um louco perigoso. Diante disso, Mahmud desistiu de novas tentativas e retornou ao hotel no qual se hospedara. Ao chegar à recepção, um sonolento e mal-educado funcionário lhe disse que ele deveria se apresentar à delegacia de polícia. Pela primeira vez nos últimos oito anos Mahmud sentiu medo e, ao mesmo tempo, percebeu que aquela sensação era imorredoura: era o mesmo contato inesquecível dos tempos passados de

um bloco de gelo sobre costas desnudas e a mesma impressão de um grande peso nas pernas.

A delegacia ocupava um sombrio e malcheiroso prédio no fim da mesma rua do hotel. Mahmud entrou numa longa fila de homens soturnos e apáticos. Do outro lado do balcão, alguns funcionários uniformizados liam jornais. No grande e abafado recinto, reinava um silêncio sepulcral — os policiais estavam ocupados com a leitura, e ninguém na fila ousava dirigir-lhes a palavra. Pouco tempo depois, os policiais passaram a arrastar cadeiras, revirar gavetas e ofender de forma mais agressiva e obscena possível as pessoas na fila.

“De onde veio tanta grosseria?”, indagava-se o assustado Mahmud. Quando chegou a sua vez, foi entregue a ele um formulário, que devia ser preenchido no local. Ao hesitar antes de escrever uma resposta, notou que todos olhavam para ele com um ar de suspeita. Apavorado, passou a escrever nervosamente e de forma desajeitada, como se fosse semianalfabeto. Sentiu gotas de suor cobrirem sua testa, e, quando notou que se esquecera de levar um lenço, passou a suar ainda mais.

Assim que entregou o formulário preenchido, resolveu sair dali o mais rápido possível e, andando apressado pela rua, esbarrou num transeunte, que começou a xingá-lo em altos brados. Algumas pessoas pararam para olhar. Com isso, Mahmud cometeu um crime: seu comportamento provocou uma aglomeração, algo contrário à lei, que proibia categoricamente qualquer tipo de ajuntamento. Apareceu um policial, e Mahmud teve que se explicar em detalhes, afirmando que tudo não passara de um esbarrão acidental e que, no decorrer da discussão que dali resultara, ninguém havia gritado slogans contra a monarquia. Mesmo assim, o policial anotou seus dados pessoais e enfiou no bolso mil reais.

O fato de seu nome ter sido registrado — por duas vezes — na polícia preocupou Mahmud. Ele começou a imaginar o que aconteceria caso aquelas duas anotações viessem a se encontrar. Mais tarde, acalmou-se diante da possibilidade de que tudo aquilo se diluiria na indescritível bagunça reinante.

Na manhã seguinte, o irmão foi visitá-lo, e Mahmud, após efusivos cumprimentos, contou-lhe que fora registrado pela polícia e indagou se, diante disso, não seria melhor retornar sem demora para Londres. O irmão fora diretor de uma editora levada à bancarrota pela Savak, já que ela costumava censurar os livros somente após toda a tiragem ter sido impressa. Assim, caso o texto despertasse alguma suspeita, todos os exemplares tinham de ser destruídos, com o que a maior parte das editoras teve que fechar as portas. Dessa forma, num país com 35 milhões de habitantes, as poucas editoras que sobraram temiam lançar tiragens superiores a 3 mil exemplares. O best-seller da Grande Civilização — *Como cuidar do seu automóvel* — teve tiragem de 15 mil exemplares, mas acabou parando por aí, já que nos capítulos que tratavam de defeitos no motor, da má ventilação e de baterias descarregadas a Savak viu alusões à situação pela qual passava o país.

O irmão de Mahmud queria conversar com ele, mas apontou para o lustre, o telefone, as tomadas e a lâmpada da mesinha de cabeceira, e depois fez um sinal para que saíssem do quarto, propondo-lhe que fizessem uma excursão para fora da cidade. Partiram num velho e gasto automóvel em direção às montanhas. Era março, soprava um vento gélido e os campos ao redor da estrada estavam cobertos de neve. Tremendo de frio, pararam o carro numa estrada deserta, atrás de uma grande rocha.

(“Foi quando meu irmão me disse que eu teria que ficar, pois a revolução já começaria e eu seria útil. ‘Que revolução?’, perguntei. ‘Você endoidou de vez?’ Eu não gostava de me meter em confusão, além de detestar a política de modo geral. ‘Eu passo os meus dias fazendo ioga, traduzindo e lendo poesias. Para que preciso me meter em política?’ Meu irmão então concluiu que eu não estava a par da situação e começou a explicá-la para mim. ‘O ponto de partida é Washington’, disse, ‘é lá que vai ser decidido o nosso destino. E é exatamente lá, em Washington, que Jimmy Carter está falando de direitos humanos. O xá não tem como ignorar isso! Ele vai ser obrigado a parar com as torturas, a soltar uma boa parte das pessoas que estão presas e a instalar, nem que seja apenas de fachada, um regime democrático. E isso,

por enquanto, bastará para nós!’ Meu irmão estava tão excitado que fiz de tudo para que falasse mais baixo, apesar de não haver viva-voz nas redondezas. Naquele encontro, meu irmão me deu umas duzentas páginas datilografadas. Era um texto do nosso escritor Ali Asqar Djawadi — uma carta aberta ao xá. Djawadi escrevia sobre a crise atual, sobre a situação de dependência do país, sobre os escândalos da monarquia, a corrupção, a inflação, as repressões e a decadência moral. Meu irmão me contou que cópias daquele documento circulavam clandestinamente, de mão em mão. ‘Agora’, disse, ‘vamos aguardar pela reação do xá. Vamos ver se Ali Asqar vai ser preso ou não. Por enquanto, ele recebe apenas ameaças por telefone, mas não passa disso. Ele costuma frequentar cafés, de modo que você terá a oportunidade de conhecê-lo.’ Ao que eu respondi que tinha medo de me encontrar com um homem que certamente estava sendo vigiado.”)

Após essa conversa, os irmãos retornaram à cidade. Mahmud trancou-se no quarto e passou a noite em claro lendo o documento. Djawadi acusava o xá de ter destruído o espírito da nação. “Qualquer pensamento”, ele escreveu, “era aniquilado, e os homens mais esclarecidos eram condenados ao silêncio. A cultura só tinha duas escolhas: expor-se e ser presa ou passar para a clandestinidade”, e advertia que o progresso não podia ser medido pela quantidade de tanques e máquinas. Sua única medida era o homem e a sua sensação de dignidade e independência. Enquanto lia aquelas palavras, Mahmud mantinha os ouvidos atentos a qualquer som de passos no corredor.

No dia seguinte, ficou pensando no que fazer com aquele material. Não querendo deixá-lo no quarto, levou-o consigo ao ir para a rua, mas, uma vez lá, se deu conta de que um calhamaço daqueles poderia levantar suspeitas. Comprou um jornal e embrulhou as folhas nele, mas, assim mesmo, continuou com medo de ser parado e revistado. Os piores momentos eram quando precisava passar pela recepção do hotel — estava convencido de que o embrulho que sempre mantinha debaixo do braço chamaria a atenção dos empregados. Por via das dúvidas, resolveu limitar suas saídas do quarto.

Aos poucos começou a reencontrar velhos amigos dos seus tempos de estudante. Infelizmente, alguns já estavam mortos, outros haviam emigrado e outros estavam presos. Mesmo assim, conseguiu alguns endereços ainda válidos. Foi até a universidade, onde achou Ali Kaidi, com quem costumava excursionar pelas montanhas. Kaidi tornara-se um professor de botânica especializado em plantas esclerófilas. Mahmud, cheio de cuidados, perguntou-lhe sobre a situação do país. Kaidi pensou um pouco e acabou respondendo que havia anos se ocupava exclusivamente das plantas esclerófilas, após o que passou a dissertar sobre o tema, afirmando que as regiões nas quais tais plantas cresciam distinguiam-se por um clima muito específico — chovia no inverno e os verões eram secos e quentes. Explicou que o inverno era mais propício para o desenvolvimento das espécies efêmeras, ou seja, os terófitos e os geófitos, enquanto o verão era mais adequado aos xerófitos, que tinham a característica de limitar sua transpiração. Mahmud, a quem essas descrições botânicas não diziam nada, indagou a seu antigo colega se, de forma geral, podia-se esperar acontecimentos importantes. Kaidi voltou a pensar, após o que se pôs a descrever a magnífica coroa do cedro atlântico (*Cedrus atlantica*). “No entanto”, disse mais animado, “recentemente andei estudando o cedro de Himalaia (*Cedrus deodara*) que cresce no nosso país, e posso lhe dizer com satisfação e sem medo de errar que ele é ainda mais belo!”

De outra feita, ele encontrou um colega com o qual, ainda na escola, tentara escrever a quatro mãos uma peça de teatro. Agora esse colega era prefeito da cidade de Karaj. Após o almoço num bom restaurante a convite do prefeito, Mahmud perguntou ao antigo colega como estava o clima social. Mas o prefeito não quis se aprofundar em assuntos fora do âmbito de sua cidade. “Em Karaj”, disse, “já estamos asfaltando as ruas mais importantes e começamos a construção de uma rede de esgotos mais eficiente que a de Teerã.” A avalanche de cifras e de outros dados técnicos esmagou Mahmud, que se deu conta da impropriedade de sua pergunta. Mas, não se dando por vencido, resolveu seguir em frente e perguntou qual era o assunto mais comum entre os habitantes de sua cidade. O colega

pensou por algum tempo e respondeu: “E eu lá sei? Provavelmente problemas pessoais. Essa gente não pensa, não liga pra nada, é preguiçosa, apolítica e só se preocupa com seu mundinho particular. Os problemas do Irã! Era só o que faltava! Ninguém se importa com eles!”, e logo voltou a falar de coisas concretas, de como foi erguida uma fábrica para processar uma substância química chamada paraldeído e que em pouco tempo o produto inundaria o país. Mas como Mahmud não tinha a mais vaga ideia do que significava aquele nome, sentiu-se um ignorante, alguém que tinha ficado para trás. “Quer dizer que você não tem nenhum tipo de preocupação?”, espantou-se. “E como!”, respondeu o amigo, e inclinando-se sobre a mesa acrescentou num sussurro: “Os produtos que saem dessas novas fábricas só servem para ser jogados fora. Não prestam para nada. As pessoas não querem trabalhar e fazem corpo mole. Reina uma apatia geral, um quê de resistência difícil de definir. O país inteiro parece estar encaalhado”. “Mas por quê?”, indagou Mahmud. “Não sei”, respondeu o colega, endireitando-se e fazendo um sinal ao garçom, “eu não saberia como traduzir em palavras.” Mahmud notou com tristeza que aquela sincera alma de um ex-futuro dramaturgo dos tempos da escola — que se desnudara por um momento para proferir aquelas poucas palavras inesperadas — rapidamente voltara a se proteger atrás de uma barricada de geradores, correias transportadoras, alavancas, relés e chaves magnéticas.

(“Para essas pessoas, coisas concretas passaram a ser um asilo, um esconderijo e até uma tábua de salvação. O concreto, sim, é algo concreto — assim como o asfalto. Quando o tema é concreto, pode-se falar abertamente dele, expressar-se com total liberdade. O grande trunfo da concretude é ela ter seus limites muito bem demarcados e dispor de uma espécie de campainha de alarme. Quando a mente imersa em algo concreto se aproxima perigosamente da fronteira, a campainha a alerta de que para além daqueles limites estendem-se vastos campos de temerários pensamentos de ordem geral e de indesejadas reflexões e sínteses. Ao ouvir o alarme, o precavido cérebro recuará de imediato, voltando a ocupar-se apenas de dados concretos. Todo esse processo pode ser observado no rosto de nosso

interlocutor. Ao discorrer sobre números, porcentagens, nomes e datas, ele se sente livre e animado. Podemos vê-lo firmemente assentado na concretude como numa sela. Aí lhe fazemos uma pergunta: ‘Muito bem, mas por que as pessoas parecem estar tão... tão tristes?’. No mesmo instante notamos uma mudança radical em seu rosto — ele ouviu o som da campainha: ‘Atenção! Você está muito próximo dos limites daquilo que é concreto!’. Nosso interlocutor se cala e procura uma saída para a situação na qual se meteu — obviamente um recuo para algo concreto. Aliviado por ter escapado da armadilha, volta a respirar tranquilo e a nos bombardear com concretudes, que podem ser objetos, coisas, criaturas ou fenômenos. Uma das qualidades das coisas concretas é o fato de elas sozinhas, por si mesmas, não terem a capacidade de se juntar a outras, para formar espontaneamente um quadro geral. Por exemplo, duas concretudes negativas podem coexistir lado a lado, mas jamais formarão uma imagem conjunta, a não ser que sejam unidas por um pensamento humano. Mas tal pensamento não está em condições de realizar a sua tarefa, pois foi detido pelo toque de alarme dado pela campainha. Assim, concretudes distintas negativas podem conviver por muito tempo sem se unir e formar um panorama preocupante. Caso chegássemos a uma situação em que cada um acabasse se trancando nos limites de sua existência concreta, então teríamos criado uma sociedade atomizada, composta de n unidades concretas incapazes de se unir para atuar em conjunto.”)

Mahmud decidiu se afastar dos assuntos terrenos e partir para o país da imaginação e das emoções. Conseguiu encontrar um colega que, segundo lhe disseram, havia se tornado um grande poeta. Hassan Rezvani recebeu-o numa vila moderna e luxuosa. Sentaram-se à beira de uma piscina (começara o calor do verão) num jardim bem cuidado, bebericando gim-tônica em copos cobertos por uma fina camada de gelo. Hassan queixava-se de cansaço, pois acabara de retornar de uma viagem na qual passara por Montreal, Chicago, Paris, Genebra e Atenas. Viajara para dar palestras sobre a Grande Civilização, a Revolução do Xá e da Nação. Admitiu que não fora uma tarefa tão agradável, pois suas palestras haviam sido frequentemente

interrompidas por subversivos barulhentos que o insultavam e tentavam impedi-lo de falar. Hassan mostrou a Mahmud seu último livrinho de versos dedicados ao xá. O título do primeiro poema era “Onde ele olhar, crescerão flores”. O verso dizia que bastava o xá lançar um breve olhar num ponto qualquer para logo nascer ali um cravo ou uma tulipa.

*No entanto, se por mais tempo ele olhar,
Rosas nascerão naquele lugar.*

Outro poema tinha por título “Onde ele parar, jorrará uma fonte”. O autor assegurava que de qualquer ponto em que o pé do monarca pousasse jorraria uma fonte de água cristalina.

*E se o xá parar e aguardar por um momento,
Um rio inteiro jorrará.*

Os poemas eram declamados nas rádios e nas escolas. O próprio monarca falava deles de forma muito elogiosa, e Hassan acabou recebendo uma bolsa da Fundação Pahlevi.

Certo dia, andando pela rua, Mahmud viu um homem parado debaixo de uma árvore. Ao se aproximar, reconheceu (embora com certa dificuldade) Mohsen Djalaver, com quem debutara na edição de uma revista nos tempos de estudante. Mahmud sabia que Mohsen havia sido preso e torturado por ter abrigado um *mujahidin* em seu apartamento. Parou e quis estender-lhe a mão. O outro olhou para ele com um olhar perdido. Mahmud apresentou-se. Mohsen não se moveu e apenas respondeu: “Para mim, tanto faz”, permanecendo encolhido, de olhos fixos no chão. “Vamos dar uma volta”, propôs Mahmud, “gostaria de falar com você.” “Para mim, tanto faz”, repetiu o outro, mantendo-se imóvel e sem erguer a cabeça. Mahmud sentiu um frio percorrer sua espinha. “Escute”, tentou mais uma vez, “que tal combinarmos de nos encontrar outro dia?” Mohsen não respondeu; apenas se encolheu ainda mais e, depois, falou baixinho, num sussurro quase inaudível: “Leve as ratazanas”.

Algum tempo depois, Mahmud alugou um discreto apartamento no centro da cidade. Ainda estava desfazendo as malas quando três homens entraram, cumprimentaram-no como novo morador no bairro e

perguntaram se ele era membro do Rastakhiz, o partido do xá. Mahmud respondeu que não, pois acabara de retornar após uma estada de vários anos na Europa. Aquilo pareceu suspeito, porque quem tinha condições preferia partir a retornar. Os homens quiseram saber por que ele voltara ao Irã e anotaram suas respostas num caderninho. Mahmud se lembrou — não sem algum terror — de que aquela era a terceira vez que estava sendo abordado pela polícia. Os homens entregaram-lhe uma ficha de inscrição do partido, mas Mahmud declinou o convite, afirmando que era um homem completamente apolítico. Eles o olharam com espanto — devem ter pensado que o novo inquilino não sabia o que estava dizendo. Diante disso, entregaram-lhe um folheto no qual constavam, em letras garrafais, as seguintes palavras do xá: “Aqueles que não pertencem ao partido Rastakhiz ou são traidores cujo lugar é a prisão, ou não acreditam no Xá, na Nação e na Pátria, e, em razão disso, não podem esperar ser tratados como iguais aos demais conterrâneos”. Apesar do medo, Mahmud conseguiu se munir de suficiente coragem para pedir um dia de prazo a fim de consultar seu irmão.

O irmão lhe disse: “Você não tem saída. Todos somos membros do partido. O país inteiro tem que fazer parte dele”. Mahmud retornou ao apartamento e, quando os homens voltaram, assinou a ficha de inscrição, tornando-se assim um dos militantes da Grande Civilização.

Pouco tempo depois, Mahmud foi convocado para um encontro no comitê local do Rastakhiz, que ficava próximo à sua residência. O encontro tinha por fim reunir os artistas que comemorariam com suas obras o 37º aniversário da coroação do xá. Os aniversários ligados ao xá e às suas maiores realizações — a Revolução Branca e a Grande Civilização — eram comemorados com pompa e circunstância, sendo que toda a vida do império passava de aniversário a aniversário num ritmo fervoroso, ornamentado e grandiloquente. Pessoas munidas de calendários faziam de tudo para que não passasse despercebido um aniversário do monarca, a data de seu último casamento, de sua coroação, a vinda ao mundo do sucessor do trono e o feliz nascimento dos demais descendentes. Além disso, a cada ano eram acrescentadas novas datas comemorativas às já estabelecidas. Assim que

terminava um aniversário, preparava-se o seguinte, sentia-se no ar agito e excitação, cessavam todas as atividades produtivas — todos esperavam o que aconteceria no dia seguinte: banquetes, prêmios, felicitações e uma solene liturgia.

Dessa vez, o foco da reunião eram os projetos das novas estátuas do xá, que seriam inauguradas no aniversário da coroação. Participavam do encontro cerca de cem pessoas e, embora o presidente do comitê não se cansasse de se referir a eles como “artistas extraordinários”, nenhum dos sobrenomes mencionados dizia qualquer coisa a Mahmud. “E quem são aqueles homens na primeira fila, sentados nas poltronas de veludo?”, ele perguntou a seu vizinho. “São pessoas que merecem uma distinção toda especial”, ele sussurrou em resposta. “Receberam das mãos do próprio xá um exemplar de seu livro autografado.”

A reunião era presidida pelo escultor Kurush Lashai, que Mahmud conhecera em Londres e que passara muito tempo na capital inglesa e em Paris tentando fazer carreira artística. No entanto, Lashai não tinha talento suficiente para ser reconhecido. Sentindo-se rejeitado e com o orgulho ferido, retornou a Teerã. Sendo um homem ambicioso, procurou imediatamente alguma forma de compensação. Entrou no Rastakhiz e, a partir daquele momento, não parou de subir cada vez mais. Em pouco tempo, assumiu a função de principal jurado da Fundação Pahlevi, decidindo a quem deveriam ser concedidos prêmios e passando a ser considerado um teórico do realismo imperial. As pessoas começaram a achar que bastava uma só palavra de Lashai para resolver qualquer problema, e circulavam rumores de que ele era o conselheiro do xá para assuntos culturais.

Quando Mahmud estava saindo da reunião, foi abordado pelo escritor e tradutor Golam Qasemi. Os dois não se viam fazia muito tempo — Mahmud morara no exterior, enquanto Golam permaneceu no país, escrevendo relatos que glorificavam a Grande Civilização. Vivia confortavelmente, tinha livre acesso ao palácio, seus livros eram publicados com capas de couro. Golam queria lhe dizer algo muito importante e

arrastou-o até um café armênio. Ali abriu uma revista sobre uma mesinha e, com orgulho na voz, disse: “Veja o que consegui publicar!”. Tratava-se da tradução de um poema de Paul Éluard. Mahmud lançou um olhar no poema e perguntou: “O que há de tão extraordinário nele?”. Golan olhou para Mahmud com ar indignado. “Você não percebeu?! Leia novamente!”, explodiu. Mahmud fez o que o outro lhe pediu e voltou a indagar: “O que há de tão extraordinário? Do que você tem tanto orgulho?”. A essa altura, Golan quase espumava de raiva. “Homem de Deus!”, exclamou, “será que você ficou cego? Preste atenção: *Chegou a hora da tristeza, uma noite escura como o breu, quando nem a um cego é admissível de casa expulsar.*”

Ao ler o verso, Golan sublinhava com a unha cada palavra. “A quantos subterfúgios tive que recorrer”, gritava excitado, “para que isto fosse publicado; para convencer a Savak de que isto podia ver a luz do dia! Neste país, onde absolutamente tudo tem que exalar otimismo, florescer e sorrir, de repente... *chegou a hora da tristeza!* Você se dá conta do que isto significa?” Exultante pela sua coragem, Golan exibia um ar vitorioso.

Foi somente então, ao olhar para o rosto astuto de Golan, que Mahmud acreditou pela primeira vez na proximidade de uma revolução. Achou que entendera tudo: Golan pressente a chegada da catástrofe e inicia suas ardilosas manobras — vira a casaca, tenta se limpar, faz uma oferenda às novas forças que se aproximam e cujos passos ele já sente ecoar em seu coração pávido e apossado. Por enquanto, coloca disfarçadamente uma tachinha na almofada escarlate sobre a qual o xá costuma se sentar. Não se trata de uma bomba prestes a explodir — o xá não morrerá disso, mas Golan vai se sentir melhor —, afinal ele se pronunciou contra o regime. Ele vai mostrar a tal tachinha, falar dela, procurar reconhecimento entre as pessoas mais próximas e se sentirá feliz por ter demonstrado independência.

Mas, ao anoitecer, Mahmud voltou a ser assolado pelas velhas dúvidas. Estava passeando com seu irmão por ruas que ficavam cada vez mais desertas, passando por pessoas com rostos cansados e apagados. Os exaustos transeuntes retornavam a suas casas ou se mantinham imóveis nos pontos de ônibus. Alguns homens dormitavam, sentados de costas num muro e

com a cabeça apoiada nos joelhos. “Afinal, quem é que vai fazer a tal revolução?”, indagou ao irmão, apontando para os homens. “Olhe para eles; estão todos dormindo.” “Pois saiba que serão exatamente eles”, respondeu o irmão. “Esses mesmos que você está vendo aqui. Um dia eles criarão asas.” Mas Mahmud não conseguia imaginar isso.

(“No entanto, logo no início do verão, comecei a sentir uma mudança no ar; notei que as pessoas estavam despertando de alguma coisa. Era uma sensação difícil de descrever... como se despertassem de um pesadelo. Numa primeira providência, os americanos obrigaram o xá a libertar das prisões uma parte dos intelectuais. Só que o xá, como de costume, agia de má-fé: soltava uns, mas aprisionava outros. Porém o mais importante de tudo foi ele ter sido obrigado a recuar, mesmo que apenas um passo; foi haver surgido a primeira fissura, a primeira rachadura naquele sistema rígido. Tal fato foi aproveitado por um grupo de pessoas que quiseram reabrir a Associação dos Escritores do Irã, extinta pelo xá em 1969. De forma geral, todas as associações, mesmo as mais inocentes, estavam terminantemente proibidas. Havia apenas o Rastakhiz e a mesquita. *Tertium non datur*. O regime continuava não autorizando a existência de uma associação de literatos e, diante disso, o grupo resolveu promover reuniões secretas em casas particulares, de preferência nas velhas propriedades rurais nas cercanias de Teerã, onde era possível conspirar com mais facilidade. Tais reuniões eram chamadas de ‘tertúlias culturais’. Elas começavam com leituras de poemas, que em seguida cediam lugar a discussões sobre a situação política do país. Nessas horas, falava-se que todo o programa de desenvolvimento inventado pelo xá para seu proveito próprio havia se esgotado, que nada mais funcionava, que o mercado oferecia cada vez menos produtos, que a vida estava cada vez mais cara, que os aluguéis consumiam três quartos do salário, que a incapaz e gananciosa elite estava saqueando o país, que empresas estrangeiras levavam para fora montanhas de dinheiro, que a metade das receitas provenientes da exploração do petróleo era destinada a um armamento inútil e descabido. E falava-se disso tudo cada vez mais abertamente. Lembro-me de que, numa dessas reuniões,

vi pela primeira vez pessoas recém-libertadas das prisões. Quase todos escritores, professores ou estudantes. Fiquei observando atentamente seus rostos, querendo detectar que tipo de vestígio ficava registrado nas pessoas que passaram por grandes medos e sofrimentos. Tive a impressão de que havia algo de anormal no comportamento delas. Moviam-se hesitantemente, atordoadas pela luminosidade e pela presença dos outros, mantendo um sensível distanciamento dos demais, como se temessem que a aproximação de outros seres humanos acabasse em agressão física. Um dos homens tinha uma aparência horrível; seu rosto e suas mãos estavam cobertos de marcas de queimaduras e ele andava apoiado numa bengala. Fora um estudante de direito em cuja casa a Savak encontrou alguns folhetos dos fedaim. Lembro que ele contou o que os agentes da Savak fizeram: levaram-no a uma sala na qual uma das paredes era de ferro aquecido, a ponto de estar praticamente em brasa, e cujo chão era atravessado por trilhos sobre os quais havia uma cadeira de metal. Os agentes amarraram-no com tiras de couro àquela cadeira e um deles apertou um botão. A cadeira começou a se deslocar na direção daquela parede em brasa, num avanço lento e interrompido, com pequenos avanços de três centímetros a cada minuto. Pelos seus cálculos, o tempo a ser percorrido até chegar à parede levaria duas horas, mas já após a primeira hora ele não conseguiu suportar o calor e começou a gritar que confessaria qualquer coisa, apesar de não ter nada a confessar, já que achara os folhetos na rua. Todos o escutavam em silêncio, enquanto ele chorava. Lembro-me que ele contou ter gritado: ‘Deus! Por que me aleijou com o dom de pensar? Por que me ensinou a pensar, em vez de me ensinar uma bovina humildade?’. Por fim, desmaiou e tiveram que carregá-lo para outro aposento. Mas muitos que saíam das masmorras não contavam suas histórias; não diziam nada.”)

Não durou muito para a Savak descobrir os locais dessas reuniões. Certa noite, quando os participantes já haviam saído da casa e caminhavam por uma trilha em direção à estrada, Mahmud ouviu um farfalhar entre os arbustos que margeavam o caminho. No minuto seguinte sentiu um forte golpe na nuca e a escuridão pareceu-lhe mais densa. Cambaleou, caiu de

cara na grama e perdeu os sentidos. Voltou a si nos braços do irmão. Com os olhos inchados e cobertos de sangue, teve dificuldade de enxergar na escuridão o cinzento e também machucado rosto do irmão. Ouviu um gemido e um grito clamando por ajuda. Reconheceu a voz daquele estudante, que deveria estar em estado de choque, porque repetia sem cessar: “Por que me ensinou a pensar? Por que me castigou com essa horrível deformação?”. A essa altura, Mahmud notou que um dos companheiros estava com o braço quebrado e que outro, ajoelhado, cuspiu sangue. Lentamente, apoiando-se uns nos outros, foram caminhando em direção à estrada, morrendo de medo de serem atacados de novo.

Na manhã seguinte, deitado na cama com a cabeça enfaixada e vários pontos na testa, Mahmud leu no jornal levado pelo porteiro a descrição do ataque da noite anterior: “Na noite passada, nos arredores de Kan, um grupo de párias da sociedade organizou uma repugnante orgia numa das propriedades locais. A patriótica população já havia alertado sobre seu descabido e repulsivo comportamento, mas a descarada gangue, em vez de dar atenção às mais do que justas admoestações dos patriotas locais, atirou-se sobre eles, munida de paus e pedras. A assim assaltada população teve que sair em sua própria defesa e trazer de volta a ordem à sua pacífica região!”. Mahmud gemia, sentia que estava com febre e sofria de tonturas.

Ao anoitecer, o irmão lhe fez uma visita. Estava emocionado e excitadíssimo. Sem olhar para os ferimentos de Mahmud e como se já tivesse esquecido o que se passara na noite anterior, tirou da pasta um monte de páginas datilografadas e empurrou-as na direção do doente. Mahmud colocou os óculos com dificuldade. “Mais uma carta... Deixe-me em paz!”, tentou se esquivar, afastando as folhas de papel. “Antes de se pronunciar, leia o que está escrito. Você verá que é um assunto muito sério!”, respondeu enfaticamente o irmão. E Mahmud, apesar da cabeça dolorida e de ter sido forçado a ler, foi obrigado a admitir que a questão era realmente séria e extraordinária. O que tinha diante de si era nada mais, nada menos que a cópia de uma carta dirigida ao xá pelos três homens mais próximos de Mossadegh: Karim Sanjabi, Shapour Bakhtiar e Dariush Foruhar. Mahmud

verificou atentamente as assinaturas. “Grandes nomes”, pensou, “homens de grande autoridade.” Os três, embora em épocas diferentes, haviam sido prisioneiros do xá, e Bakhtiar fora preso seis vezes.

“Desde o ano de 1953”, leu Mahmud, “o Irã vive numa atmosfera de medo e de terror. Qualquer tipo de oposição é esmagada logo em seu nascedouro, mas caso consiga emergir à luz do dia é afogada num banho de sangue. Com o passar dos anos, a lembrança dos tempos de Mossadegh, nos quais era possível se manifestar, discutir nas ruas ou comprar os livros que se queria, foi se transformando num sonho cada vez mais distante, que se apaga em nossas mentes. Toda a atividade que pudesse, por menos que fosse, despertar a má vontade da corte, passou a ser estritamente proibida. O povo está condenado ao silêncio, não pode se expressar de forma alguma, não pode emitir uma opinião ou fazer um protesto. Sobrou apenas um caminho — o da luta clandestina.”

Mahmud aprofundou-se no capítulo intitulado “A alarmante situação econômica, social e moral do Irã”. O texto tratava do desastroso estado da economia, das terríveis desigualdades sociais, da destruição da agricultura e da depressão moral à qual a nação fora empurrada. A carta mantinha o mesmo tom agressivo até o fim, soando como um ultimato. “*Esses homens vão ser presos*”, pensou o dolorido e esgotado Mahmud, colocando a carta de lado.

Alguns dias depois, seu irmão voltou a visitá-lo, acompanhado de um homem que Mahmud não conhecia. Era o operário de uma fábrica de ferramentas em Karaj. O homem disse que nunca houvera tantas greves como naquele ano. “As greves são proibidas e severamente punidas”, ele disse, “mas as pessoas não têm outra saída, porque a vida tornou-se insuportável. A Savak controla os sindicatos e dirige as fábricas, de modo que os trabalhadores passaram a ser meros escravos. Embora haja aumentos salariais, os preços dos produtos sobem muito mais, e com isso não dá para chegar até o fim do mês.” Em seguida, disse que os trabalhadores de Karaj decidiram viajar a Teerã para solicitar no Ministério do Trabalho um aumento de salários. No meio do caminho, foram confrontados por tropas

do Exército, que abriram fogo contra eles. Como dos dois lados da estrada existia somente um deserto selvagem, não havia para onde fugir. Os que sobreviveram àquilo retornaram com seus setenta mortos e duzentos feridos. A cidade inteira está de luto e aguarda o momento da vingança.

“Os dias do xá estão contados. Não se pode massacrar um povo indefeso por anos a fio”, disse o irmão em tom enfático. “Contados?”, espantou-se Mahmud. “Você enlouqueceu? Não viu o exército dele?” É óbvio que o irmão tinha visto; a pergunta era retórica. As divisões do xá podiam sempre ser vistas nos cinemas e na televisão. Mahmud era constantemente exposto a imagens de paradas, manobras militares com caças, foguetes e bocas de canhões apontando direto para o seu coração. Olhava com desgosto para idosos generais se esforçando para ficar em posição de sentido na presença do xá. “*Gostaria de saber*”, pensou, “*como eles se comportariam caso explodisse junto deles uma bomba de verdade. Na certa, teriam um infarto!*” A cada mês, a tela do televisor ficava mais repleta de tanques e morteiros. Mahmud achava que aquele poderio todo seria indestrutível, capaz de transformar qualquer obstáculo em pó e sangue.

O calor do verão teve início. O deserto na parte meridional de Teerã parecia estar em brasa. Mahmud já se sentia melhor e decidiu sair ao anoitecer para se refrescar. Fazia muito tempo que ele não ia para a rua. Foi andando com passinhos curtos pelas escuras ruelas em torno de uma gigantesca e soturna construção. Era a nova sede do Rastakhiz. Teve a sensação de ver silhuetas se movendo e de ouvir alguém saindo do meio dos arbustos. Tentou se acalmar dizendo a si mesmo que ali não havia nenhum arbusto. Assim mesmo entrou depressa numa das vielas laterais, sabendo que sentia medo, embora estivesse ciente de que seu medo não tinha razão concreta para existir. Começou a sentir frio e resolveu voltar para casa, descendo uma rua em direção ao centro da cidade. De repente, ouviu passos atrás de si. Espantou-se, pois tivera certeza de que a rua estava deserta e que não vira ninguém por perto. Mesmo assim, apertou o passo, e quem o seguia também. Por um bom tempo, ambos andaram no mesmo ritmo, como dois sentinelas. Mahmud decidiu andar ainda mais rápido. O outro fez o mesmo,

e começou a se aproximar. Procurando uma saída da armadilha em que se metera, Mahmud decidiu caminhar mais devagar, mas o medo sobrepujou-se à mente e, em vez de diminuir, ele aumentou ainda mais seu ritmo. Sentiu os cabelos se eriçarem. Não queria provocar o outro e achou que, ao se apressar, só estaria adiando o momento de ser golpeado. No entanto, a pessoa atrás dele já se aproximara o suficiente para Mahmud sentir seu bafo na nuca, enquanto o som de seus passos fazia eco aos dele. Mahmud não aguentou mais e se pôs a correr. O outro fez o mesmo. Mahmud correu o máximo que pôde, seu casaco flutuando ao vento como uma bandeira. De repente, se deu conta de que outros passos haviam se juntado aos de seu perseguidor, e chegou a ouvir dezenas deles avançando em sua direção como uma avalanche. Continuou a correr, mas aos poucos foi perdendo o fôlego. Estava encharcado de suor, semientorpecido e sentindo que desabaria a qualquer momento. Com o resto de suas forças, entrou no primeiro vão que encontrou e pendurou-se nas lâminas de uma veneziana abaixada. Pensou que seu coração ia explodir. Julgou sentir um punho desconhecido atravessando suas costelas, penetrando em sua caixa torácica e se revirando lá dentro, causando danos irreparáveis.

Aos poucos, começou a retomar o autocontrole. Olhou em volta. Na rua não havia viva alma — apenas um gato cinzento. Com a mão sobre o peito, Mahmud foi andando lentamente até o apartamento, sentindo-se destruído, deprimido, derrotado.

(“Tudo começou com aquele ataque noturno na primavera, quando saíamos da reunião. A partir daquele momento, passei a sentir medo. O medo me atacava nas horas mais inesperadas, pegando-me sempre desprevenido. Sentia vergonha, mas não sabia como lidar com o problema. Aquilo começou a me atrapalhar demais. Com pavor, dava-me conta de que, ao carregar medo dentro de mim, eu era parte daquele sistema apoiado no terror. Sim, firmou-se entre mim e o ditador uma terrível e irremediável união; uma espécie de simbiose patológica. Através do meu medo, tornei-me o sustentáculo de um sistema que eu abominava. O xá podia contar comigo; mais precisamente com o meu medo, com o fato de meu medo

jamais falhar e, portanto, de eu não falhar aos seus cálculos monárquicos, que consistiam na certeza de eu responder com arrepios de terror a qualquer voz vinda de cima. Sim, não posso negar que o regime se sustentava em pessoas como eu. Se pudesse me livrar do terror, poderia tentar solapar os alicerces nos quais o trono se apoiava ou, pelo menos, abalar aquele ponto no qual ele estava sustentado pelo meu medo. Mas, àquela altura, eu ainda não era capaz disso.”)

E assim Mahmud sentiu-se mal durante todo o verão, recebendo com desinteresse as notícias levadas pelo irmão.

Enquanto isso, todos pareciam estar vivendo sobre um vulcão pronto a entrar em erupção. Em Kermanshah, um cavalo trazido à cidade por um camponês e amarrado a uma árvore na calçada da rua principal atacou algumas pessoas. O cavalo assustara-se com os automóveis, soltara-se da árvore e ferira vários transeuntes. No fim, foi morto com um tiro de fuzil disparado por um soldado. Em torno do corpo do animal, juntou-se uma multidão. Veio a polícia e começou a dispersá-la. No meio do tumulto, uma voz indagou onde estava a polícia enquanto o cavalo atacava pessoas indefesas. A pergunta provocou uma discussão. Os policiais dispararam suas armas, mas a multidão foi ficando cada vez mais densa. A cidade fervilhava, as pessoas começaram a erguer barricadas. Foi preciso chamar o Exército. O comandante da cidade anunciou um toque de recolher. “Você não acha que faltou pouco”, indagou o irmão a Mahmud ao relatar-lhe o ocorrido, “para que eclodisse lá um levante?” Mas Mahmud, como sempre, achou que o irmão exagerava.

No início de setembro, andando pela avenida Reza Khan, Mahmud viu caminhões militares e soldados com capacetes e uniformes de campanha diante da entrada principal da universidade. Os soldados agarravam dezenas de estudantes e os enfiavam nos caminhões. Mahmud ouviu gritos, viu diversos jovens fugindo pelas ruas — era esse o ambiente do início do ano letivo.

Mahmud recuou e entrou numa rua transversal. Viu pessoas lendo um panfleto colado num muro. Era uma cópia do telegrama enviado pelo

advogado Mostafa Bakher ao premiê Amuzegar.

Certamente, o senhor deve estar a par de que ao longo dos últimos vinte anos os sucessivos governos violaram os princípios de liberdade e fizeram com que as nossas universidades deixassem de ser centros de ensino, transformando-as em fortalezas militares cercadas por trincheiras e cercas de arame farpado sob a tutela da polícia. Tal fato somente poderia acabar despertando a fúria e o desapontamento nos jovens pensantes. Portanto, não é de estranhar que no decurso desses anos as universidades, tanto as de Teerã como as das províncias, permaneceram fechadas ou funcionaram apenas parcialmente.

As pessoas liam o panfleto e se afastavam caladas.

De repente, ouviu-se o som de sirenes e Mahmud viu passar diversos caminhões militares com as carrocerias repletas de estudantes vigiados por soldados e com as mãos amarradas. Tudo indicava que a batida terminara, e Mahmud decidiu ir até a residência do irmão para lhe descrever a operação que os militares haviam realizado na universidade. No apartamento do irmão, encontrou um jovem professor do curso secundário chamado Fereydun Gandji. Mahmud lembrou-se de tê-lo visto naquela tertúlia cultural, depois da qual tinham sido surrados pela polícia. O irmão de Mahmud havia lhe contado que Gandji se apresentara na escola no dia seguinte, mas o diretor, tendo previamente recebido um telefonema da Savak, demitiu-o sumariamente, gritando que ele não passava de um vagabundo e provocador, indigno de ser visto pelos alunos. E assim Gandji passou bastante tempo desempregado, vagando pela cidade em busca de trabalho.

O irmão decidiu que os três iriam ao bazar almoçar. Nas estreitas e abafadas ruelas, Mahmud viu muitos jovens sob os efeitos do ópio. Alguns estavam sentados nas calçadas, com o olhar vidrado e perdido. Outros, arrastando-se cambaleantes, provocavam os transeuntes, afrontando-os com palavrões e punhos cerrados. “Como a polícia pode tolerar uma coisa dessas?”, indagou. “É lógico que pode”, respondeu o irmão. “Eles não só são tolerados como usados com frequência. Amanhã deverão receber alguns

trocados e bastões para surrar estudantes. Depois, a imprensa vai escrever sobre a sadia e patriótica juventude que, chamada pelo partido, foi tirar satisfações com os facínoras e delinquentes sociais que encontraram refúgio no interior dos muros da universidade.”

Entraram no restaurante e ocuparam uma pequena mesa no centro do salão. Ainda esperavam pelo garçom quando Mahmud notou dois homens robustos esparramados em suas cadeiras junto da mesa ao lado. *Agentes da Savak!*, pensou imediatamente. Virou-se para o irmão e Fereydun disse: “Sabem de uma coisa? Eu preferia sentar mais perto da porta”. Mudaram de lugar e o garçom foi até eles. Enquanto o irmão fazia o pedido, o olhar de Mahmud pousou sobre os dois homens vestidos elegantemente e de mãos dadas na mesa vizinha. *Agentes da Savak fingindo-se de bichas!*, pensou com medo e nojo. “Eu preferia sentar junto da janela”, sugeriu ao irmão, “pois gostaria de ver o movimento no bazar.” Mudaram outra vez de mesa, mas, mal começaram a comer quando entraram na sala três homens que, sem trocar uma palavra entre si e como que tendo combinado previamente, sentaram perto da mesma janela através da qual Mahmud apreciava o movimento. “Estamos sendo vigiados”, sussurrou a seus dois companheiros, ao mesmo tempo que notava olhares suspeitos lançados a eles pelos garçons, cuja atenção fora despertada por suas três mudanças de mesa. Ocorreu-lhe que os garçons poderiam estar desconfiados de que eles fossem agentes da Savak mudando constantemente de lugar para encontrar novas vítimas. Perdeu o apetite. A comida não descia por sua garganta. Afastou o prato e fez um gesto com a cabeça na direção da saída.

Ao chegarem à casa do irmão, resolveram ir de carro para as montanhas a fim de sair um pouco da cidade e respirar ar puro. Dirigiram-se para o norte, atravessando o moderno Shemiran, um bairro de novos-ricos ainda cheirando a cimento fresco. Passaram por residências luxuosas, ricos palacetes, restaurantes confortáveis, lojas de roupas caras, jardins bem cuidados, piscinas e quadras de tênis de clubes exclusivos. Naquele bairro, um metro quadrado de deserto (pois em volta estendia-se o deserto) custava centenas, senão milhares de dólares e, assim mesmo, era disputadíssimo. Era

o mundo encantado da elite da corte, outro mundo, outro planeta. A avenida principal do bairro estava engarrafada. Mais adiante, embora não pudesse ser avistado, devia haver algum obstáculo. Mahmud e seus companheiros ficaram parados por muito tempo, sem grandes perspectivas de avançar.

“Mais uma guerra com os bulldôzers”, constatou o irmão. Estacionaram o carro na calçada e seguiram a pé. Após quinze minutos de caminhada, viram uma nuvem de poeira no fim da rua. Ao longo da calçada havia uma fila de furgões da polícia com as janelas gradeadas e, mais ao longe, um aglomerado de pessoas muito agitadas. Mahmud ouviu gritos e gemidos. Um caminhão passou por eles, e Mahmud viu dois cadáveres jogados na carroceria cobertos apenas parcialmente por uma lona. Chegou até ele o som de disparos e, aproximando-se mais, avistou por cima da cabeça das pessoas cinco enormes bulldôzers amarelos esmagando casebres de barro. Depois, viu uma porção de mulheres que, aos gritos, atiravam-se sob as lagartas dos bulldôzers e punham desesperados os operadores, que eram obrigados a parar a todo instante, e policiais afastando com bordoadas as pessoas que protegiam suas frágeis choças com os próprios corpos.

“Isto que você está vendo”, disse meu irmão, “é o que chamamos de guerra com bulldôzers, e ela já dura vários meses. Estão expulsando os favelados, pois a elite quer construir naqueles terrenos. Aqui o ar é mais fresco e o bairro é seguro por estar perto das casernas. A área na qual está erguida a favela já foi dividida em lotes; agora só falta expulsar os moradores e destruir suas casas. Assim, Shemiran acabará com o cinturão de pobreza e o superbairro poderá se expandir para o júbilo dos que estão próximos do trono. Apesar de tudo, não será tão fácil assim conseguir o intento deles. Os fedaim organizaram um verdadeiro movimento de oposição entre os habitantes daqueles casebres, e sairá daqui o primeiro ataque frontal ao palácio.”)

Mas Mahmud considerava o irmão um irremediável otimista e não acreditava em suas profecias. Retornaram ao automóvel e tentaram chegar às montanhas por ruelas secundárias. Finalmente, chegaram aonde queriam e

adentraram um terreno rochoso. Quando se acomodaram à sombra de uma grande rocha, Gandji tirou da bolsa um gravador portátil, enfiou nele um cassete e apertou o botão de plástico. Mahmud ouviu uma voz baixa e monocórdia:

Em nome de Alá misericordioso!

Povo!

Acorde!

Há dez anos o xá fala em desenvolvimento, mas o país inteiro está desabastecido das coisas mais fundamentais. O xá promete hoje coisas para os próximos 25 anos, porém o povo sabe que suas promessas são vãs. A agricultura foi arrasada, a situação dos operários e camponeses piorou, a independência da nossa economia não passa de ficção. E este homem ousa falar em revolução! Que tipo de revolução é essa que paralisou as forças vitais de um povo e o submete, junto com a nação e sua cultura, a uma ditadura orientada por estrangeiros? Convoco os estudantes, os trabalhadores, os camponeses, os comerciantes e os artesãos para que comecem a lutar, para que formem um movimento de resistência, assegurando-lhes que o regime está próximo do fim.

Povo!

Acorde!

Em nome de Alá misericordioso!

A voz que emanava do gravador se calou. “De quem é essa voz?”, perguntou Mahmud.

“De Khomeini”, respondeu Gandji.

Gandji fez Mahmud se lembrar de um mundo que fazia muito tempo havia se esvaecido em sua mente — o mundo das mesquitas, do Alcorão, do Islã, de Meca. Mahmud, assim como boa parte de seus amigos, havia anos não pisava numa mesquita. Considerava-se cético e racionalista, rechaçava todo tipo de beatice, não orava e não era crente.

(“Naquele encontro, Gandji nos disse que era um contrabandista de cassetes; que fazia parte de um grupo de pessoas que se ocupavam do contrabando de fitas com apelos de Khomeini. Na época, Khomeini vivia exilado numa pequena cidade do Iraque chamada Najaf, lecionando num madraçal. Era lá que os cassetes eram gravados, uma atividade tão secreta que Khomeini só veio a saber dela muitos anos depois. Em seus apelos,

Khomeini atacava cada intervenção, cada movimento do xá. Eram comentários curtos, de poucas frases, mas pronunciadas em linguagem simples, enfática, compreensível por todos e fácil de ser lembrada. Todos os comentários começavam e acabavam com um apelo a Alá, seguidas do refrão: ‘Povo, acorde!’. Os cassetes chegavam ao Irã por vias secretas, passando por Paris e Roma. Gandji nos disse na ocasião que, para despistar a Savak, muitos daqueles apelos eram inseridos na parte final de fitas gravadas com músicas pop. Através de uma rede de pessoas escolhidas — Gandji entre elas —, os cassetes chegavam até as mesquitas e eram entregues aos mulás. Era por meio das fitas que eles recebiam instruções sobre o que deviam pregar em seus sermões e como deviam agir. Dá para escrever um tratado acadêmico sobre o papel representado pelos cassetes na revolução iraniana. Para mim, todas aquelas revelações foram surpreendentes. Eu não me dava conta do alcance da conspiração xiita, e quero crer que o xá também não, mesmo que algumas informações chegassem até ele. Naquele dia compreendi que existia outro mundo ao meu lado: um mundo subterrâneo sobre o qual eu nada sabia”.)

Nas semanas seguintes apareceram novos manifestos e novas cartas de protesto. Houve muitas conferências e discussões secretas. Em novembro, foram criados o comitê da defesa dos direitos humanos e várias associações clandestinas de estudantes. De vez em quando Mahmud visitava uma ou outra mesquita, mas se manteve imune àquele clima de exaltada religiosidade, não conseguindo estabelecer nenhum contato emocional com o mundo da fé. Por outro lado, indagava-se: “A quem todas aquelas pessoas poderiam apelar? Aonde ir?”. A maioria delas não sabia nem ler nem escrever. Fazia menos de um ano que haviam chegado à cidade grande, vindos de vilarejos perdidos no deserto ou nas montanhas, onde nada mudara nos últimos mil anos. Encontravam-se num mundo que lhes era incompreensível e hostil, que os enganava, espoliava e desprezava. E, assim, viviam em busca de abrigo, de alívio e de proteção. Só tinham certeza de uma coisa: de que, em toda aquela nova, confusa e tão adversa realidade,

apenas Alá era sempre o mesmo — tanto no vilarejo como em qualquer outro lugar.

Mahmud passou a ler bastante, a traduzir para o persa livros de Kipling e London. Ao se lembrar dos seus dias londrinos, ficou pensando em como a Europa era diferente da Ásia, repetindo a si mesmo as palavras de Kipling: “O Oriente é o Oriente e o Ocidente é o Ocidente, e esses dois mundos nunca se encontram”. Não se encontram e não se compreendem. A Ásia rejeitará qualquer enxerto europeu como um corpo estranho. Os europeus poderão se indignar com isso, mas sua indignação não mudará. Na Europa, as épocas sucedem-se umas às outras, com a nova expulsando a anterior. Assim, de tempos em tempos a terra se limpa do passado, a ponto de um homem do nosso século ter dificuldade em compreender seus antepassados. Aqui as coisas se passam de maneira diferente; aqui o passado convive com o presente — a imprevisível e cruel idade da pedra coexiste com o impessoal e calculista século da eletrônica, e as duas épocas vivem num mesmo homem, que tanto é um descendente de Genghis Khan como um aluno de Edison, isto é, se ele chegou a ter qualquer contato com o mundo de Edison.

Certa noite, no início de janeiro, Mahmud ouviu batidas fortes na porta. Pulou da cama.

(“Era o meu irmão. Notei que estava muito excitado. Ainda no corredor, ele disse apenas uma palavra: ‘Massacre!’. Não quis se sentar e ficou andando pelo quarto, falando de forma caótica. Disse que naquele dia, em Qom, a polícia havia aberto fogo contra a população. Mencionou o número de quinhentos mortos, entre eles muitas mulheres e crianças. Tudo começara por um motivo fútil. No jornal *Ettela’at* apareceu um artigo criticando Khomeini. Fora escrito por alguém do palácio ou do governo. O autor do artigo chamava Khomeini de estrangeiro, o que, em nossa concepção, é algo ofensivo. Quando o jornal chegou a Qom, cidade de Khomeini, as pessoas começaram a se juntar nas ruas e a discutir o assunto. Depois, foram até a praça central, cercada pela polícia, que contava ainda com o apoio de atiradores de elite nos telhados. Por algum tempo nada aconteceu; talvez estivessem consultando Teerã. A seguir, um oficial ordenou que as pessoas

se dispersassem. Ninguém se mexeu. Houve um momento de total silêncio. E foi no meio desse silêncio que se ouviram disparos vindos dos telhados e das ruas. A multidão na praça entrou em pânico e quis fugir, mas não tinha para onde, já que todas as ruas estavam bloqueadas pela polícia. Meu irmão disse que a praça ficou coberta de cadáveres. Teerã enviou reforços e teve início uma onda de prisões na cidade. ‘Morreram pessoas totalmente inocentes’, ele contou, ‘cujo único crime foi o de estarem na praça naquele momento.’ Lembro-me que toda a Teerã ficou agitada no dia seguinte; era o prenúncio da vinda de dias negros e terríveis.”)

* Referência ao personagem-título do livro do escritor tcheco Jaroslav Hašek, *Aventuras do bravo soldado Schweik* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967), sátira dos horrores da Primeira Guerra Mundial. (N. T.)

** Nome do serviço de informação do Exército alemão, ativo de 1925 a 1944. (N. T.)

*** O autor se refere aos técnicos poloneses. (N. T.)

A chama morta

*“Meu bom Deus,
Por que não deixas o sol para a noite,
quando mais dele precisamos?”*
Barbara, *Listy dzieci do Pana Boga*

A revolução acabou com o reinado do xá. Ela destruiu o palácio e enterrou a monarquia. Tudo começou com um erro aparentemente secundário cometido pelo poder imperial. O poder deu um passo em falso e, com isso, assinou sua sentença de morte.

Em geral, ao procurarmos os motivos de uma revolução, costumamos buscá-los no meio de um conjunto de condições concretas — na pobreza generalizada, na opressão, nos abusos escandalosos. No entanto, tal forma de olhar, embora correta, não deixa de ser apenas parcial, já que tais condições existem em centenas de países, enquanto as revoluções eclodem apenas esporadicamente. Para que ocorram, é preciso haver uma conscientização da pobreza e uma conscientização da opressão — a convicção de que a pobreza e a opressão não fazem parte da ordem natural das coisas. E, o que é mais curioso, de não ser suficiente o simples fato de elas terem sido sentidas, mesmo da forma mais cruel possível. O catalisador indispensável é a palavra — o pensamento esclarecedor. E é por isso que os tiranos, aparentemente imunes a petardos e estiletes, temem as palavras sobre as quais não exercem nenhum controle. Palavras que circulam livremente, palavras clandestinas, rebeldes, que não foram metidas num uniforme de gala nem autenticadas por um selo oficial. Mas há momentos em que são precisamente essas palavras uniformizadas e com selo de aprovação que acabam provocando uma revolução.

Uma revolução é diferente de uma revolta, de um golpe militar e de um golpe palaciano. Os golpes podem ser planejados; uma revolução, jamais. Sua eclosão, o momento exato em que ela explode, pega a todos de surpresa — inclusive os que tanto a almejavam e que mal conseguem absorver o impacto do cataclismo surgido repentinamente —, aniquilando tudo à sua volta. Sua força é tão assoladora e de tal magnitude que, no final, poderá acabar com os próprios lemas que a desencadearam.

Errada é a noção de que os países maltratados pela história (a maioria) vivem com a ideia fixa de fazer uma revolução, vendo nela a mais simples das soluções. Toda revolução é um drama, e o ser humano evita instintivamente quaisquer situações dramáticas. Mesmo estando numa dessas situações, o homem procurará febrilmente por uma saída, em busca da paz e, na maior parte das vezes, da monotonia cotidiana. É por isso que as revoluções não costumam durar muito tempo. A revolução é o último recurso, e, se um povo decide lançar mão dele, é porque a experiência lhe ensinou que não lhe foi deixada nenhuma outra saída — as demais tentativas e os outros meios falharam.

Toda revolução é precedida por um estado de esgotamento geral e, sob esse fundo, de agressividade desenfreada. As autoridades não suportam uma nação que as irrita, enquanto a nação não suporta autoridades às quais odeiam. As autoridades já dissiparam toda a confiança de que dispunham e estão de mãos vazias. A nação já perdeu o que lhe restava de paciência e cerra os punhos. Reina um clima de tensão e o ar vai ficando cada vez mais pesado. Começamos a entrar numa psicose de terror. O desfecho se aproxima. Podemos senti-lo.

No que se refere à técnica de luta, a história conhece dois tipos de revolução. O primeiro é a revolução por assalto, o segundo é a revolução por assédio. No caso da revolução por assalto, o que determina seu sucesso ou fracasso é a intensidade do primeiro golpe. Golpear e ocupar o maior território possível! Esse detalhe é de grande importância, já que a revolução por assalto, além de ser a mais violenta, também é a mais superficial. O adversário foi derrotado, mas, ao recuar, conseguiu manter boa parte de suas

forças. Cedo ou tarde, ele contra-atacará, forçando os vencedores a recuar. E é por isso que, quanto mais profundo for o primeiro golpe, maior o território que poderá ser mantido, apesar dos inevitáveis recuos. Na revolução por assalto, a primeira etapa é a mais radical. As etapas seguintes consistem em lentos porém incessantes recuos — até o momento em que as duas forças em conflito chegam a um compromisso definitivo. Já na revolução por assédio, a situação se inverte: o primeiro golpe costuma ser tão fraco que temos dificuldade em vislumbrar nele o início de um cataclismo. Mas em pouco tempo os acontecimentos vão se precipitando e se tornando cada vez mais dramáticos. Mais e mais pessoas se envolvem na luta. Os muros que protegem a autoridade racham e desabam. O desfecho de uma revolução de assédio depende da determinação dos revoltosos — da sua força de vontade e resistência. Mais um dia! Mais uma tentativa! Por fim, os portões cedem e a multidão adentra, celebrando seu triunfo.

É a autoridade dominante que provoca uma revolução. É óbvio que ela não tem consciência disso, mas seu estilo de vida e sua forma de exercer o poder acabam se tornando uma provocação. Isso ocorre quando entre os membros da elite se consolida a sensação de impunidade. “Tudo nos é permitido, podemos fazer o que quisermos.” Trata-se de uma ilusão, mas não desprovida de fundamentos racionais. Efetivamente, por um bom período de tempo parece que eles podem tudo. Escândalo após escândalo e tramoia após tramoia passam impunes. O povo permanece calado, mantendo-se paciente e cuidadoso. Tem medo e não se sente forte o bastante, mas ao mesmo tempo contabiliza minuciosamente todos os abusos cometidos e, em determinado momento, fará um balanço da situação. A escolha desse momento é o maior mistério da história. Por que nesse dia e não em outro? Por que foi deflagrado por esse e não por aquele acontecimento? Afinal, ainda ontem as autoridades andaram cometendo excessos piores e ninguém disse nada. O que eu fiz, indaga-se surpreso o soberano, para eles reagirem de tal forma? O que ele fez? Abusou da paciência do povo. Mas onde fica a fronteira dessa paciência? Como defini-la? Em cada caso a resposta é diferente, se é que pode ser dada. A única coisa

que se pode dizer ao certo é que os governantes que se dão conta dessa fronteira e conseguem respeitá-la poderão ter um longo reinado. Mas eles são raros.

De que modo o xá violou essa fronteira e, com isso, decretou seu fim? Tudo começou com um artigo num jornal. Uma palavra inadequada pode implodir um império — eis algo que qualquer governante deveria saber. Ele parece saber, parece estar vigilante, mas eis que surge um momento no qual seu instinto de autopreservação falha, e ele, presunçoso e autossuficiente, comete o erro da arrogância e perece. No dia 8 de janeiro de 1978, o jornal governista *Ettela'at* publicou um artigo atacando Khomeini. Na época, Khomeini vivia no exílio, de onde combatia o xá. Perseguido pelo déspota e depois expulso do país, ele era o ídolo e a consciência do povo. Destruir o mito de Khomeini significava destruir uma santidade e arruinar as esperanças dos oprimidos e humilhados. E essa era exatamente a intenção do artigo.

O que se deve escrever para acabar com um adversário? A melhor estratégia é provar que ele não é um de nós, que é um homem de fora, um estranho, um estrangeiro. Com esse intuito, criamos a categoria de uma autêntica família — você e eu, o governante e a nação, formamos uma verdadeira família. Vivemos em concordância, sentimo-nos bem uns com os outros, temos um teto comum, compartilhamos a mesma mesa, entendemo-nos às mil maravilhas e estamos sempre dispostos a nos ajudar. É uma pena que não estejamos sozinhos. Em torno de nós, vagam estranhos que querem perturbar a nossa paz e ocupar a nossa casa. O que é um estranho? Um estranho é, antes de tudo, alguém pior que nós e, ao mesmo tempo, perigoso. Se ele, pelo menos, fosse apenas pior e se mantivesse à margem! Mas que nada! Ele se mete onde não é chamado, cria problemas, causa danos, dissemina a discórdia, ridiculariza-nos e tenta nos desestabilizar. O estranho está à nossa espreita e é o principal responsável pelos nossos infortúnios. Em que reside a sua força? No fato de ser apoiado por forças estrangeiras. Independentemente de terem ou não um nome, uma coisa é certa: elas são poderosas. Na verdade, são poderosas somente quando as

tratamos de forma condescendente. Se formos vigilantes e as combatermos, seremos mais fortes do que elas. E agora — olhem para Khomeini. É um estrangeiro típico. O seu avô veio da Índia, de modo que cabe aqui a seguinte pergunta: quais seriam os interesses representados por esse neto de estrangeiro? Essa foi a primeira parte do artigo. A segunda era dedicada à saúde. Como é bom sermos sadios! Porque a nossa autêntica família é, também, uma família sadia, tanto de corpo como de alma. E graças a quem somos assim? Graças ao governo, que nos garante uma vida boa e feliz, e é por isso que é considerado o melhor governo sob o sol. Diante disso, quem poderia se opor a um governo desse calibre? Só um louco. Já que o nosso governo é o melhor do mundo, é preciso ser maluco para falar mal dele. E, como uma sociedade sadia tem por obrigação isolar tais débeis mentais, a expulsão de Khomeini do país pelo xá foi mais do que acertada. Caso contrário, ele teria que ser trancado num manicômio.

O jornal com esse artigo chega a Qom. As pessoas ficam indignadas e começam a se reunir nas ruas e nas praças. Os que sabem ler leem o artigo a outros em voz alta. A comoção faz com que os grupos se tornem cada vez maiores e mais numerosos, com todos discutindo e gritando ao mesmo tempo, já que a maior paixão dos iranianos é uma interminável discussão — não importa onde nem a que hora do dia ou da noite. Os grupos mais inflamados começaram a funcionar como imãs, atraindo cada vez mais espectadores e participantes. No fim, a praça central da cidade foi tomada por uma multidão, sendo que uma aglomeração de pessoas é o que a polícia mais abomina. Quem deu permissão para um ajuntamento dessas proporções? Ninguém. Nenhuma permissão fora dada. Quem deu permissão para as pessoas gritarem? Quem permitiu que braços fossem agitados? A polícia sabe de antemão que tais perguntas são puramente retóricas e que deverá entrar em ação.

E agora, o momento mais importante e que decidirá o destino do país, do xá e da revolução — aquele em que um policial recebe a ordem de sair do seu posto, aproxima-se de um homem na beira da multidão e, com voz autoritária, ordena-lhe que vá para casa. O policial e o homem a quem ele se

dirige são pessoas comuns e anônimas, mas o encontro deles tem um significado histórico. Ambos são adultos, vivenciaram diversas situações e acumularam experiências. A experiência do policial: se eu gritar com alguém e erguer o meu cassetete, esse alguém ficará paralisado de medo e, em seguida, fugirá. A experiência do homem da multidão: diante da visão de um policial se aproximando, eu entro em pânico e saio correndo. Com base nessas experiências, pode-se desenvolver o restante do roteiro: o policial grita, o homem foge, outros homens seguem seu exemplo e a praça se esvazia. Só que dessa vez tudo acontece de forma diferente. O policial grita, porém o homem não foge. Permanece imóvel, olhando para o policial. Seu olhar é cauteloso, ainda com um leve toque de medo, mas também é duro e insolente. Sim! O homem da multidão olha atrevidamente para uma autoridade de uniforme. Não sai do lugar. Depois, olha em volta e vê os olhares dos outros. São parecidos com o dele: vigilantes, com um quê de temor, mas já firmes e inexoráveis. Ninguém foge apesar dos contínuos gritos do policial, porém chega um momento em que ele para de gritar e tudo fica em silêncio. Não sabemos se o policial e o homem da multidão já se deram conta do que aconteceu — de que o homem da multidão perdeu o medo e de que o início da revolução começou naquele exato instante. Até então, toda vez que esses dois homens se aproximavam um do outro, juntava-se a eles um terceiro elemento: o medo. O medo aparecia sob a forma de um aliado do policial e inimigo do homem da multidão. O medo impunha sua lei e decidia tudo. E eis que esses dois homens se encontram face a face e o medo some. Até então, o relacionamento entre esses seres era repleto de emoções — uma mistura de agressão, desprezo, raiva e temor. Mas agora, com o desaparecimento do medo, aquela união perversa e odiosa se rompeu; alguma coisa se extinguiu; algo se apagou. Os dois homens tornaram-se mutuamente indiferentes, passaram a ser inúteis, cada um podendo ir para o seu lado. E, com efeito, o policial dá meia-volta e começa a andar com passos pesados na direção de seu posto, enquanto o homem da multidão permanece na praça e, por um bom tempo, acompanha com a vista o inimigo que se afasta e vai sumindo aos poucos.

Medo: o predatório e voraz animal selvagem que vive dentro de nós e que nunca permite que nos esqueçamos dele. Vive nos paralisando e torturando. Não cessa de exigir mais e mais alimento, e somos forçados a saciar sua fome. E não só o alimentamos como ainda nos esforçamos para que sua comida seja a melhor possível. Seus pratos preferidos são os boatos soturnos, as más notícias, os pensamentos assustadores e as imagens de pesadelos. Em meio a milhares de boatos, notícias e pensamentos, sempre escolhemos os piores — ou seja, os mais apreciados pelo medo. Tudo para aplacar e satisfazer o monstro. Tomemos o exemplo de um homem que, ouvindo o que está lhe dizendo outro, tem o rosto pálido e mexe-se inquieto. O que houve? Ele está alimentando seu medo. E o que fazemos quando não dispomos de nenhum tipo de alimento? Procuramos febrilmente produzir um. E se não conseguimos produzir (o que ocorre pouquíssimas vezes)? Corremos para buscá-lo no meio de outros, perguntando a torto e a direito e escutando e recolhendo todo tipo de notícia até conseguirmos saciar o apetite do nosso medo.

Todos os livros sobre as revoluções começam com um capítulo no qual se descreve a putrefação de um poder decadente ou a miséria e o sofrimento de um povo. E, no entanto, eles deveriam começar com um capítulo com tons psicológicos, em que se descrevesse o momento em que um homem sofrido e apavorado repentinamente derrota o terror; o instante em que ele deixa de sentir medo. O capítulo deveria descrever com detalhes todo o incrível processo que costuma se passar numa fração de segundo, como um choque, como um ato de purificação. De repente, o homem se livra do medo e se sente livre. Sem isso, não haveria nunca nenhuma revolução.

O policial retorna a seu posto e faz um relato ao comandante. O comandante despacha seus homens para tomarem posição nos telhados das casas que circundam a praça, enquanto ele mesmo pega um automóvel, dirige-se ao centro da cidade e, usando um megafone, ordena que a multidão se disperse. No entanto, ninguém está disposto a escutá-lo. Diante disso, ele recua para um lugar seguro e dá ordem de abrir fogo. Uma torrente de projéteis de metralhadoras cai sobre a cabeça das pessoas. A

multidão entra em pânico, eclode um tumulto e aquele que pode fugir. Os disparos cessam. Na praça ficam apenas os mortos.

Não se sabe se alguém mostrou ao xá a fotografia feita pela polícia daquela praça momentos após o massacre. Vamos supor que sim. O xá era um homem muito atarefado, poderia não dispor de um tempo livre. Seu dia começava às sete da manhã e terminava à meia-noite. Seu único e verdadeiro descanso eram as estadas em St. Moritz, onde ele esquiava no inverno. Mesmo lá, ele se permitia somente duas ou três descidas, após o que retornava à residência para trabalhar. Recordando aqueles tempos, madame L. diz que a imperatriz comportava-se em St. Moritz muito democraticamente e, para provar o que dizia, mostra-me uma fotografia na qual a esposa do xá é vista na fila do teleférico. Esperando como qualquer um — uma simpática e esbelta mulher, apoiada num par de esquis. No entanto, diz madame L., eles tinham tanto dinheiro que ela poderia ter exigido que construíssem um teleférico só para ela!

Aqui os mortos são envoltos em lençóis brancos e depositados em esquifes de madeira. Os que carregam os esquifes andam rápido, quase correndo, dando a impressão de extrema urgência. O cortejo fúnebre está apressado, ouvem-se gritos e lamentos, e os enlutados demonstram sinais de inquietude e nervosismo — como se o morto os irritasse com sua presença e eles quisessem enterrá-lo o quanto antes. Depois, já sobre o túmulo, são colocados vários alimentos e tem início a “refeição fúnebre”. Qualquer pessoa que passe por ali é convidada a participar. Se não estiver com fome, receberá apenas uma fruta — uma maçã ou uma laranja —, mas terá de ingerir algum alimento.

No dia seguinte inicia-se o período de recordações. As pessoas rememoram a vida do falecido, seu bom coração e a retidão de seu caráter. Isso dura quarenta dias. No 41º dia, a família, os amigos e os conhecidos do morto reúnem-se em sua casa. Em torno da casa concentram-se os vizinhos da rua e do vilarejo. É uma multidão de pessoas que rememoram e lamentam. A dor e o pesar atingem um comovente apogeu. Se a morte foi natural, a reunião (que pode chegar a durar um dia e uma noite) será

iniciada com algumas horas de exaltação e êxtase, seguidas por um clima de entorpecimento e humilde resignação. Mas se a morte foi violenta, infligida por alguém, a multidão é tomada por um desejo de retaliação e sede de vingança. Num ambiente carregado de raiva incontida e de ódio profundo, ouve-se o nome do assassino — o causador da desgraça. E, embora ele possa estar longe daquele lugar, há uma crença de que tremerá de medo naquele instante: sim, seus dias estão contados.

Uma nação degradada, oprimida por um déspota e tratada como objeto procura encontrar um abrigo, um lugar no qual possa se entrincheirar e ser ela mesma. Isso lhe é indispensável para manter sua personalidade, sua identidade e até para poder agir de forma natural. Mas como toda uma nação não pode emigrar territorialmente, ela opta por uma migração no tempo, retornando ao seu passado, que, à luz da angustiante e ameaçadora realidade que a cerca, parece um paraíso perdido. Com isso, a nação encontra abrigo nas antigas tradições, tão antigas que chegam a ser sagradas e, em função disso, temidas pelas autoridades. É exatamente por isso que debaixo do tampão que cobre qualquer ditadura emerge — contra a sua vontade e contra ela própria — o lento renascimento de antigos costumes, crenças e símbolos, que passam a adquirir um novo sentido: o de desafio. No início, esse é um processo tímido e frequentemente clandestino, mas, à medida que a ditadura vai se tornando pesada e insuportável, sua força e abrangência tendem a crescer. Podem-se ouvir opiniões críticas de que dessa forma estaríamos retornando à Idade Média. Às vezes, elas chegam a ser procedentes, mas na maioria dos casos trata-se apenas de um modo pelo qual o povo consegue manifestar sua opinião: “Como as autoridades declaram ser símbolos de desenvolvimento e modernidade, vamos mostrar a elas que os nossos valores são outros”. Há nessa atitude mais um espírito de contradição política do que o real desejo de retornar ao mundo esquecido dos antepassados. Basta que a vida se torne mais suportável para que as velhas tradições percam seu conteúdo emocional e voltem a ser o que sempre foram — apenas um ritual.

E foi um desses rituais — a homenagem aos mortos quarenta dias após seu falecimento — que, inspirado pelo crescente sentimento de oposição, se transformou repentinamente num ato político. A solenidade — em princípio um evento apenas para familiares e vizinhos — começou a adquirir feições de comício de protesto. No 41º dia dos acontecimentos em Qom, em várias cidades do Irã pessoas foram às mesquitas para homenagear aqueles que tinham sido vítimas do massacre. Pela mesma razão eclodiu um levante em Tabriz — o povo saiu às ruas pedindo a morte do xá. O Exército interveio, banhando a cidade em sangue. Houve centenas de mortos e mais de mil feridos. Quarenta dias depois, muitas cidades iranianas cobrem-se de luto — chegara a hora de lembrar o massacre de Tabriz. Numa delas, em Isfahan, a enfurecida multidão é cercada pelas tropas, que abrem fogo contra ela, deixando novos mortos. Passam-se outros quarenta dias — agora, multidões enlutadas surgem em dezenas de cidades, com o objetivo de lembrar os que tombaram em Isfahan. Mais uma manifestação seguida de um massacre. Depois de quarenta dias, o mesmo ocorre em Meshed; em seguida, em Teerã. Outra vez em Teerã. E, ao final, em quase todas as cidades iranianas.

Dessa forma, a revolução iraniana se desenvolve num ritmo de explosões de quarenta em quarenta dias. A cada quarenta dias ocorre uma explosão de desespero, ira e sangue, e as explosões vão se tornando cada vez mais terríveis, com multidões maiores e com um número maior de vítimas. O mecanismo do terror começou a funcionar em sentido inverso. Os detentores do poder lançam mão do terror para incutir medo, só que nesse caso o terror das autoridades serviu para despertar a nação e fazê-la lançar-se à luta, incitando-a a empreender novas investidas.

A reação do xá foi típica dos déspotas: primeiro golpear e esmagar, para só então pensar no que fazer em seguida. Começar por exhibir seus músculos, demonstrando sua força, e só depois — e eventualmente — provar que também possui um cérebro. Para o poder despótico é mais importante ser temido por sua força do que admirado por sua sabedoria. Aliás, qual o significado da palavra “sabedoria” para um déspota? Significa ser hábil no

uso da força. Sábio é todo aquele que sabe como e quando golpear. Tal demonstração de força é uma necessidade, já que toda ditadura se apoia nos instintos mais baixos que ela consiga despertar em seus súditos: o medo, a agressividade aos que nos são próximos, a subserviência. E esses instintos são despertados pelo terror, e a fonte do terror é o medo da força.

O déspota está convencido de que todo homem é um ser desprezível, portanto são desprezíveis os seres que se espalham por sua corte e o rodeiam por todos os lados. A aterrorizada população se comporta durante muito tempo como uma ralé submissa e incapaz de raciocinar. Basta alimentá-la e ela será obediente. E, se lhe der uma diversão, logo ficará feliz. O arsenal de truques políticos é muito limitado, não tendo mudado de forma significativa nos últimos milênios. E é exatamente por causa disso que há tantos amadores na política, tantas pessoas convencidas de que sabem governar, de que basta que lhes entreguem o poder. Mas há momentos em que coisas surpreendentes podem ocorrer. Eis que um povo alimentado e entretido deixa de ser obediente e começa a querer algo mais do que simples diversões. Ele pede liberdade e justiça. O déspota é pego de surpresa. A realidade obriga-o a ver o homem em toda a sua plenitude e em toda a sua glória. Mas um homem assim ameaça a ditadura — é seu inimigo e deve ser derrotado a qualquer custo.

Apesar de nutrir um profundo desprezo pelo povo, a ditadura busca o seu reconhecimento. Apesar de ser ilegítima — ou exatamente pelo fato de ser ilegítima —, ela se esforça para manter uma aparência de legitimidade. É extremamente sensível nesse ponto; sua suscetibilidade chega a ser quase patológica. Além disso, ela sofre de um (muito bem oculto) complexo de inferioridade e não mede esforços para comprovar a si mesma e aos outros como é popular, dando-se por satisfeita mesmo se essa popularidade for apenas de fachada. E qual o problema se tudo for apenas aparência? O mundo das ditaduras está cheio disso.

Como todo ditador, o xá também sentia a necessidade de aprovação popular. Assim, logo após o enterro das últimas vítimas do massacre de Tabriz, foi organizada na cidade uma manifestação de apoio ao monarca.

Num dos extensos pastos que circundam a cidade, foram reunidos os ativistas do Rastakhiz, o partido do xá. Todos levavam grandes retratos de seu líder, com um sol pintado sobre sua cabeça. O governo em peso compareceu ao palanque. O premiê Jamshid Amuzegar fez um discurso no qual se perguntava como era possível um grupo de anarquistas e niilistas romper a unidade de uma nação e conturbar sua pacífica existência. O orador fez questão de ressaltar a pequena quantidade daqueles transviados. “Eles são tão poucos que nem podemos chamá-los de um grupo. É apenas um punhado de indivíduos. Felizmente, o país inteiro condena as ações daqueles que querem arruinar as nossas casas e o nosso bem-estar.” Em seguida, foi aprovada uma resolução de apoio ao xá, após o que os manifestantes foram se separando discretamente, retornando, às escondidas, para suas casas. A maioria encaminhou-se aos ônibus e foi conduzida de volta a outras cidades, de onde tinha partido para Tabriz exclusivamente para a ocasião.

Após essa manifestação, o xá se sentiu melhor. Parecia que começava a reerguer a cabeça. Até então, jogara com cartas marcadas de sangue. Agora, decide jogar com cartas limpas. Para conquistar a simpatia do povo, afasta alguns oficiais que estiveram no comando das tropas que dispararam contra os habitantes de Tabriz. Ouve-se um murmúrio de insatisfação entre os generais. Para acalmá-los, ordena que se abra fogo contra os habitantes de Isfahan. O povo responde com uma explosão de raiva e ódio. No intuito de acalmar o povo, afasta o chefe da Savak. A Savak entra em pânico. Para acalmar a Savak, permite que seus agentes prendam quem quiserem. E assim, com esses rodeios, avanços, recuos, desvios e zigue-zagues, foi se aproximando passo a passo do precipício.

Ao xá se imputava o pecado da indecisão. Um político, diziam, deve ser um homem decidido. Mas decidido a quê? O xá queria se manter no trono e, para tanto, resolveu explorar todas as possibilidades. Tentava tudo: disparava e democratizava, prendia e soltava, demitia e promovia, ameaçava e elogiava. Tudo em vão. As pessoas simplesmente não o queriam mais, não queriam um governante daquele tipo.

O que acabou de fato com o xá foi sua vaidade. Considerava-se o pai da nação, mas a nação se virou contra ele — algo que o deixou abalado e ferido no mais profundo do seu ser. Ele quis a qualquer custo (infelizmente, também à custa de sangue) restaurar a antiga imagem cultivada por anos de um povo feliz prostrado aos pés de seu benfeitor, exprimindo sua gratidão. Apenas se esqueceu de que vivemos tempos nos quais as nações vão em busca de seus direitos — e não de favores.

Também é possível que ele tenha sucumbido por ter se levado a sério demais. Com toda a certeza, acreditava que o povo o adorava e o considerava seu melhor e supremo expoente. E eis que se defronta com um povo revoltado. Isso foi algo que o surpreendeu e que ele não conseguiu entender, a ponto de achar que deveria reagir de imediato — o que resultou em decisões tão radicais e histéricas quanto destrambelhadas. Faltou-lhe certa dose de cinismo. Poderia ter dito: “Estão se manifestando? Pois que se manifestem. Quanto tempo aguentarão? Meio ano? Um ano inteiro? Acho que posso resistir. Em qualquer caso, não arredarei o pé do palácio”. Enquanto isso, as desapontadas e amarguradas pessoas teriam — querendo ou não querendo — retornado a suas casas, pois não se pode esperar que alguém esteja disposto a passar o resto da vida em passeatas e manifestações. Em suma, ele não soube esperar — e, na política, esperar é uma arte.

Outra razão para a sua derrota foi o desconhecimento de seu próprio país. O xá passou praticamente a vida inteira isolado no palácio, e quando dele saía fazia-o como uma pessoa que sai de um quarto aquecido para enfrentar um frio dia invernal — põe só a cabeça para fora um instante, dá uma rápida espiada em volta e recolhe-a imediatamente. Acontece que a vida em todos os palácios é regida pelas mesmas leis, sempre destrutivas e deformadoras. Foi assim desde os tempos imemoriais, é assim nos dias de hoje e assim continuará sendo. Se construirmos uma dezena de novos palácios, imediatamente surgirão neles as mesmíssimas leis que já existiam nos palácios erguidos 5 mil anos antes. A única saída é tratar um palácio como um lugar de permanência temporária, como um bonde ou um ônibus. Entramos nele numa parada, viajamos em seu interior por determinado

tempo, mas sempre acabamos saltando. E é fundamental ficar atento para saltar na parada certa, não permanecendo nele mais do que o devido.

Quando se vive num palácio, o mais difícil é imaginar uma vida diferente — uma vida real fora dele e sem o seu suporte. As pessoas sempre terão dificuldade em se imaginar em tal situação, e sempre surgirão outras dispostas a ajudá-las. Infelizmente, tais situações costumam resultar em muitas mortes. Trata-se do conceito de honra na política. De Gaulle — eis um homem honrado. Ao perder o referendo, empacotou suas coisas e abandonou o palácio para nunca mais voltar. Ele queria governar apenas se aceito pela maioria. No momento em que a maioria lhe negou tal apoio, ele simplesmente foi embora. Mas quantos homens do seu calibre existem por aí? Outros vão se lamentar, no entanto não irão embora; vão atormentar seu povo, porém não sairão do lugar. Atirados para fora por uma janela, conseguirão entrar por outra; jogados escadas abaixo, voltarão a escalá-las. Vão procurar pretextos e justificativas, cairão de joelhos, implorarão, mentirão, bajularão — tudo para poder permanecer ou retornar. Vão mostrar as mãos, dizendo: “Vejam, não estão manchadas de sangue!”, mas só o fato de precisarem mostrar as mãos os cobre de desonra. Vão mostrar os bolsos: “Vejam, estão quase vazios!”, mas só o fato de precisarem mostrar os bolsos é um ato de extrema humilhação. Ao abandonar o palácio, o xá chorava. No aeroporto, um novo ataque de choro. Mais tarde, nas entrevistas coletivas, explicava quanto dinheiro possuía, muito menos do que as pessoas imaginavam. Que coisa deplorável. Quanta mesquinhez.

Passei vários dias perambulando por Teerã, sem nenhum rumo fixo nem objetivo concreto. Fugia da depressiva vacuidade do meu quarto, bem como de uma bruxa importuna e agressiva — a minha arrumadeira, que não parava de me pedir dinheiro. Ela pegava as minhas camisas limpas e passadas, recebidas da lavanderia, jogava-as num balde com água, agitava-as por um tempo, espremia-as e... queria ser paga. Mas paga por quê? Por ter estragado as camisas? Sua mão esquelética estava sempre estendida para fora do xador. Eu sabia que ela não tinha dinheiro, mas o problema era que eu também não, e isso era uma coisa que ela não conseguia aceitar. Um homem

vindo de outra parte do mundo só podia ser rico. A proprietária do hotel abria os braços num gesto de impotência. “Não posso fazer nada”, dizia. “Eis um dos resultados da revolução, meu senhor. Agora, essa mulher detém o poder!” A dona do estabelecimento me considerava um aliado natural, como se eu fosse um contrarrevolucionário. Achava que eu era um liberal e, naqueles dias, os liberais, sendo de centro, eram os mais combatidos. Uma escolha entre Deus e Satanás! A propaganda oficial demandava que todos declarassem claramente a sua ideologia, pois começara a época de expurgos e daquilo que foi chamado de “examinar as mãos de todos”.

Passei dezembro todo perambulando pela cidade. Na noite do Ano-Novo de 1979, um colega telefonou, convidando-me para uma reunião social — uma verdadeira, embora disfarçada, festa de réveillon. Agradei o convite, mas recusei, dizendo que tinha outros planos. “Que planos?”, ele se espantou, pois, realmente, o que se poderia fazer em Teerã numa noite como aquela? “Um plano meio esquisito”, respondi, e era a pura verdade. Eu decidira passar o réveillon em frente à embaixada dos Estados Unidos para ver com meus próprios olhos o que se passaria naquele momento no lugar do qual mais se falava em todo o mundo. E foi o que fiz. Saí do hotel às onze da noite, pois a embaixada não ficava longe — cerca de dois quilômetros que podiam ser percorridos numa tranquila caminhada em direção ao centro da cidade. Fazia muito frio e soprava um vento gelado e cortante — provavelmente tinha havido uma nevasca nas montanhas. Andei por ruas desertas, sem transeuntes ou policiais, até chegar à praça Valiahad, onde encontrei um vendedor de nozes encolhido, todo enrolado em cobertores de lã, que me fez lembrar as vendedoras de nozes no outono na Polônia. Peguei um saquinho de nozes e entreguei-lhe um punhado de rials — muito mais que o necessário, como presente de Natal. O vendedor não entendeu minha intenção. Separou o valor das nozes e, com o rosto sério e digno, devolveu-me o troco. Assim, meu gesto feito com o propósito de estabelecer algum tipo de contato com o único homem que encontrei naquela cidade vazia e gelada foi solenemente rejeitado. Continuei caminhando e olhando para as cada vez mais despojadas vitrines das lojas. Dobrei na Takhte-Jamshid,

passsei por um cinema destruído num incêndio, por um banco igualmente incendiado, por um hotel vazio e por lojas escuras de linhas aéreas. Por fim, cheguei à embaixada. Durante o dia, aquele lugar mais parece uma feira livre, um acampamento em constante agitação, um barulhento parque de diversões político no qual cada um pode falar e gritar o que lhe passar pela cabeça. Pode-se vir aqui e xingar os poderosos do mundo que nada nos acontecerá. Assim, não faltavam pessoas dispostas a fazer exatamente isso, formando verdadeiras multidões. Mas, perto da meia-noite, não havia vitalma. Eu caminhava sobre um palco gigantesco e deserto do qual o principal ator saíra havia bastante tempo. Restaram apenas fragmentos de cenários jogados aqui e ali e a fantasmagórica atmosfera de um lugar abandonado por seres humanos. O vento agitava uma faixa esfarrapada na qual estava representado um grupo de diabos aquecendo-se junto do fogo do inferno. Mais ao longe, Carter, com uma cartola adornada com estrelas, sacudia um saco cheio de ouro enquanto, a seu lado, o inspirado imã Ali preparava-se para morrer como um mártir. No estrado, do qual exaltados oradores despertavam indignação e raiva na multidão, havia um microfone e uma bateria de alto-falantes. A visão daqueles alto-falantes mudos aumentava ainda mais a sensação de vazio e abandono. Fui até o portão principal. Como sempre, estava fechado com corrente e cadeado, uma vez que a fechadura original fora destroçada pelos invasores e nunca mais consertada. Apoiados no muro de tijolos e tiritando de frio, encolhiam-se dois sentinelas, armados com metralhadoras — estudantes da linha do imã. Tive a impressão de que cochilavam. No interior, entre as árvores, brilhava o iluminado prédio no qual eram mantidos os reféns. Apesar de olhar fixamente para as suas janelas, não vi ninguém; nenhuma sombra passou por elas. Olhei para o relógio. Meia-noite em ponto — pelo menos em Teerã. Começava o novo ano. No mundo inteiro, relógios soavam e rolhas de champanhe voavam. Risos e alegria reinavam por toda parte e salões de baile estavam repletos de pessoas festejando. Mas tudo isso parecia se passar em outro planeta, do qual não chegava até aqui nenhum som ou raio de luz. Parado e quase congelado, indaguei-me por que cargas-d'água eu tinha

vindo para esse lugar, o mais desértico e deprimente do mundo. Não sabia a resposta. Apenas achei que era o lugar onde eu deveria estar. Não conhecia ninguém — nem aqueles cinquenta americanos, nem aqueles dois iranianos, com os quais nem podia me comunicar. Talvez eu tenha pensado que algo fosse acontecer aqui. Porém nada aconteceu.

Aproximava-se o aniversário da partida do xá e da queda da monarquia. Em razão disso, podiam ser vistas na televisão dezenas de filmagens da revolução, todas muito parecidas, com os mesmos cenários e as mesmas situações. O primeiro ato consistia em cenas de uma enorme manifestação. Impossível descrever as dimensões dessa passeata. Era um rio humano, largo e agitado, que parecia não ter fim e que fluía pela rua principal durante todo o dia, desde o raiar do sol. Um dilúvio de proporções gigantescas que em instantes engoliria e inundaria tudo. Uma floresta de braços erguidos e punhos cerrados, uma ameaçadora floresta de punhos agitados, uma multidão que canta e grita: “Morte ao xá!”. Poucos close-ups de rostos. Os operadores das câmeras estão impressionados com a visão daquela torrente de lava humana e estupefatos com suas dimensões, como se estivessem ao sopé do monte Everest. Nos últimos meses da revolução, passeatas com milhões de participantes ocorriam em todas as cidades iranianas. A multidão estava desarmada — sua força residia na quantidade de pessoas e em sua encarniçada e inabalável determinação. Todos saíam às ruas, e esse extraordinário ato de os habitantes de cidades inteiras ganharem as ruas ao mesmo tempo foi um fenômeno marcante da revolução iraniana.

O segundo ato é mais dramático. Os operadores estão com suas câmeras no telhado das casas. A cena que vai ocorrer será filmada do alto, numa panorâmica. Primeiro, eles nos mostram o que se passa nas ruas — podemos ver dois tanques e dois carros de assalto. Na pista e nas calçadas, soldados com capacetes e em uniformes de campanha adotam posição de tiro. Aguardam. Agora os câmeras nos mostram a passeata se aproximando. A princípio, ela mal pode ser vista na distante perspectiva da rua, mas logo vamos vê-la em detalhe. Sim, é possível vislumbrar as primeiras fileiras. São formadas por homens, mulheres e crianças. Todos vestem branco. Estar de

branco significa estar preparado para morrer. Os operadores focalizam seus rostos, ainda vivos. Seus olhos. As crianças, já cansadas, estão curiosas para saber o que vai acontecer. É uma multidão que avança diretamente sobre os tanques, sem diminuir a marcha, sem parar — uma multidão hipnotizada? Enfeitiçada? Lunática? —, como se nada visse, como se estivesse se deslocando numa terra deserta, uma multidão que já iniciou sua ascensão ao céu. Agora a imagem treme, porque tremem as mãos dos câmeras, enquanto o som de disparos, o silvo de balas e gritos ecoa dos alto-falantes. Um close de soldados recarregando suas armas. Um close da torre do tanque que gira ora para a direita, ora para a esquerda. Um close de um oficial cujo capacete desliza comicamente sobre o rosto. Um close da pista, seguido por um rápido voo da câmera sobre a parede do prédio em frente, o teto, a chaminé, um espaço vazio, os contornos de uma nuvem, uma série de fotogramas em branco e escuridão. O texto na tela informa que aquelas haviam sido as últimas imagens obtidas por aquele operador, mas que outros câmeras sobreviveram para recuperar e preservar seu testemunho.

O terceiro ato mostra cenas do campo de batalha. Cadáveres, um ferido arrasta-se na direção do portal, ambulâncias passam rapidamente, alguns homens correm de um lado para outro, uma mulher grita de braços estendidos, um homem suado tenta levantar o corpo de alguém. A multidão recuara. Dispersa e caótica, ela se desfez entre as ruelas adjacentes. Sobre os telhados, um helicóptero passa voando baixo. Algumas ruas adiante, o trânsito já voltou ao normal — à vida cotidiana da cidade.

Lembro-me ainda de mais uma cena: uma passeata. Quando ela passa diante de um hospital, os manifestantes se calam, a fim de não perturbar os doentes. Ou, então, de outra imagem: a última fila dos manifestantes é formada por garotos que, munidos de cestas, vão recolhendo o lixo deixado pelos que passaram. O caminho percorrido pela passeata deve ser limpo. O

fragmento de um filme que mostra crianças voltando da escola. De repente elas ouvem sons de tiros, correm em sua direção e ali encontram soldados disparando contra manifestantes. Arrancam folhas de seus cadernos e empapam-nas no sangue derramado na calçada. Depois, correm pelas ruas agitando aquelas páginas ensanguentadas e mostrando-as aos transeuntes. É uma espécie de alerta. Cuidado! Há um tiroteio lá! Um filme feito em Isfahan é repetido diversas vezes: uma manifestação atravessa uma grande praça; vê-se um mar de cabeças. De repente, soldados começam a disparar de todos os lados. A multidão se põe em fuga — tumulto, gritaria, correria, até que a praça fica deserta. Então, no momento em que os últimos fugitivos desaparecem, deixando à mostra a enorme área da praça esvaziada, a câmera revela que no seu centro restou um inválido numa cadeira de rodas. Ele também quer fugir, mas uma das rodas ficou presa (o filme não mostra o que imobilizou a roda). O inválido empurra a cadeira desesperadamente enquanto as balas silvam ao seu redor, a ponto de ele encolher a cabeça entre os ombros. A cadeira, porém, não consegue ir para a frente, girando sem parar no mesmo lugar. A visão é tão chocante que os soldados param de disparar, como que aguardando uma ordem específica. A praça mergulha num profundo silêncio. Graças a uma grande-angular, vemos um enorme plano vazio e, ao fundo, uma figura encolhida que, a essa distância, mais parece um inseto moribundo do que um homem solitário lutando em desespero para se livrar de uma teia na qual está irremediavelmente enredado. Ele não resiste por muito tempo. Os soldados voltam a disparar, tendo diante de si um único alvo, que, finalmente imobilizado, permanecerá no centro da praça por uma ou duas horas, como uma estátua.

* * *

Os câmeras abusam dos planos abertos e com isso perdem os detalhes, e é só através dos detalhes que tudo pode ser mostrado. Uma gota pode conter um universo inteiro. O singular é muito mais próximo de nós do que o geral — é mais fácil estabelecer contato com ele. Sinto falta de close-ups dos

participantes de uma passeata. Sinto falta de saber o que eles conversam. Aquele homem que marcha com os demais no meio da manifestação — quanta esperança ele carrega no coração! Ele marcha porque conta com algo. Marcha porque está convencido de que poderá resolver um ou mais assuntos. Está convicto de que vai melhorar seu destino. Marcha pensando: se vencermos, ninguém mais vai me tratar como um cachorro. Pensa em sapatos, na ideia de comprar sapatos — e sapatos de boa qualidade — para toda a família. Pensa numa moradia: se vencermos, poderemos viver como seres humanos. Pensa num mundo novo: ele, um simples homem do povo, vai conhecer um ministro e, através dele, resolverá tudo o que for preciso. Aliás, ao diabo com os ministros! Nós mesmos formaremos um comitê e assumiremos o poder! O homem marcha com pensamentos e planos que não estão bastante claros nem suficientemente precisos, mas que são intrinsecamente bons, inspiram ânimo, porque possuem o mais importante de todos os atributos — o de que serão realizados. O homem está animado, sente crescer sua força interior, porque ao marchar está participando. Pela primeira vez em toda a sua vida, ele é dono do seu destino, pela primeira vez é um partícipe, exerce influência, decide alguma coisa — *existe*.

Um dia tive a oportunidade de ver como se forma uma passeata. Um homem caminhava cantando pela rua que levava ao aeroporto. Era *Allah Akbar!*, uma canção sobre Alá. Ele tinha uma voz bela e sonora. Andava sem prestar atenção em nada e em ninguém. Fui atrás dele, querendo ouvir aquele canto. Momentos depois, juntaram-se a ele várias crianças que brincavam na rua, e que também se puseram a cantar. Depois, um grupo de homens e então algumas mulheres — tímidas e receosas. Quando o grupo já contava com cerca de cem pessoas, passou a crescer em progressão geométrica. “Multidões atraem multidões”, como bem observou Canetti. As pessoas daqui gostam de fazer parte de uma multidão; a multidão as reforça, aumenta seu valor. Elas se exprimem através da multidão. Estando numa multidão elas parecem se livrar de algo que fazia com que não se sentissem bem e que carregavam em seu íntimo quando estavam sozinhas.

Nessa mesma rua — Engelob, anteriormente chamada Xá Reza —, um velho armênio tem uma lojinha de especiarias e frutas secas. Como a entrada da loja é muito estreita, ele expõe seus produtos na calçada em frente — uma profusão de sacos, cestas e potes com passas, amêndoas, tâmaras, nozes, azeitonas, gengibre, romãs, abrunhos, pimenta, milho miúdo e dezenas de outras esquisitices cujos nomes e uso desconheço. Vista de longe e tendo por fundo as cinzentas e descascadas paredes das casas, essa coleção parece uma paleta multicolorida ou uma composição pictórica preparada com muito sabor e fantasia. Ademais, o dono do estabelecimento volta e meia muda a disposição das cores, de modo que em determinado dia amarronzadas tâmaras podem ter por vizinhos amendoins pálidos e azeitonas verdes, enquanto em outro amêndoas brancas ocupam o espaço das tâmaras carnosas e lá onde brilhava o dourado milho miúdo há uma mancha vermelha formada por uma pilha de bagas de pimenta. Costumo frequentar esse lugar não somente para apreciar as composições coloridas do armênio, mas a cada dia o aspecto dessa exposição me serve como indicador do que se passará na política, já que Engelob é a rua preferida dos manifestantes. Se, ao chegar de manhãzinha, eu não encontrar os produtos expostos na calçada, isso significa que o armênio se preparou para um dia agitado — haverá uma manifestação. Ele achou melhor esconder suas sementes e frutas para que elas não sejam pisoteadas pela multidão. Significa também que terei de trabalhar — descobrir quem vai se manifestar e em prol do quê. Por outro lado, se, ao caminhar pela rua Engelob eu já vir de longe as diversas cores da paleta do armênio, sei que o dia será normal, tranquilo e sem sobressaltos, e que poderei, sem nenhum peso na consciência, ir tomar um copo de uísque na casa de Leon.

Seguindo adiante pela rua Engelob, encontramos uma padaria na qual se pode comprar um pão quentinho, recém-saído do forno. No Irã, o pão tem a forma de uma grande panqueca, e o forno em questão é um poço de três metros de profundidade, cavado no solo e com as paredes revestidas de argila. No seu fundo, arde uma fogueira. Se uma mulher trai o marido, ela é atirada num desses poços. Na padaria trabalha um garoto de doze anos

chamado Razak Naderi. Alguém deveria fazer um filme sobre ele. Razak chegou a Teerã com nove anos em busca de trabalho. Deixou a mãe e cinco irmãos mais jovens que ele (duas meninas e três meninos) no seu vilarejo, perto da cidade de Zanjan, a quase mil quilômetros da capital. A partir daquele momento, passou a ser o responsável pelo sustento da família. Ao acordar às quatro da manhã, ajoelha-se junto à boca do forno, do qual emana um calor abrasador. Usando uma longa pá de madeira, ele cola as panquecas no barro das paredes e fica atento para retirá-las do forno no momento certo. Trabalha assim até nove da noite, enviando à mãe o dinheiro que recebe como pagamento. Seus pertences se resumem a uma mochila e um cobertor com o qual se cobre à noite. Razak muda frequentemente de emprego e passa períodos sem trabalho. Sabe que não pode culpar ninguém por isso, já que após três ou quatro meses num emprego começa a sentir uma saudade terrível da mãe. Por algum tempo, tenta vencer essa sensação, mas finalmente se rende, entra num ônibus e parte para o seu vilarejo. Gostaria de poder ficar com a mãe por mais tempo, mas sabe que não pode — precisa trabalhar, já que é o único que sustenta a família. E assim retorna a Teerã, porém sua antiga vaga já está ocupada por outro garoto. Diante disso, Razak vai até a praça Gomruk, ponto de encontro dos desempregados. Trata-se de um mercado de mão de obra barata — quem vai até lá se vende a um preço vil. Assim mesmo, Razak fica ali uma ou duas semanas até alguém contratá-lo. Permanece na praça dias a fio, passando frio e fome. Finalmente acaba aparecendo um homem que repara nele. Razak está feliz — voltou a trabalhar. Mas sua felicidade dura pouco; logo volta a sentir saudades da mãe, larga o emprego e viaja ao seu vilarejo para, em seguida, retornar à praça Gomruk.

Bem perto de Razak existe um mundo enorme — o mundo do xá, da revolução, de Khomeini e dos reféns. Todos falam nele. E, no entanto, o mundo de Razak é infinitamente maior; ele é tão grande que Razak vagueia perdido nele sem saber como achar a saída.

Rua Engelob no outono e inverno de 1978. Por ela passam enormes e infindáveis manifestações de protesto. O mesmo ocorre em todas as grandes

idades. A rebelião se alastra pelo país. Tem início uma onda de greves — a indústria e os transportes ficam paralisados. Apesar das dezenas de milhares de vítimas, a pressão popular não cessa de aumentar. Mas o xá continua no trono — o palácio não cede.

* * *

Toda revolução é um confronto de duas forças: a da estrutura e a do movimento. O movimento ataca a estrutura, pretendendo destruí-la, enquanto a estrutura se defende, querendo esmagar o movimento. As duas forças, igualmente possantes, têm características distintas. As características do movimento são: a espontaneidade, a impulsividade, a dinâmica expansibilidade — e sua curta duração. Já as da estrutura são: a inércia, a resistência e uma surpreendente e quase instintiva capacidade de sobrevivência. Uma estrutura é de certo modo fácil de ser criada e incomparavelmente mais difícil de ser destruída. Uma estrutura poderá sobreviver a todas as razões que a criaram. Ao longo do tempo, foram criados muitos Estados fracos e até alguns praticamente fictícios. Mas um Estado já é uma estrutura, e nenhum deles será apagado do mapa. Existe uma espécie de “mundo de estruturas”, no qual uma estrutura se apoia na outra. Basta ameaçar uma para que as demais — aparentadas com ela — partam em sua ajuda. Uma de suas características adicionais é a sua elasticidade, tão necessária à sobrevivência. Ao ser atacada e pressionada, ela é capaz de retrair-se, encolher-se e esperar o momento de poder voltar a se expandir. E é interessante observar que a nova expansão se realiza exatamente no lugar onde se deu o encolhimento. Em outras palavras: o desejo de qualquer estrutura é retornar ao status quo, considerado o melhor — o ideal. Tal característica serve para reforçar a propriedade de inércia da estrutura. Ela só é capaz de agir de acordo com o código com o qual foi programada. Se for lhe dado outro programa, ela não se moverá, não reagirá e ficará aguardando o programa original. A estrutura ainda tem uma capacidade adicional: a do João-teimoso, aquele bonequinho que teima em

ficar em pé — dá a impressão de que vai cair, mas volta sempre a se erguer. Todo movimento que não conhece essa propriedade da estrutura gasta muitíssimo tempo tentando derrubá-la, acaba se cansando e, no fim, sofre uma derrota.

O teatro do xá. O xá era um *regisseur* que queria criar um teatro do mais alto nível internacional. Gostava de ter audiência e ser apreciado. No entanto, faltava-lhe a compreensão do que era a arte em si e do que era a sabedoria e a imaginação de um diretor teatral. Achava que bastava ter um título e bastante dinheiro. Dispunha de um cenário gigantesco, no qual a ação poderia se desenvolver em vários lugares ao mesmo tempo. E foi nesse cenário que ele resolveu montar uma peça intitulada *A grande civilização*. Para tanto, gastou quantias incalculáveis de dinheiro para trazer do estrangeiro uma porção de cenários e adereços, sob a forma de todo tipo de aparelhos, máquinas, instalações, montanhas de cimento, cabos e produtos plásticos. Uma boa parte dos acessórios cênicos era formada por apetrechos bélicos: tanques, aviões, foguetes. O xá andava feliz e orgulhoso pelo palco. Ouvia palavras de reconhecimento e louvor emanando dos alto-falantes. As luzes dos refletores resvalavam sobre o cenário para se concentrar na figura do xá, que permanecia parado ou se movia no meio do seu resplendor. Era o teatro de um só ator e de um só diretor — o xá. Todos os demais não passavam de extras, de meros figurantes. No andar mais alto do cenário, moviam-se generais, ministros, damas distintas, mordomos — a grande corte. Em seguida, vinham os andares intermediários e, bem abaixo, no fundo, apinhavam-se os figurantes da mais baixa estirpe. Eram os mais numerosos. Seduzidos pela ideia de grandes ganhos — o xá lhes prometera montanhas de ouro —, vieram dos vilarejos pobres para a metrópole. O xá estava sempre no palco, monitorando a ação e dirigindo os figurantes. A um gesto seu, os generais se perfilavam, os ministros beijavam sua mão, as damas se inclinavam numa profunda reverência. Quando ele aparecia num dos andares mais baixos, os funcionários corriam em sua direção na esperança de ganharem um prêmio ou uma promoção. Já no andar térreo — ocupado pelos figurantes —, ele aparecia raramente e, quando o fazia, era

por pouco tempo. Os figurantes — perdidos e desorientados, esmagados pela metrópole, enganados e explorados — comportavam-se de forma apática. Sentiam-se estranhos no meio daquele cenário desconhecido, naquele ambiente hostil e agressivo que os cercava. O único ponto de referência de que dispunham era a mesquita, já que sempre houve uma mesquita em seus vilarejos. E assim tendiam a reunir-se na mesquita. Da mesma forma, a única pessoa em quem podiam confiar na cidade era o mulá, já que sempre houve mulás nos vilarejos. Na província, o mulá é a autoridade máxima, é ele quem mede disputas, distribui a água, está com o povo desde o nascimento até a morte. De modo que era mais do que natural que aqueles figurantes — migrantes do campo para a grande cidade — procurassem os mulás para com eles se aconselharem e ouvirem sua voz, a voz de sua infância — de sua terra perdida.

A ação da peça se desenrola simultaneamente em vários andares; muita coisa acontece no palco. O cenário se ilumina e começa a se mover: rodas giram, chaminés expelem fumaça, tanques se deslocam de um lado para outro, ministros beijam as mãos do xá, funcionários correm em busca de prêmios, policiais cerram os cenhos, mulás falam e falam, figurantes trabalham calados. As atividades passam a ser cada vez mais frenéticas. O xá parece estar por toda parte e sempre sob a luz dos refletores. Ora faz um gesto com a mão, ora aponta algo. No entanto, pouco tempo depois o palco é tomado por uma confusão, como se todos os personagens tivessem esquecido seus respectivos papéis. Sim — eles pegam o roteiro, atiram-no na lata de lixo e resolvem criar suas próprias falas e ações. Um motim no teatro! A representação adquire outra feição, transformando-se num espetáculo violento e selvagem. No andar térreo, os figurantes, há muito tempo desiludidos, mal pagos e desprezados, partem para o ataque, lançando-se sobre os andares superiores. Os atores dos andares intermediários também se revoltam e se juntam aos figurantes do térreo. No palco aparecem as bandeiras negras dos xiitas, enquanto dos alto-falantes emana o canto guerreiro — *Allah Akbar!* — dos que protestam. Tanques andam de lá para cá, policiais disparam. Do minarete ouve-se o prolongado canto do muezim.

No andar mais alto, reina uma bagunça indescritível. Ministros enfiam dinheiro em sacos e fogem. Damas da corte agarram seus escrínios com joias e desaparecem. Mordomos correm em círculos, sem saber o que fazer. Surgem os primeiros fedaim e *mujahidin*, vestidos com casacos verdes e portando armas — já haviam saqueado o arsenal. Os soldados, que até aquele momento disparavam na multidão, confraternizam agora com o povo e enfiam cravos vermelhos nos canos de seus fuzis. O palco está coberto de bombons — diante da alegria geral, os comerciantes atiram sobre a multidão cestas inteiras de caramelos e outros tipos de balas e confeitos. Apesar de ser meio-dia, todos os automóveis estão com os faróis acesos. No cemitério, uma grande aglomeração. Todos vieram prantear os que pereceram. A mãe de um soldado que se suicidou para não ter que disparar contra o povo discursa. O velho aiatolá Teleghani discursa. Aos poucos, os refletores vão se apagando. Na cena final, o Trono do Pavão Real — o trono dos xás —, incrustado com milhares de pedras preciosas, desce do já totalmente deserto andar superior para o térreo. Envolto por um brilho multicolorido cegante, tem o seu assento ocupado por uma estranhíssima figura de dimensões gigantescas e de porte majestoso que irradia brilho próprio. Suas mãos, pés, cabeça e torso estão conectados por um emaranhado de fios e cabos. A visão dessa figura desperta em nós uma sensação de terror. Apavorados, queremos instintivamente cair de joelhos, mas um grupo de eletricitas surge no palco e se põe a cortar os fios e a desconectar os cabos. O brilho da figura começa a esmaecer, enquanto ela mesma vai se tornando cada vez menor, cada vez mais comum. Por fim, os eletricitas se afastam e do trono se levanta um esbelto senhor já de alguma idade — um homem comum, desses que qualquer um de nós pode encontrar num cinema, num café ou numa fila, e que agora sacode a poeira do seu terno, ajeita a gravata e abandona o palco, dirigindo-se ao aeroporto.

O xá criara um sistema capaz apenas de se defender e totalmente despreparado para satisfazer as necessidades de um povo. Foi a sua maior falha e a verdadeira razão de sua queda. O alicerce psicológico de um sistema como esse é o desprezo que um governante nutre por seu povo e a

convicção de que, fazendo promessas vãs, ele sempre poderá enganar seus ignorantes súditos. No entanto, há um provérbio iraniano que diz: “Promessas somente têm valor para aqueles que nelas acreditam”.

Khomeini retornou ao país e, antes de se dirigir a Qom, deteve-se por um curto tempo em Teerã. Todos queriam vê-lo e milhões de pessoas desejavam apertar sua mão. O prédio da escola no qual ele se instalara vivia cercado por multidões incalculáveis. Cada iraniano se achava no direito de se encontrar com o aiatolá. Um ambiente de euforia e de grande exaltação reinava por toda parte. As pessoas se abraçavam e davam tapinhas nas costas umas das outras, como se quisessem dizer: “Está vendo? Nós somos capazes de qualquer coisa!”.

Como é raro um povo ter a oportunidade de vivenciar momentos assim! No entanto, naquele caso a sensação parecia totalmente natural e justificada. A Grande Civilização do xá jazia em ruínas. Pensando bem, o que ela fora, afinal? Um corpo estranho enxertado e, finalmente, rejeitado. A tentativa de impor determinado estilo de vida a uma sociedade acostumada a outros valores e tradições. Foi uma situação forçada; uma operação cirúrgica na qual era mais importante a operação em si que a sobrevivência do paciente e, acima de tudo, que a garantia de que ele continuaria sendo ele mesmo.

A rejeição de um enxerto — como é inexorável esse processo, uma vez iniciado! Basta uma sociedade se convencer de que a forma de existência que lhe foi imposta traz mais danos que benefícios para logo começar a demonstrar seu desagrado — primeiro de modo oculto e passivo, depois cada vez mais abertamente e de forma mais assertiva. Ela não descansaria enquanto não eliminasse de seu organismo aquele corpo estranho que lhe fora implantado à força. Ela se mostrará surda a todas as formas de persuasão e a todos os argumentos; ela se tornará febril e incapaz de qualquer tipo de reflexão sadia. Afinal, no meio dos fundamentos da Grande Civilização não deixaram de existir uma ou outra nobre intenção, nem um ou outro belo ideal. Mas o povo via-os exclusivamente sob a forma de uma caricatura, ou seja, com a aparência que os ideais adotam quando passam da

teoria para a prática. Por isso até os mais nobres ideais tornaram-se suspeitos.

E depois? O que veio em seguida? Sobre o que devo escrever agora? Sobre como termina uma grande vivência? Eis um tema melancólico, pois uma rebelião é uma vivência e tanto, uma aventura espiritual. Deem uma olhada nas pessoas que participam de um motim — elas estão nervosas, excitadas, prontas para quaisquer sacrifícios. Naquele momento, elas vivem num mundo monotemático, limitado apenas por uma ideia fixa — a de atingir o objetivo desejado. Todos os obstáculos serão transpostos, todos os inconvenientes serão superados, nenhum sacrifício será grande demais. A rebelião nos libera do nosso próprio ego, do nosso ego cotidiano, que, a essa altura, nos parece pequeno, indefinido e até estranho para nós mesmos. Surpresos, encontramos em nós fontes de energia das quais não tínhamos a menor ideia e somos capazes de atos tão sublimes que chegamos a nos espantar. E como nos sentimos orgulhosos de ter conseguido nos erguer tão alto! Quanta satisfação por termos dado tanto de nós! Mas chega um momento em que tal estado de euforia se extingue e tudo acaba. Involuntariamente, e por mero reflexo, ainda repetimos gestos e palavras, queremos que tudo continue sendo como foi ontem, mas já nos damos conta — e essa descoberta nos enche de pavor — de que o ontem nunca mais se repetirá. Olhamos em volta e fazemos uma nova descoberta — a de que todos os que estiveram conosco ontem também mudaram, que algo neles se apagou, que seu fogo interno se extinguiu. De repente, a nossa comunidade se rompe e cada um retorna a seu próprio ego, que no início parece nos incomodar como um terno mal cortado. Mas em seguida nos damos conta de que aquele é o nosso único terno e que não teremos nenhum outro. Tentamos não trocar olhares, evitamos conversas, deixamos de ser úteis uns aos outros.

Aquela repentina queda de temperatura, aquela mudança de clima, faz parte das mais desagradáveis e depressivas experiências. Começa um dia no qual algo deve acontecer — e nada acontece. Ninguém nos chama, ninguém nos aguarda, somos dispensáveis. Começamos a nos sentir cansados e, aos

poucos, somos tomados por uma sensação de profunda apatia. Dizemos a nós mesmos: “Preciso recuperar as forças”. Sentimos uma premente necessidade de aspirar ar puro e fazer algo trivial e cotidiano como arrumar o quarto ou consertar a janela. Trata-se de ações defensivas para evitarmos a iminente depressão. E assim fazemos um esforço e consertamos a janela. Mas não nos sentimos melhor, tampouco estamos alegres — incomoda-nos o tédio que carregamos dentro de nós.

Eu também fui afetado por esse ambiente que se cria quando estamos sentados diante de uma fogueira que se extingue. Fiquei vagando por Teerã, da qual foram desaparecendo os vestígios dos acontecimentos do dia anterior. Desapareciam tão rapidamente que alguém poderia ter a impressão de que nada havia acontecido ali. Um ou outro cinema incendiado, alguns bancos destruídos — símbolos de influências estrangeiras. A revolução dá uma importância toda especial a símbolos e destrói monumentos, erguendo outros — os seus — no lugar, pois quer se reforçar e espera sobreviver dessa maneira um tanto metafórica. Mas o que aconteceu com as pessoas? Voltaram a ser simples transeuntes, inseridas no tedioso panorama de uma cidade acinzentada. Elas vão para algum lugar ou ficam paradas junto de aquecedores colocados nas ruas para aquecer as mãos. Voltam a se fechar em si mesmas, separadas umas das outras e pouco dispostas a conversar. Elas ainda estavam esperando por algo especial que pudesse acontecer? Não sei, eu não saberia dizer.

Tudo o que representa a parte externa, a parte visível da revolução, desaparece rapidamente. Um homem — como indivíduo — possui milhares de meios através dos quais pode expor seus sentimentos e suas ideias. Ele é uma inesgotável fonte de riqueza, um mundo no qual sempre descobrimos algo novo. Já uma multidão reduz a individualidade de uma pessoa, fazendo com que o comportamento de um homem no meio de uma multidão limite-se a apenas algumas atitudes elementares. As formas usadas pela multidão para expressar suas aspirações são extremamente pobres e sempre as mesmas — manifestação, greve, comício, barricada. Por isso é possível escrever uma novela sobre um homem, mas é totalmente impossível

escrever uma sobre a multidão. Quando uma multidão se dispersa e todos os seus integrantes voltam para casa, dizemos que a revolução chegou ao fim.

Passei a visitar as sedes dos comitês — assim eram chamados os órgãos no novo poder. Encontrei homens com barba por fazer sentados atrás de mesas em pequenas e desorganizadas salas. Eu não conhecia nenhum deles. Ao me dirigir a uma dessas sedes, eu trazia anotados na mente os sobrenomes das pessoas que durante o governo do xá tinham feito parte da oposição ou se mantido afastadas da política. Usando um raciocínio lógico, imaginei que elas teriam assumido o poder. Perguntei por essas pessoas repetidas vezes. Os membros dos comitês não sabiam onde podiam ser encontradas. De qualquer modo, de uma coisa tinham certeza — nenhum dos homens que mencionei encontrava-se ali. Aquela configuração na qual um detinha o poder, outro era da oposição, um terceiro ganhava dinheiro e um quarto criticava tudo, toda aquela montagem elaborada com tanto capricho e que durara por tantos anos fora derrubada pela revolução como um castelo de cartas. Para aqueles selvagens barbudos que mal sabiam ler e escrever, os homens pelos quais indaguei não tinham nenhum significado. Em que poderia interessá-los o fato de que, anos antes, Hafez Farman criticara o xá e, por causa disso, perdera o emprego? Ou que Kulsum Kitab comportara-se como um patife e ganhara muito dinheiro? Aquilo pertencia ao passado; aquele mundo já não existia. A revolução fez emergir pessoas totalmente novas e deu poder a elas, pessoas ainda ontem anônimas e desconhecidas de todos. Os barbudos dos comitês passavam dias inteiros discutindo. Discutindo o quê? O que deveriam fazer. Sim, pois afinal de contas um comitê deveria fazer alguma coisa. Cada membro queria expressar sua opinião diante dos demais. Era visível a importância que davam a isso, pois mais tarde poderiam dizer a seus vizinhos: “Fiz um discurso”, e as pessoas poderiam perguntar umas às outras “Você ouviu o discurso dele?”, e, ao andar pela rua, poderiam ser parados por um transeunte, que diria, com a voz cheia de respeito: “Achei seu discurso muito interessante!”. E assim, aos poucos, começou a se estabelecer uma hierarquia

informal, com o topo ocupado pelos que faziam discursos contundentes e os patamares inferiores pelos introvertidos, pelos que tinham problemas de dicção, pelos que não conseguiam vencer a timidez e, por fim, pelos que não viam nenhum sentido em discursos intermináveis. No dia seguinte o comitê voltava a discutir como se nada tivesse acontecido no dia anterior — como se fosse preciso recomeçar tudo do início.

A revolução do Irã foi a 27^a que presenciei no Terceiro Mundo. Em meio à fumaça e aos disparos, mudavam os líderes, mudavam os governos, as poltronas passavam a ser ocupadas por novos personagens, mas uma coisa jamais mudava, algo indestrutível e — temo até dizê-lo — eterno: o desamparo. Como aquelas visitas às sedes dos comitês iranianos me lembravam o que vi na Bolívia, em Moçambique, no Sudão e em Benin! “O que fazer? Você sabe o que fazer?” “Eu? Não tenho a mais vaga ideia. Achei que você soubesse.” “Eu? Eu botaria pra quebrar!” “O que você quer dizer com isso? Como se bota pra quebrar?” “Bem, tenho de admitir que isso é um problema.” Todos concordam que se trata de um problema que merece ser discutido. Salas abafadas e cheias de fumaça de cigarro. Discursos melhores e piores — alguns até excelentes. Após um discurso de fato brilhante, todos se sentem satisfeitos — afinal participaram de algo realmente bem-sucedido.

Isso tudo passou a me intrigar a tal ponto que resolvi me instalar na sede de um dos comitês (sob o pretexto de aguardar por uma pessoa que não estava), só para poder observar como transcorria o processo de solução de uma questão simples. Afinal de contas, a vida consiste em resolver problemas, e, quando os problemas são resolvidos de forma correta e todos estão satisfeitos, então temos o progresso. Não tardou muito para aparecer uma mulher em busca de um certificado. Por azar, o homem que deveria atendê-la participava naquele momento de uma discussão. A mulher ficou aguardando. Aqui as pessoas têm uma impressionante capacidade de esperar — elas conseguem se transformar numa pedra e permanecer imóveis até o fim dos dias. Finalmente o tal sujeito veio falar com ela e teve início uma conversa. A mulher disse alguma coisa e o homem fez perguntas; quando a

mulher fez perguntas, quem ficou falando foi o homem. Depois daquele longo diálogo, os dois pareciam ter chegado a um acordo, e então teve início a busca de um pedaço de papel. Havia dezenas das mais diversas folhas sobre a mesa, mas tudo indicava que nenhuma delas era a adequada. O homem sumiu — provavelmente fora procurar o tal papel, porém, da mesma forma, também poderia ter ido ao bar do outro lado da rua tomar um chá (fazia muito calor). A mulher ficou esperando calada. O homem retornou, limpando a boca com grande satisfação (devia ter ido tomar aquele chá), mas trazendo o papel. Então teve início a parte mais dramática — a procura de um lápis. Não havia um mísero lápis em lugar nenhum, nem na mesa, nem nas gavetas, nem no chão. Emprestei ao homem a minha caneta esferográfica. Ele sorriu agradecido, enquanto a mulher soltava um suspiro de alívio. O homem sentou-se para escrever o tal certificado e no mesmo instante se deu conta de que não sabia ao certo o que deveria certificar, então voltou a conversar com a mulher, sacudindo a cabeça. Finalmente, o documento ficou pronto, mas tinha que ser assinado por um superior hierárquico. O superior, no entanto, não se encontrava no local; estava discutindo em outro comitê e não havia como entrar em contato com ele por telefone porque o aparelho não estava funcionando. Esperar. A mulher voltou a se transformar numa pedra e o homem sumiu. E eu fui tomar chá.

Mais tarde, o homem terá aprendido a redigir declarações e saberá fazer muitas outras coisas. Mas, após alguns anos, haverá um novo golpe — o homem que já conhecemos irá embora; seu lugar será ocupado por outro e terá início uma nova procura por lápis e folhas de papel. A mesma mulher, ou outra, ficará esperando, transformada em pedra. Alguém emprestará sua caneta e o superior hierárquico estará ocupado numa discussão. E aquela gente toda, assim como a que a precedeu, voltará a se mover no encantado círculo do desamparo. E quem criou esse círculo? No Irã, foi o xá. O monarca acreditava que a chave do desenvolvimento eram a cidade e a indústria, mas estava totalmente errado. A chave do desenvolvimento é o campo. O xá entrava em êxtase diante da visão de usinas atômicas, de linhas

de produção comandadas por computadores e de polos petroquímicos. Só que, num país atrasado, tudo isso não passava de uma ilusória e vazia embalagem da modernidade. Em países assim, a maior parte da população vive em vilarejos pobres, dos quais foge para as cidades. Essa gente compõe uma força jovem e enérgica que pouco sabe (na maioria, trata-se de analfabetos sem nenhuma habilitação), mas que é provida de grande ambição e está pronta a lutar por tudo. Ao chegarem à cidade, esses migrantes encontram uma estrutura entrincheirada que, de uma forma ou de outra, está ligada ao poder dominante. Assim, eles primeiro olham em volta, avaliam a situação, assumem postos de principiantes e partem para o ataque. Em sua luta, lançam mão da ideologia trazida de seus vilarejos, que, via de regra, é a religião. E, como constituem uma força que realmente almeja ascender e avançar, costumam vencer. E então o poder passa para suas mãos. Mas o que fazer com ele? Começam a discutir e entram em um círculo encantado de desamparo. O país sobrevive miseravelmente, pois um país precisa sobreviver, mas eles passam a viver cada vez melhor. Durante certo tempo vivem em paz — seus sucessores ainda estão correndo pelas estepes, pastoreando camelos e cuidando de rebanhos de cabras. Mas eles logo vão prosperar, migrar para a cidade e começar a lutar. O que há de importante nisso tudo? O fato de os novos serem providos mais de ambição do que de conhecimento. Daí resulta que a cada golpe de Estado o país recua ao ponto inicial e começa do zero, já que a nova geração de vencedores tem que aprender tudo o que a geração derrotada aprendeu com tanto esforço e dedicação. Isso significa que os derrotados eram hábeis e sábios? De modo algum. A gênese da geração anterior foi idêntica à da que a substituiu. E como é possível livrar-se de tal círculo encantado de desamparo? Somente através do desenvolvimento do campo. Quanto mais atrasados forem os vilarejos, mais atrasado será o país, mesmo que ele tenha 5 mil fábricas. Enquanto um filho que migrou para a cidade for visitar o seu vilarejo natal como se estivesse visitando um país exótico, a nação à qual ele pertence nunca será moderna.

Durante as discussões travadas nos comitês sobre a questão “O que fazer em seguida?”, todos concordavam num ponto: a vingança tinha que vir em primeiro lugar. E, assim, tiveram início as execuções. As pessoas pareciam extrair algum tipo de prazer nessa atividade. Os jornais, além de estampar nas primeiras páginas fotos de homens com olhos vendados e de garotos apontando armas para eles, deliciam-se em descrever longa e detalhadamente tudo o que se passara: as derradeiras palavras do condenado, como ele se comportou, o que escreveu em sua última carta. As execuções causaram uma onda de indignação na Europa, uma indignação não compreendida pelos iranianos, para quem o conceito de vingança é tão velho quanto o mundo. Suas raízes datam de tempos imemoriais. Um xá reinou por certo tempo e, depois, cortaram-lhe a cabeça. Foi substituído por outro, que também acabou decapitado. De que outra forma é possível se livrar de um xá? Dificilmente ele abdicaria de livre e espontânea vontade. Deixar vivos o xá ou o seu *entourage*? Eles não tardariam em formar um exército e retomar o poder. Metê-los numa cadeia? Eles subornariam os guardas, recuperariam a liberdade e passariam a massacrar aqueles que os derrotaram. Numa situação como essa, matar é uma espécie de reflexo condicionado do instinto de preservação. Estamos num mundo no qual o direito não é entendido como uma proteção do ser humano, mas como um instrumento de destruição do adversário. Sim, soa cruel e é um conceito de uma horrível e implacável impiedade. Numa reunião com correspondentes estrangeiros, o aiatolá Khalkhali nos contou que, logo após a condenação à morte do ex-premiê Hoveida, começou a desconfiar dos integrantes do pelotão de fuzilamento escolhido para executar a sentença. Temeu que eles pudessem soltá-lo. Diante disso, meteu Hoveida em seu próprio carro. Era noite e, segundo Khalkhali afirmou, ele e Hoveida ficaram conversando — não disse sobre o quê. O tempo foi passando e Khalkhali ia procurando mentalmente por mãos confiáveis às quais pudesse entregar Hoveida. Por fim, lembrou-se de determinado comitê próximo ao bazar. Levou Hoveida para lá, deixou-o e foi embora.

Tento compreendê-los, mas a cada instante atolo num terreno escuro. Eles têm outra atitude em relação à vida e à morte. Reagem de forma diferente diante da visão do sangue. A visão do sangue desperta neles uma tensão interna, como um transe místico; vejo seus gestos agitados, ouço seus gritos animados. O dono de um restaurante próximo do meu hotel chegou com seu carro novo — um caríssimo Pontiac dourado, recém-saído da concessionária. Assim que estacionou, uma agitação começou à sua volta, enquanto no pátio ouviam-se os pios desesperados de galinhas sendo degoladas. As pessoas pegavam o sangue delas, lambuzavam-se com ele e em seguida lambuzavam a carroceria do Pontiac, que, coberto de sangue, mudou de cor, passando de dourado para vermelho. Aquilo era o batismo do veículo. Ao verem sangue, os iranianos correm em sua direção para mergulhar as mãos nele. Indagados, não sabem me explicar por que aquilo é necessário.

Uma vez por semana, durante algumas horas essa gente é capaz de exibir uma extraordinária disciplina. Isso ocorre às sextas-feiras, na hora da reza. De manhãzinha, chega à grande praça um devoto muçulmano, que estende seu pequeno tapete e se ajoelha na beira dele. Depois, chega, um segundo, que coloca o seu tapetezinho ao lado daquele primeiro, muito embora a praça esteja vazia. Depois chegam o terceiro, o quarto, o centésimo, o milésimo, o milionésimo. Todos estendem seus tapetezinhos e se ajoelham em fileiras rigorosamente alinhadas e com o rosto virado na direção de Meca. Cerca de meio-dia, o líder das orações de sexta-feira inicia o ritual. Todos se levantam e se inclinam sete vezes. Em seguida, endireitam-se, inclinam o corpo até os quadris, caem de joelhos, voltam a inclinar o corpo até tocarem o chão com a testa, sentam-se sobre os calcanhares e voltam a se prostrar. O irrepreensível e imperturbável movimento de milhões de corpos é uma visão difícil de descrever e, para mim, bastante assustadora. Felizmente, assim que as orações terminam as fileiras se desfazem; as pessoas começam a conversar entre si e eu me vejo de volta a um ambiente livre e relaxado.

Não se passa muito tempo até que a discordância mostre a sua face no meio dos revolucionários. Todos eram contrários ao xá e queriam afastá-lo do poder, mas cada um imaginou o futuro de forma diferente. Um grupo acreditava que o país adotaria uma democracia do tipo que tivera a oportunidade de conhecer na França ou na Suíça. Mas esse foi precisamente o primeiro a ser derrotado quando começou a luta após a queda do xá. Era formado por homens sábios e inteligentes, porém fracos. De saída, eles se defrontaram com um paradoxo: uma democracia não pode ser imposta à força; ela deve ter o apoio da maioria. Só que a maioria queria aquilo que Khomeini pretendia — uma república islâmica. E, assim, com a saída de cena dos liberais, sobraram os partidários da república, mas mesmo entre eles surgiu uma disputa, com a parte mais rígida e conservadora sobrepondo-se à mais esclarecida e aberta. Eu conhecia pessoas de ambos os lados e cada vez que me vi forçado a definir por qual deles nutria mais simpatia era invadido por uma onda de pessimismo. O líder dos esclarecidos era Bani Sadr. Magro, com o corpo levemente encurvado e sempre vestido com uma camisa polo, vivia discursando, persuadindo e metendo-se em discussões. Tinha milhares de ideias, falava demais, desenvolvia teses sem fim, escrevia livros num linguajar confuso e difícil. Em países como esse, um intelectual na política sempre está fora do lugar. Um intelectual tem ideias demais, vive cheio de dúvidas existenciais, batendo com a cabeça nas paredes. De que serve um líder que não sabe com precisão o que quer? Já Beheshti, um representante da linha dura, jamais agia de tal forma. Ele convocava o seu pessoal, dava ordens e todos lhe ficavam gratos por saberem exatamente o que fazer e como agir. Beheshti detinha as rédeas da liderança xiita, enquanto Bani Sadr contava com amigos e simpatizantes. A base de Bani Sadr era formada por intelectuais, estudantes e *mujahidin*, enquanto a de Beheshti, pelas multidões prontas a seguir as orientações dos mulás. Estava claro que Bani Sadr perderia. Mas Beheshti também acabaria caindo pela mão do Caridoso e Misericordioso.

Gangues armadas surgiram nas ruas. Eram grupos de homens jovens e fortes, com punhos de facas à mostra nos bolsos traseiros. Atacavam

estudantes — ambulâncias saíam das escolas superiores levando universitárias feridas. Novas manifestações começaram, com multidões agitando punhos cerrados no ar. Só que dessa vez... contra quem? Contra o homem que escrevia livros numa linguagem empolada e difícil de ser entendida. Milhões de pessoas estavam desempregadas, os camponeses continuavam morando em choupanas miseráveis, mas quem se interessava por tal tipo de detalhe? Os homens de Beheshti estavam ocupados com outra atividade — com o combate à contrarrevolução. Sim, finalmente sabiam o que dizer e o que fazer. Você não tem o que comer? Não tem onde morar? Nós lhe mostraremos o causador da sua desgraça. É o contrarrevolucionário. Derrote-o, e você começará a viver com dignidade. Mas como ele pode ser considerado um contrarrevolucionário se nós lutamos junto com ele contra o xá? Aquilo foi ontem; hoje, ele é seu inimigo. Ao ouvir isso, a inflamada multidão parte para o ataque, sem se dar ao trabalho de pensar se aquele inimigo é um inimigo de verdade. Só que não se pode culpar uma multidão, pois tudo o que ela almeja é viver melhor; ela não é dotada de saber. Na verdade, ela não consegue entender como é possível que após tantos levantes, sacrifícios e renúncias sua vida não melhorou e a esperada melhoria continua distante.

Entre meus amigos reinava a depressão. Como sempre em ocasiões difíceis, eles, os intelectuais, perdiam a força e a fé. Pareciam mover-se envoltos na escuridão, sem saber para que lado se voltar. Estavam com medo e frustrados. Eles, que nunca haviam deixado de participar de uma manifestação, de repente passaram a temer a multidão. Ao conversar com eles, eu pensava no xá. O xá viajava pelo mundo; volta e meia seu rosto cada vez mais magro aparecia nas páginas dos jornais. Até o fim de seus dias ele acreditou piamente que retornaria ao país. E, embora não tenha retornado, muita coisa do que ele fez permaneceu. Um déspota pode ser derrubado e exilado, mas nenhuma ditadura acaba por completo com a partida dele. A condição *sine qua non* da existência de uma ditadura é a ignorância das massas, razão pela qual todos os ditadores zelam tanto por ela e a cultivam tanto. Para modificar tal estado de coisas, são necessárias várias gerações.

Enquanto isso não ocorre, os que derrubaram um ditador passam — involuntariamente e contra todos os seus princípios — a agir como seus herdeiros, perpetuando, com a sua postura e forma de pensar, a mesma época que acabaram de destruir. E o fazem de maneira tão involuntária e inconsciente que, caso os censurássemos por isso, eles explodiriam numa genuína e santa indignação. Mas será justo culpar o xá por tudo? Afinal, ele herdara uma tradição e movia-se nos limites dos costumes estabelecidos havia séculos. É difícil atravessar tais fronteiras — é muito difícil mudar o passado.

Quando quero melhorar meu estado de espírito e passar alguns momentos agradáveis, vou para a rua Ferdusi, na qual o sr. Ferdusi tem uma loja de tapetes persas. O sr. Ferdusi, que passou a vida toda no meio da arte e da beleza, olha para a realidade como para um filme de segunda categoria num cinema pulguento. “Tudo é questão de bom gosto”, ele me diz. “A coisa mais importante, meu caro senhor, é ter bom gosto. O mundo teria outro aspecto se mais pessoas tivessem pelo menos um punhadinho de bom gosto. Todos esses horrores como a mentira, a traição, o roubo e a delação têm um denominador comum: eles são praticados por pessoas sem um pinga de bom gosto.”

O sr. Ferdusi está convencido de que a nação se sobreporá a tudo e que a beleza é indestrutível. “O senhor não pode esquecer”, diz ele, desenrolando um novo tapete (que ele sabe que não vou comprar, mas faz questão de que eu possa alegrar os meus olhos com sua beleza), “que aquilo que fez com que os persas permanecessem persas por 2500 anos e que nos permitiu ser o que somos apesar de tantas guerras, invasões e ocupações, foi sempre a nossa força moral, e não a material. A nossa poesia, e não a técnica; a nossa religião, e não uma porção de fábricas. O que demos ao mundo? Demos a poesia, a miniatura e o tapete. Como o senhor pode ver, se partirmos de um ponto de vista prático, trata-se de coisas sem nenhuma utilidade concreta. Mas foi exatamente nesse ponto que nos diferenciamos do resto do mundo: nós lhe demos essa maravilhosa e inimitável inutilidade. O que demos ao mundo não tem por função tornar a vida mais fácil, mas enfeitá-la, se é que

uma distinção dessas faz algum sentido. Porque para nós um tapete é uma coisa vital. O senhor estende um tapete sobre a areia de um terrível e escaldante deserto, deita-se nele e se sente como se estivesse deitado num prado verdejante. Sim, os nossos tapetes lembram campos floridos. O senhor pode ver neles flores, jardins, pequenas lagoas e fontes. No meio dos arbustos passeiam pavões. E um tapete de qualidade é um artigo duradouro, capaz de manter o seu colorido por séculos. E assim, vivendo num inóspito e monótono deserto, o senhor se sente como se estivesse num eterno jardim, que jamais perderá suas cores e seu frescor. E, se fizer um esforço, o senhor poderá imaginar que esse jardim tem cheiro, que se pode ouvir o murmúrio de um riacho e o canto dos pássaros. E então o senhor se sente feliz, como alguém que foi privilegiado e que está próximo do céu. O senhor é então um poeta.”

Posfácio

Ruínas do poder absoluto

Dorrit Harazim

Ryszard Kapuściński morreu, quem diria, de morte natural num impecável quarto de hospital de Varsóvia, na moderna Polônia capitalista de 2007. Conseguiu, inclusive, chegar à terceira idade, ultrapassando a expectativa de vida média dos homens de seu país, que naquele ano era de 71,18 anos.

Nada mal para esse ex-coroinha que se tornara um dos mais celebrados correspondentes de guerra de sua geração e cuja vida sugeria um final bem mais abrupto, dramático ou insólito. Afinal, segundo o currículo que construiu para si, ele cobriu 27 golpes e revoluções mundo afora, foi preso, detido ou esteve em mãos de algum grupo rebelde em quarenta ocasiões, contraiu tuberculose e malária cerebral, e escapou de quatro condenações à morte — uma delas por fuzilamento, no Congo.

Mas nada em Kapuściński pertence ao ordinário. Como repórter da agência de notícias da Polônia comunista dos anos 1960, passou onze anos enviando despachos diários de algum ponto distante do mundo. Na verdade, a Polska Agencja Prasowa funcionava com um único correspondente no exterior, e por isso cabia a “Kap” cobrir os acontecimentos em cinquenta países. A maior parte deles ficava na África. Mas também incluía cantos

esquecidos da América Latina e pontos em ebulição no subcontinente asiático.

Eram tempos em que os fatos não circulavam ininterruptamente de um a outro lado do planeta. Não havia a notícia instantânea. Ao contrário de hoje, a informação levava tempo para chegar às rádios, jornais ou noticiários de televisão. Eram tempos em que os deslocamentos físicos dos repórteres levavam dias, e as transmissões eram medievais. Em suma, naqueles dias um jornalista se sentia mais próximo de um explorador. Sobretudo Kapuściński, que, entre os cinquenta países que cobria, não contava com nenhum que fosse nem sequer a periferia de um centro de poder mundial da época. Seu raio de atuação assemelhava-se mais a um roteiro saído da cabeça do brasileiro Josué de Castro, autor de *Geografia da fome*. Dificilmente um repórter com ambição de vitaminar o currículo com coberturas de reuniões de cúpula ou momentos empolgantes da história aceitaria passar mais de uma década cumprindo o mesmo programa do aplicado e discreto polonês.

Estranho espécime de jornalista, ele era. Jamais usou gravador nem se apresentou a um entrevistado com uma lista de temas para sabatina. Tampouco fez uma única pergunta durante as mais de quinhentas entrevistas coletivas de que participou mundo afora. Quando desejava saber algo específico, pedia a um colega que fizesse a pergunta em seu lugar. Garantia se lembrar sempre das duas ou três frases fundamentais ditas por seus entrevistados, e preferia manter os sentidos soltos, sem anotar nada na hora, para “perceber o resto”. Nunca considerou essencial cravar se alguém foi morto com quatro ou cinco tiros — o que importava era que o morto estava morto.

Mas Kapuściński sabia o que procurava e adotou uma forma de apuração que desafiava qualquer manual de redação. Saía a campo com dois blocos de notas no bolso. Em um deles, registrava os fatos brutos, substantivos, que transformava em despachos para a agência. O segundo era reservado a impressões, experiências pessoais, sensações e pensamentos, que ia anotando entre uma ida a Kisangani, Daomé (hoje Benin), Teerã, Kigali, Kodok e Adis-Abeba.

Desse segundo e fecundo lote de blocos, cujas páginas forravam as paredes de sua casa em Varsóvia, nasceu uma obra jornalístico-literária composta de mais de vinte biografias, reportagens, memórias e poesia, traduzidas para trinta idiomas.

Se no início da carreira Kapuściński se ausentava de Varsóvia durante longos anos, e publicava um livro esporadicamente, a partir de 1981 ele inverteu seu processo criativo. Cada vez menos interessado nos fatos estampados nos jornais, preferiu dedicar-se a estudar os movimentos da história que os motivavam. Passava longos meses em casa, lendo sobre determinado país, e só então empreendia uma viagem curta a fim de comprovar *in loco* o que lera. Considerava-se então apto a traduzir, sob a forma de livro, o mundo que captara. Sabendo que sua escrita misturava reportagem, rumações filosóficas e zelo literário, chamava seus livros de “textos”. “A pergunta se sou repórter ou escritor é anacrônica nos dias de hoje. Há tempos está claro que vivemos um período de miscigenação de gêneros”, declarou um ano antes de morrer.

O projeto mais ambicioso de Ryszard Kapuściński, do qual *O xá dos xás* faz parte, consumiu-lhe quase vinte anos e acabou se desviando do roteiro original. A ideia tomou forma com a publicação, em 1978, de *O imperador*, uma narrativa impressionista dos últimos dias de reinado do etíope Haile Selassie. O relato engenhosamente construído em torno de um ponto de vista incomum — o dos subalternos que teriam servido ao “Rei dos Reis” — tornou-se fenômeno editorial no mundo inteiro. Na Polônia, foi recebido como uma parábola sobre o poder que o comitê central do Partido Comunista exercia no país.

Selassie, que se orgulhava de ser o 225º monarca de uma linhagem ininterrupta iniciada com o rei Salomão e a rainha de Sabá, descrevia sua missão de forma soberana: “O monarca sabe do que o povo precisa; o povo não sabe”. Talvez tenha sido essa certeza imperial do ocupante do trono de Adis-Abeba o que levou Kapuściński a planejar seu ambicioso projeto. Decidiu escrever uma trilogia sobre a manifestação humana que considerava mais instigante: o exercício do poder absoluto. E seu colapso.

O imperador foi o primeiro volume. Sete anos mais tarde estava concluído o segundo, *O xá dos xás*. Faltava apenas o terceiro para completar o painel. Mas Idi Amin, que exerceu um poder maníaco sobre Uganda nos anos 1970, conseguiu derrotar o talento de Kapuściński. Embora o jornalista já tivesse acumulado toneladas de material sobre o ditador, admitiu não ter encontrado uma abordagem original para retratar o “açougueiro de Campala”, e jogou tudo fora.

Mudou então de rota e mergulhou naquela que já foi chamada a sua obra mais “cubista” — o monumental *Imperium*, sobre a implosão da União Soviética. Nesse livro, publicado em 1993, ele mescla relatos de suas viagens pelo império socialista com reflexões sobre o gênero humano. E demonstra como um banal flagrante de rua pode servir ao retrato da marcha da história.

“O mundo é um paraíso violento”, concluiu o escritor-jornalista quando achou que tinha testemunhado o suficiente.

Como em toda a sua obra, Ryszard Kapuściński se faz presente em *O xá dos xás*. Mas com uma técnica diferente da usada no retrato de Hailé Selassié. Enquanto o imperador etíope adquiriu textura através dos relatos dos criados palacianos que atendiam a todos os seus caprichos, no livro sobre a ascensão e a queda do xá Reza Pahlevi é o próprio “Kap” quem assume o papel de narrador, testemunha e protagonista. Ele sempre considerou que a informação pura, os acontecimentos por si, por mais dramáticos que sejam, exigem ser “traduzidos” para a literatura e complementados pelo olhar do autor.

A literatura somada ao jornalismo está abarrotada de autores que se inserem com naturalidade em seus enredos — Jon Krakauer, Hunter Thompson e Truman Capote são apenas alguns espécimes dessa tribo tão diversa. Mas, dentre todos, o estilo da narrativa de Kapuściński foi e continua sendo o mais polêmico. Conceituados acadêmicos especializados em estudos da África apontam uma miríade de erros factuais e objetam a interpretação subjetiva de fatos em sua obra. O premiado jornalista americano Adam Hochschild, autor do grandioso *O fantasma do rei*

Leopoldo — Uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial, cunhou uma expressão para definir os escritos do colega Kapuściński: “jornalismo mágico”.

O descompasso se situa na insistência de Kapuściński em sustentar que a busca de verdade pode transcender meros fatos. “Queixam-se que nunca menciono datas, que não cito nomes de ministros, que esqueço a ordem cronológica dos acontecimentos”, argumentou anos atrás. “Pois são coisas que evito deliberadamente. Quem quiser respostas a estas perguntas que consulte a biblioteca mais próxima. Ali encontrará o que procura: jornais da época, livros de referência, dicionários.”

Admiradores e defensores de peso, o escritor polonês tem em quantidade pelo menos igual. Por motivos quase opostos. “A literatura, hoje, extrai sua matéria da realidade, como Imre Kertész, V. S. Naipaul ou Ryszard Kapuściński o fazem. A ficção deixou de ser o cerne da literatura”, declarou o historiador e crítico literário sueco Horace Engdahl, membro do comitê de seleção do Nobel de literatura, ao ser indagado pelo semanário alemão *Der Spiegel* sobre o valor da obra de “Kap”.

O cineasta polonês Andrzej Wajda vê em seu conterrâneo a personificação “do homem livre que todos gostaríamos de ser: ele se sente em casa no mundo inteiro”. John le Carré o batiza de “prestidigitador da reportagem moderna”, e Salman Rushdie considera a obra do polonês “um matiz surpreendente de reportagem com arte”. A defesa mais temperada de Kapuściński é de autoria do veterano historiador do Terceiro Mundo, biógrafo de Charles de Gaulle e ex-jornalista da esquerda francesa, Jean Lacouture. “Mesmo uma mentira pode ser uma obra-prima”, ele assegura, e cita como exemplo a descrição que o imortal Chateaubriand faz da cidade de Washington em *Voyage en Amérique*, sem jamais ter pisado na capital americana.

A polêmica em torno do valor literário e da confiabilidade jornalística de Kapuściński adquiriu tons mais estridentes em 2010, com a publicação da primeira biografia não hagiográfica centrada nele. *Kapuściński non-fiction*, do jornalista polonês Artur Domoslawski, que teve acesso a fichas do

Instituto da Memória Nacional polonês, relata laços de “Kap” com os serviços de inteligência do regime comunista da época. Nada de tão surpreendente. O início da carreira do repórter globe-trotter para a agência noticiosa da Polônia coincidiu com os primeiros movimentos de independência das antigas colônias europeias na África e na Ásia — tema de interesse considerável para o bloco soviético. Mas, dado que a biografia de Domoslawski chegou às livrarias três anos após a morte do biografado, jamais se obterá a versão completa dessa faceta de sua atividade profissional.

Quanto à relação ambígua de Kapuściński com a realidade, o biógrafo é direto: “Prefiro colocar *O imperador* e *O xá dos xás* na estante da literatura de ficção. E não se trata de mentir ou de distorcer. Os textos de Kapuściński são apresentados sob formato jornalístico, uma vez que ele era privilegiadamente bem informado. Mas a narrativa se baseia numa busca de experimentação, e não de precisão factual”.

Ainda assim, que leitor não se maravilha com o recurso literário do autor de *O xá dos xás*, que narra a intrincada saga da dinastia Pahlevi a partir de uma astuciosa descrição de treze fotografias?

Em apenas um parágrafo o autor ilustra a fragilidade da futura sucessão de xá Reza, o Grande, “Rei dos Reis” e Sombra do Todo-Poderoso pelo filho Mohammed Reza Pahlevi.

Fotografia (3)

Compreenderá muitas coisas todo aquele que olhar com atenção para essa fotografia de pai e filho tirada em 1926. Na foto, o pai está com 48 anos e o filho com sete. O contraste entre eles é chocante sob qualquer ponto de vista: de um lado, a possante e peremptória figura do xá pai, com um olhar soturno e as mãos apoiadas nos quadris; de outro, a frágil e diminuta silhueta de um garoto pálido que mal chega à altura do cinturão do pai e que, nervoso e obediente, mantém-se em posição de sentido. Os dois vestem uniformes e quepes iguais, têm as mesmas botas, os mesmos cinturões e a mesma quantidade de botões — catorze. Essa identidade visual dos trajes é ideia do pai, que deseja que o filho se assemelhe a ele em todos os detalhes possíveis, embora o menino, na realidade, seja muito diferente. O filho pressente a intenção paterna e, embora seja fraco e inseguro por

natureza, decide esforçar-se ao máximo para, a qualquer preço, assumir a impiedosa e despótica personalidade do pai.

Kapuściński intercala a análise psicológica do que vê nas fotos com anotações históricas para traçar o apodrecimento do poder absoluto quando misturado a arroubos modernizantes. Por ordem do xá Reza, o fundador da dinastia, a Pérsia adormecida do início do século xx passa a se chamar Irã. Ele proíbe o uso de trajes locais — toda a população deve vestir ternos europeus, chapéu incluído —, o uso do xador é vetado às mulheres e passa a vigorar a interdição de se fotografar camelos (“um animal ultrapassado”, segundo o decreto do monarca). Ao longo desse percurso, o xá Reza se torna o maior senhor feudal do país, dono de quase 3 mil vilarejos e 250 mil camponeses neles estabelecidos.

Corte de cinco décadas para uma foto de setembro de 1973. Nela, o filho Mohammed Reza, então já entronizado, está cercado de microfones para anunciar ao mundo que tivera uma visão iluminadora: com a bonança do petróleo farto, ele transformará o Irã, até então um país atrasado e semianalfabeto, na quinta potência mundial no espaço de uma geração. Do palácio, o xá passa a emitir centenas de ordens que sacudirão a nação e, cinco anos depois, acabarão provocando a sua queda. Ele decide construir usinas nucleares, fábricas de produtos eletrônicos, usinas siderúrgicas — e determina que tudo seja montado e colocado em funcionamento imediatamente.

Infelizmente, o contentamento do monarca não durará muito. O desenvolvimento é um rio traiçoeiro, como sabem todos que tentaram mergulhar em sua corrente. Em sua superfície, a água parece correr calma e serena, mas basta o timoneiro manobrar a embarcação com desleixo e autoconfiança em excesso para logo constatar quantos remoinhos e bancos de areia ocultam-se em seu leito. [...] o xá fez compras bilionárias, e de todos os continentes partem navios com mercadorias rumo ao Irã. Só que, ao chegarem ao golfo Pérsico, revelou-se que o Irã não possuía portos (um dado que o xá desconhecia). Quer dizer, havia portos, mas eles eram pequenos e antiquados, incapazes de receber tal quantidade de cargas. Algumas centenas de navios foram obrigados a ficar ao largo, em alto-mar, aguardando — às vezes até por seis meses [...] o país não dispunha

de armazéns (um fato que o xá desconhecia). E assim, 1 milhão de toneladas dos mais diversos produtos ficou no deserto, exposto ao sol e debaixo de um insuportável calor tropical, sendo que a metade das mercadorias teve de ser jogada fora, já que eram alimentos e produtos químicos perecíveis. O que restou teve que ser levado para o interior do país, mas descobriu-se que o Irã não dispunha de um sistema de transportes adequado [...] Para resolver o problema, foram trazidos da Europa 2 mil caminhões, mas aí se descobriu que o Irã não dispunha de motoristas qualificados (um dado que o xá desconhecia). Após uma série de reuniões, alguns aviões foram enviados a Seul, de onde retornaram trazendo motoristas sul-coreanos.

Do colapso da visão modernizadora à necessidade de criar um estado de terror e uma polícia secreta capaz de silenciar o menor descontentamento, o caminho é rápido e sem volta. Kapuściński testemunhou essa mesma marcha da história tantas vezes e em tantos lugares que deixa de ser vital saber se no Irã ele efetivamente colheu os depoimentos que diz ter colhido; se o hotel sem nome de Teerã, onde ele teria sido o único e último hóspede após a debandada do xá e o triunfo da revolução xiita dos aiatolás, existiu mesmo e da forma descrita no livro; se muitos dos personagens e detalhes da vida iraniana que alimentam as páginas de *O xá dos xás* não seriam criações extraídas de viagens anteriores, relatos de terceiros, leituras volumosas ou análises minuciosas do noticiário da época.

A chave está na astúcia dos recursos escolhidos pelo autor. Seria difícil para o repórter de uma insignificante agência estatal polonesa ter acesso ao gabinete de Mohammed Reza no período mais megalomaníaco do monarca. Isso não impediu “Kap” de retratá-lo em pleno delírio de poder:

Enquanto isso, Mohammed Reza passa dias a fio em seu gabinete. Vi na televisão uma reportagem de seu interior. Uma das paredes está ocupada por um gigantesco mapa-múndi. A uma considerável distância do mapa, há uma grande e confortável poltrona, uma mesinha e três telefones. O que mais chama a atenção é o fato de o gabinete não conter nenhum outro móvel. Não há outras poltronas ou cadeiras. O xá ficava nele sozinho. Sentava-se na poltrona e olhava para o mapa.

Em compensação, a descrição precisa da petroburguesia iraniana, o excepcional resumo do que é ser xiita na história da Pérsia antiga e do Irã moderno, as pinceladas literárias para retratar a figura do aiatolá Khomeini fazem parte do ofício aperfeiçoado por esse jornalista que procurou traduzir o mundo para quem jamais o veria.

Assim como fazem parte das páginas de *O xá dos xás* frequentes generalizações, simplificações, reducionismos ou omissões.

Cabe a cada leitor decidir se quer enquadrar os textos de Ryszard Kapuściński no escaninho do jornalismo clássico, do jornalismo literário ou do “jornalismo mágico”, cunhado por Hochschild. Seja qual for o seu lugar, é difícil não continuar a leitura de um livro que começa assim:

A bagunça é tamanha que o lugar parece ter passado por uma violenta e nervosa batida policial. Por toda parte jazem papéis atirados a esmo, pilhas de jornais estrangeiros e locais, edições especiais, manchetes que saltam aos olhos informando que

ELE PARTIU

e grandes fotografias de um rosto magro e alongado, no qual é visível o concentrado esforço para não demonstrar nem nervosismo nem derrota — um rosto com traços tão bem-compostos que, na realidade, não demonstrava mais nada. E, junto das fotos, exemplares de outras edições especiais, com data posterior, anunciando de modo febril e triunfal que

ELE RETORNOU

e logo abaixo, preenchendo a página toda, a foto do rosto patriarcal, severo e fechado em si mesmo, sem desejo de expressar coisa nenhuma.

O credo literário do autor está contido em sua coletânea de poemas (*Notas*), publicada na Polônia em 1986, na qual escreve que “sobrevive apenas aquele que cria seu próprio mundo”. Segundo o influente diário *Gazeta Wyborcza*, de Varsóvia, a verdade para “Kap” não seria um fim em si, uma vez que a voz da verdade arriscaria ser afogada pela cacofonia geral das palavras, verdadeiras ou não. Sendo assim, para deixar a sua marca, não

seria essencial ser o porta-voz da verdade, e sim o criador de um mundo seu.

Críticos, admiradores ou simples leitores concordam pelo menos em uma coisa: Ryszard Kapuściński criou um mundo próprio em seus livros.

Créditos das imagens

p. 6 (Mohammed Reza Pahlevi e o xá Reza Pahlevi): Roger Viollet Collection/ Getty Images

p. 6 (xá Mohammed Reza Pahlevi): Keystone-France/ Gamma-Keystone via Getty Images

p. 7 (aiatolá Khomeini): Jean Gaumy/ Magnum Photos/ Latinstock

p. 7 (Mohammed Mossadegh): Carl Mydans/ Time Life Pictures/ Getty Images

Ryszard Kapus'cin'ski nasceu em 1932, em Pinsk, cidade então pertencente à Polônia e hoje integrante da Belarus. Foi correspondente estrangeiro da Agência Polaca de Notícias (PAP) por duas décadas e cobriu revoluções, guerras e conflitos em mais de dez países africanos, asiáticos e sul-americanos. Escreveu artigos para o The New York Times e para a Time. Dele, a Companhia das Letras publicou cinco livros, dentre os quais Ébano e Imperium.

Morreu em 2007.

Copyright © 1982 by Ryszard Kapuściński

Este livro recebeu o apoio financeiro
do Instituto do Livro polonês
(© Poland Translation Program).



*Grafia atualizada segundo o
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Szachinszach

Capa
João Baptista da Costa Aguiar

Preparação
Ciça Caropreso
Beatriz Antunes

Revisão
Ana Maria Barbosa
Valquíria Della Pozza

ISBN 978-85-8086-325-3

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz ltda.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
WWW.BLOGDACOMPANHIA.COM.BR